DEZEMBRO/JANEIRO/92 - Nº 521 - ANO 48 - Cr$ 2.800,00

a granja

A REVISTA DO LÍDER RURAL

Edição de aniversário

Mesa-redonda com os líderes do agribusiness brasileiro

48 anos com cheiro da terra

O ano agrícola/92

O que mudou e o que vai mudar na agropecuária

DEPOIMENTO:

Os planos de Fleury para o campo

Você comeria carne de veado ?

EDITORA CENTAURUS

Nort \ West

® marca registrada Roussel Uclaf

Tifon 250 SC é o piretróide seletivo para o controle da lagarta da soja que devora a plantação. Tifon 250 SC é uma formulação em suspensão concentrada que garante alta eficiência e maior período de controle,

SE ESSA FOLHA FOSSE DE SOJA NÃO SOBRAVA NENHUMA LINHA PRA CONTAR A HISTÓRIA.

o que faz do Tifon 250 SC um produto econômico no resultado final.

Use Tifon 250 SC e em vez de engordar a lagarta da soja engorde os lucros.

ATENÇÃO: Este produto pode ser perigoso à saúde do homem, animais e ao meio ambiente. Leia atentamente o rótulo e faça-o a quem não souber ler. Siga as instruções de uso. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual, (macacão, luvas, botas, máscara, etc). Consulte um Engenheiro Agrônomo.

ANDEF

VENDA SOB RECEITUÁRIO AGRONÔMICO

Fabricante:

QUIMIO
Divisão Agroquímica

Distribuidor:

Hoechst

DEPOIMENTO

Fleury diz que a retomada do crescimento começa pela agricultura

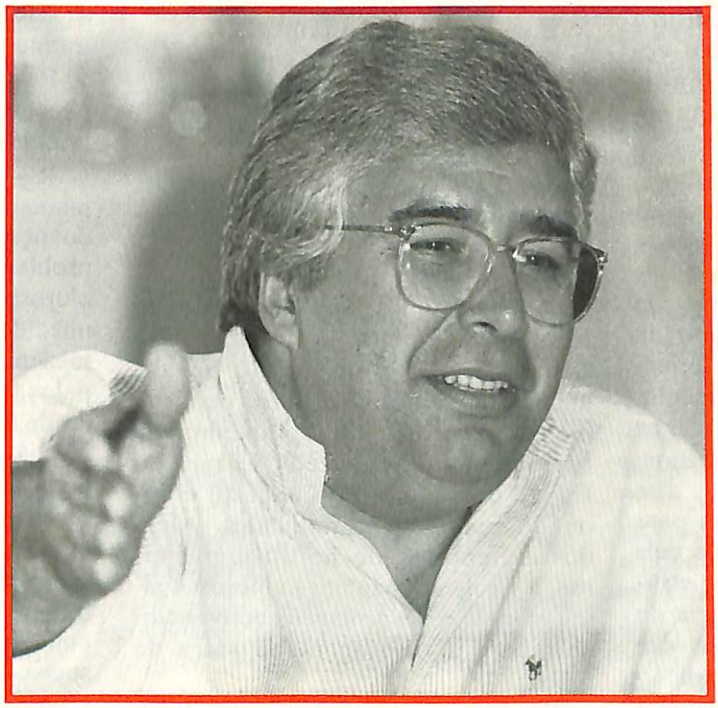
Uma das primeiras determinações de Luiz Antônio Fleury Filho, ao assumir o governo de São Paulo, em março passado, foi reduzir a carga tributária. Esta medida isentou o produtor agrícola do pagamento de ICMS na compra de fertilizantes, corretivos, defensivos, entre outros. No setor de máquinas e implementos o imposto continua, porém sofreu redução, baixando de 18% para 8,8%. A posição definida por Fleury é isentar todos os componentes da cesta básica, meta ainda não alcançada porque há Estados que discordam, e o Confaz só decide em caso de unanimidade.

Na década de 60, a agricultura paulista dependia de uma única cultura: o café. A colocação de todos os ovos na mesma cesta serviu de lição ao produtor, que sentiu um gosto amargo quando os preços despencaram. Hoje, a diversificação de culturas coloca São Paulo entre os primeiros do ranking mundial, sendo a cana-de-açúcar e a laranja os principais produtos.

Já o desaparecimento da agricultura de subsistência, para o governador, é um reflexo dos novos tempos no meio rural, desde os anos 70. E para amenizar o problema, a administração governamental vem protegendo a pequena produção familiar, através de assentamentos fundiários.

Fleury, que em março estará completando 43 anos de idade, é bacharel em Direito, casado, tem três filhos e nasceu em São José do Rio Preto. Para ele, o momento nacional exige que as autoridades federais enxerguem que há apenas uma saída para a economia brasileira: a agricultura. "Sou a favor de uma política global de apoio a este setor, com a volta dos subsídios, crédito racional, preço mínimo favorável e apoio à comercialização interna e externa das safras.

Acompanhe, a seguir, o desempenho da agropecuária paulistana.



O governador de São Paulo acredita que somente com calagem e adubação correta o Estado de São Paulo dobra a sua produção de área plantada

***A Granja* — Como vai a agricultura paulista?**

Luiz Antônio Fleury Filho — A exemplo do que acontece com toda a economia brasileira, a agricultura também enfrenta uma de suas maiores crises. Nos últimos cinco anos, os produtores de São Paulo sofreram uma perda de receita superior a US$ 11 bilhões, em conseqüência de uma grande queda no preço real dos produtos agrícolas. Muitos agricultores, descapitalizados e impossibilitados de investir no aumento de produtividade, estão transformando culturas tradicionais em pastagens, o que aumentou o êxodo rural. O mais grave de tudo é que não estamos colhendo o suficiente para alimentar a nossa produção.

P — Quais são as metas para a agricultura no governo de São Pau-

lo e o que está sendo feito para atingi-las?

R — Até o final de nosso governo esperamos acabar com o déficit do abastecimento no Estado, especialmente na área de alimentos básicos. Para isso, logo nos primeiros dias de governo, cuidamos de reduzir a carga tributária. Na prática, o produtor agrícola ficou isento de ICMS na compra de fertilizantes, corretivos de solo, defensivos agrícolas, etc. No caso de máquinas e implementos agrícolas, o ICMS continua, mas com forte redução: de 18% para 8,8%. Já estamos obtendo retorno. Apesar de todas as dificuldades, a área plantada em São Paulo vai ter um aumento de 10% na presente safra, índice superior a média dos demais Estados, situada em torno de 1%. Segundo as nossas estimativas, São Paulo deverá colher 5,3 milhões de toneladas de grãos na safra 91/92, contra 4,8 milhões na safra anterior.

P — A Secretaria da Agricultura e Abastecimento de São Paulo comemorou 100 anos de atividade. Qual o balanço que o senhor faz sobre o histórico do órgão?

R — A Secretaria da Agricultura, criada em 1891 como Secretaria da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, teve imenso destaque em nossa história pois, como responsável pela imigração e colonização, cuidou da vinda de dois milhões e meio de estrangeiros a partir da virada do século. Muito do que temos e do que somos se deve a esses homens, italianos, espanhóis, alemães, japoneses, que deixaram a sua pátria de origem para contribuir com seu trabalho, sua cultura e seus costumes para a construção da nossa terra. A convivência de várias comunidades estrangeiras em São Paulo, mais do que uma tradição cultural e afetiva é elemento essencial da nossa formação. De 1930 a 1960, a Secretaria da Agricultura também cuidou da migração de nordestinos para São Paulo. Hoje, a capital do Estado é a maior cidade nordestina do País. E essa gente nordestina, juntamente com os descendentes dos imigrantes e dos paulistas, de longa data forma realmente os brasileiros de São Paulo.

P — Além de cuidar da imigração, quais eram as principais realizações e atribuições da Secretaria da Agricultura?

R — Inicialmente, a Secretaria da Agricultura ocupava-se também dos setores de indústria e comércio e obras públicas. Para avaliar sua importância, basta lembrar algumas de suas realizações, como a implantação dos serviços de correios e telégrafos, do gás e da iluminação elétrica em nosso Estado. Também se ocupou da canalização do rio Ipiranga, da construção do Palácio do Museu do Ipiranga e da fundação da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, de Piracicaba — tudo isso antes de 1930, quando o número de suas atribuições foi reduzido.

Esperamos acabar com o déficit do abastecimento

P — E mais recentemente?

R — Há 11 anos a Secretaria voltou a crescer, incorporando a importante área do abastecimento, diretamente ligada à sua vocação fundamental, que é a agricultura. Continua prestando, como sempre, serviços essenciais à economia paulista. Praticamente todas as variedade de café, algodão e soja cultivadas saíram de seu Instituto Agronômico, localizado em Campinas. O abastecimento de alimentos em todo o território paulista, incluindo a rede de Companhia de Entrepostos e Armazéns Gerais do Estado de São Paulo (Ceagesp) é outra de suas responsabilidades. Além dos entrepostos de hortifrutigranjeiros, a Ceagesp mantém numerosos silos graneleiros e armazéns convencionais para a estocagem da safra de grãos.

P — E o que está sendo feito atualmente para melhorar a produtividade?

R — Entre outras medidas, estamos injetando recursos para reaparelhar completamente os institutos ligados à Secretaria da Agricultura. O Instituto Agronômico de Campinas acaba de lançar duas novas variedades de arroz e uma de batata com grande produtividade e já reativou o seu laboratório de análise de solos. O Instituto Biológico de São Paulo, por seu lado, está multiplicando a sua produção de antígenos e vacinas contra a brucelose e a tuberculose no rebanho bovino. No ano passado, fabricamos 27 mil doses. No ano que vem, estaremos fabricando 204 milhões de doses.

P — Qual o carro-chefe da agricultura, depois da decadência do café?

R — A cana-de-açúcar e a laranja passaram a ter peso maior, mas não podemos dizer que um único produto tomou o lugar do café. Hoje, a agricultura paulista é das mais diversificadas do mundo, característica que eu considero muito favorável. O café nos deixa uma lição. Foi a base do desenvolvimento de São Paulo, mas se continuássemos dependendo dele, como na década de 60, estaríamos numa crise sem precedentes, pois os preços entraram em queda livre.

P — Quais são as principais preocupações do governo com a citricultura?

R — Uma das preocupações permanentes do governo é o combate a doenças e pragas. O nosso principal problema, no momento, é a chamada clorose variegada dos citros, mais conhecida como "amarelinho", que está sendo intensivamente pesquisada pelos técnicos do Instituto Agronômico de Campinas. A bactéria responsável já foi identificada, o que abre perspectivas para um controle eficaz. No aspecto econômico, nossas atenções estão voltadas para o acordo entre Canadá, Estados Unidos e México, que a médio prazo pode acirrar a concorrência para as exportações de sucos concentrados de laranja, limão e tangerina. Daí nossa insistência em aumentar a competitividade do produto nacional, o que inclui não apenas o aumento do rendimento médio dos pomares, mas também a redução dos custos industriais, comerciais e portuários.

P — Qual a posição que o governo de São Paulo defende junto ao Conselho de Política Fazendária — Confaz — no tocante à agricultura?

R — Defendemos a isenção do ICMS para os produtos da cesta básica. A dificuldade está no fato de que

há Estados que não aceitam a redução da carga tributária, e o Confaz só decide por unanimidade de seus membros.

P — Como o governo vê a questão da calagem e fertilização do solo?

R — Considero fundamental esta questão. Basta pensar que, com calagem e fertilização correta, podemos dobrar nossas safras, sem aumentar a área plantada. Ou seja, se hoje colhemos 4,8 milhões de toneladas de grãos em nosso Estado, poderíamos estar colhendo perto de 10 milhões. Para intensificar a utilização do calcário, isentamos do ICMS as operações de compra e transporte do produto. Além disto, estamos construindo seis terminais ferroviários e dois hidroviários, o que vai baratear consideravelmente o custo para o produtor. É uma necessidade urgente. Atualmente, só utilizamos dois milhões de toneladas de calcário. Para termos colheitas em condições ideais, deveríamos utilizar nove milhões.

Com calagem e adubação corretas podemos dobrar nossa safra

P — O transporte rodoviário, responsável pela movimentação de quase toda a nossa produção, apresenta um alto custo, não apenas público, mas também econômico e social. O senhor tem alguma proposta que possa alterar esse quadro?

R — Esse quadro já está sendo modificado graças às obras de ampliação da hidrovia Tietê-Paraná. Em julho passado, inauguramos as eclusas de Nova Avanhandava, no rio Tietê. Desde então, as embarcações já podem sair de Anhambi, na região de Piracicaba, e navegando pelo Tietê e, em seguida, pelo Parnaíba, chegar a São Simão, no interior do Estado de Goiás. Ou se tomarem o rio Grande, podem atingir Guarani d'Oeste, em São Paulo, quase na fronteira com Minas Gerais. Pela hidrovia Tietê-Paraná, o transporte de soja, calcário, álcool ou cana-de-açúcar será efetuado a um preço até quatro vezes menor do que pelas estradas de rodagem.

P — Como poderiam ser evitadas crises, como as que afetam os produtores de frangos?

R — O mercado do frango, a exemplo de outros segmentos da agropecuária, é freqüentemente abalado por congelamentos e tabelamentos de preços, desestruturando os mecanismos de produção e comercialização. Os preços do milho, por exemplo, aumentaram mais do que os do frango e dos ovos. Os produtores de frangos não vêm conseguindo repassar os aumentos dos custos de produção, com riscos para o abastecimento do mercado interno. É preciso entender que somente com produtores melhor remunerados vamos ter oferta maior de produtos no mercado e, conseqüentemente, preços mais acessíveis aos consumidores.

P — Por que o homem do campo se dedica muito menos do que no passado à agricultura de subsistência?

R — A tendência ao desaparecimento da agricultura de subsistência, que era praticada no interior das fazendas pelos "colonos" ou pelos sitiantes independentes, é uma conseqüência do processo de modernização rural, a partir da década de 70. Os pequenos produtores tornaram-se assalariados, passando da condição de produtores à de apenas consumidores de produtos de subsistência. O governo tem procurado salvaguardar a pequena produção familiar, ampliando o número de famílias estabelecidas em projetos de assentamentos fundiários.

P — O governo paulista encara favoravelmente o desenvolvimento de cooperativas?

R — O cooperativismo e o associativismo são excelentes alternativas para o fortalecimento dos agricultores. Preponderantes nos países desenvolvidos, estão cada vez mais presentes nas regiões mais avançadas do País. O Instituto de Cooperativismo e Associativismo (ICA) da Secretaria de Agricultura e Abastecimento está sendo dinamizado para atender todas as 673 cooperativas e associações de produtores rurais já existentes no Estado.

Sou a favor da volta dos subsídios

P — Qual a avaliação que o governador faz do novo pacote agrícola do governo federal?

R — No seu conjunto, o pacote parece ter alcançado efeitos positivos. Embora as medidas tenham sido tomadas um pouco tarde. Aparentemente, a demanda por crédito de custeio foi atendida, no caso das grandes culturas de verão. A limitação mais séria diz respeito às possibilidades de continuidade. Da forma como o pacote foi apresentado, no início de outubro, assemelha-se a uma medida de emergência. Esse é o problema. A política agrícola, para ser eficaz, não pode continuar sendo conduzida ao sabor da conjuntura, mas deve pautar-se por objetivos a longo prazo.

P — Que política agrícola permanente o senhor recomendaria a nível nacional?

R — O momento exige que as autoridades federais reconheçam que a prosperidade da agricultura é condição básica para a economia do País. Se a produção agrícola sofre fortes oscilações ou não cresce a uma taxa adequada, como tem ocorrido nos últimos anos, os alimentos se tornam escassos, e o Brasil inteiro, incluindo a população urbana, sofre graves conseqüências. Sou a favor de uma política global de apoio à agricultura, com a volta dos subsídios — como ocorre em todos os países desenvolvidos — apoio à comercialização, mecanismos de crédito mais racionais, preços mínimos favoráveis, e apoio à comercialização interna e externa das safras. Na grande recessão norte-americana, foram os investimentos na agricultura que possibilitaram vencer a crise. O caminho está demonstrado. Basta seguirmos as lições de quem teve os mesmos problemas que nós atravessamos hoje. Investir na agricultura significa investir no desenvolvimento do País. ■

EDITORA CENTAURUS

Editor e diretor-presidente: Hugo Hoffmann
Diretora comercial: Leoni Zaveruska
Diretor-executivo: Jorge Luzardo C. Silva

a granja

A REVISTA DO LÍDER RURAL

REDAÇÃO
Warner Bento Filho, (secretário de redação), Luiz Fernando Boaz (repórter), Antônio Sobral (fotógrafo), Iara Salin Gonçalves (revisão), Colaboradores: Eduardo Hoffmann e Luiz Fernando Lemmertz.

COMPOSIÇÃO E ARTE
Renato Fachel (supervisor), Jair Marmet e Paulo Nobre (composição).

CIRCULAÇÃO
Antônio Correa Martins (supervisor de assinaturas), Sérgio Luiz Koan (supervisor de venda avulsa), Gustavo Hoffmann (assistente), Sinara Weber da Costa (coordenadora).

PUBLICIDADE
Isabel Cristina Soares (contato).

SUCURSAL DE SÃO PAULO
Jânio de Oliveira (gerente), Amilcar Almeida Ramos, Luís Carlos Faloppa (contatos). Praça da República, 473, 10º andar, conj. 102, fone (011)220-0488, telex (11) 31567, fax (011)220-0686, CEP 01045, São Paulo/SP.

Representantes/Publicidade
DISTRITO FEDERAL - OBN - Organização Brasileira de Notícias, SDS Lote T8, Bloco M, Ed. Cine Venâncio Jr., 1º e 2º subsolos, telex (61)2260, fone (061)225-6248 e 225-5934, CEP 70302, Brasília/DF; PARANÁ - Spala - Marketing e Representações, Rua Conselheiro Laurindo, 825, conj. 704, fone (041)222-1766, CEP 80060, Curitiba/PR; RIO DE JANEIRO - Lobato Propaganda e Marketing Ltda., Rua Siqueira Campos, 43, 8º andar, conj. 835, fone (021) 256-8724, CEP 22031, Rio de Janeiro/RJ; MINAS GERAIS - Mário Neves e José Maria Neves - Rua do Ouro, 104 - conj. 902 - fones: (031)223-1964 e 227-6829 - CEP 30210 - Belo Horizonte/MG.

A Granja *é uma publicação da Editora Centaurus Ltda., registrada no DCDP sob nº 088. p.209/73. Redação, Publicidade, Correspondência e Distribuição: Av. Getúlio Vargas, 1556 e 1558, fone (0512) 33-1822, telex (51)2333, fax (0512)33-2456, cx. postal 2890, CEP 90060, Porto Alegre/RS. Exemplar avulso, Cr$ 2.800,00; exemplar atrasado, Cr$ 3.300,00. A revista não se responsabiliza por originais não-solicitados.*

DISQUE
(90512) A COBRAR
33-1822
Saiba as vantagens de assinar
a granja

ÍNDICE

NESTA EDIÇÃO

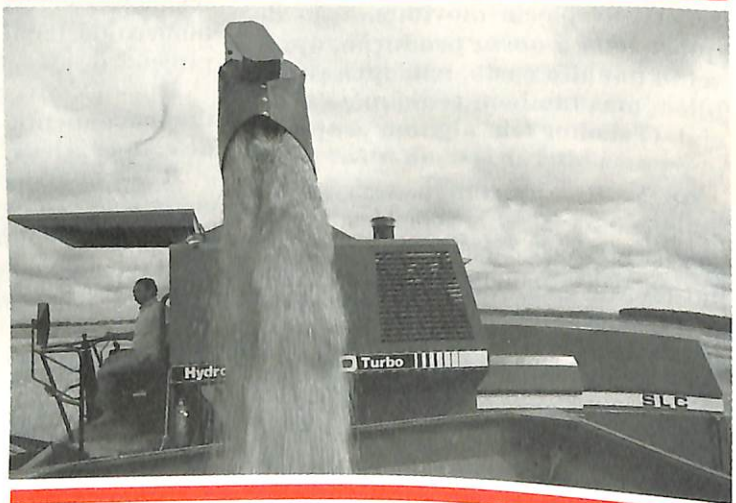
- **Veado vermelho: faz a alegria dos caçadores na Escócia. E na Nova Zelândia, sua criação em fazendas abastece a gula dos "bons gourmets" da Europa 12**
- **Ano agrícola/92: gente que entende, dos ramos agropastoril e agroindustrial, fala francamente do que se pode esperar do próximo ano agrícola 24**
- **Finame Rural: no momento é o único e compatível crédito de investimento do setor agrícola. Conheça seus mecanismos e objetivos 66**

SEÇÕES

- Aconteceu 7
- Caixa Postal 2890 8
- Aqui Está a Solução ... 9
- Eduardo Almeida Reis . 10
- Porteira Aberta 11
- Mundo da Lavoura ... 74
- Agribusiness 76
- A Granja Leilões 77
- Trator/Colheitadeira .. 78
- Novidades no Mercado 80
- Ponto de Vista 82

NOSSA CAPA

Para este limiar de ano, cheio de incertezas, esperanças renovadas e pontos de interrogação, julgamos oportuno, adequado e necessário ouvir as vozes mais autorizadas de quem produz para o setor rural. Faça você mesmo o julgamento e tire suas próprias conclusões dos depoimentos registrados pelos diversos participantes da mesa-redonda.



O ano agrícola/92 metas & perspectivas

Sob este título **A Granja** reuniu Mesa-Redonda com os pesos-pesados do agribusiness brasileiro. Oito horas de gravação costuraram um documento jornalístico, vibrante, ágil e moderno, que servirá, sem qualquer despretensão de material editorial de primeira qualidade, para todos aqueles que estão ligados às coisas da terra e, igualmente, para aqueles que estão preocupados com as macrossoluções, que sempre e em todos os tempos começam com a terra. Pois, ainda é deste lugar que conseguimos extrair os alimentos que nos dão a sobrevivência.

Acompanhe os debates, as opiniões, as reflexões. Temos certeza de que você sairá mais rico. Afinal, quanto vale a boa informação? Por certo bem mais do que o preço de capa de **A Granja.**

Coluna do meio

A média das opiniões dos participantes da Mesa Redonda traduziu cautela.

Nem otimismo, nem pessimismo. A precaução foi o sentimento subjacente encontrado na soma dos sentimentos e intenções de ação.

A maioria das opiniões concludentes pode ser resumida nestes itens:

01. O mercado, que vinha devagar, parando desde outubro de 1990, a partir do Pacote Agrícola de 03 de outubro/91 deu sinais vitais de pequena retomada, que não deixam de ser promissores dentro de um quadro anterior de extrema deterioração.

02. Hoje, os problemas da macroeconomia brasileira preocupam muito mais do que os problemas a resolver na área agrícola. O segmento do agribusiness não irá bem, se o Brasil como um todo não for bem.

03. Existem sinais favoráveis, a curto, médio e longo prazo. A conscientização lenta e gradual de que a economia deve ser de mercado é um sinal positivo. Assim a possibilidade de um empréstimo via FMI deve se caracterizar como um acontecimento de retomada do bom senso.

04. Problemas, como a falta de um decidido e urgente planejamento de controle da natalidade, preocupam demais, a "intelligentzia" dos participantes da Mesa Redonda. Dar alimentação para este Uruguai sem condições econômicas que o Brasil fabrica todos os anos é uma guerra perdida antes de acontecer.

05. Inflação. Este é o nó górdio da questão. O crescimento começa pelas safras, sim. Porém, sem o combate ao déficit público não haverá safra agrícola que resolva o problema. E o déficit público, hoje, está mais no mau emprego do dinheiro do contribuinte nas prefeituras e Estados do que propriamente no governo federal.

06. Inquestionavelmente, a "atmosfera" que o setor encontra, no momento atual, junto às autoridades federais é 180 graus mais racional e responsável, embora ainda sobrem alguns "boys" de 3º escalão, do ex-time de Zélia. Mas, graças a Deus, eles agora mandam pouco.

07. O ministro da Economia, hoje, pelo menos quer ouvir os homens responsáveis pela produção agrícola. O diabo é que o governo está quebrado. E sem dinheiro que não seja inflacionário, pouca coisa dá para fazer.

08. O Brasil precisa exportar muito. Soja, laranja, fumo, café, tratores, colheitadeiras.

Seja lá o que for. Para isto, mais que nunca é preciso ter uma infra-estrutura barata e que funcione. Para que o País seja competitivo, não se pode mais admitir um Porto de Santos, por onde os produtos de exportação e importação, na sua grande maioria, saem ou entram devagar, a altíssimo custo.

09. O Mercosul é uma novidade que precisa ser encarada com mais seriedade. Há enormes dúvidas a respeito e outro tanto de preocupações. É pensamento generalizado que o assunto está nas mãos do 3º escalão do Itamarati.

10. É inconcebível a fobia pantagruélica dos impostos em cima dos produtos e produtores primários.

Em nenhuma economia moderna há incidência de imposto sobre os produtos, implementos e máquinas agrícolas. A maior indignação diz respeito ao ICMS, que é imposto estadual. Confaz, o órgão que estabelece o volume e a incidência dos impostos estaduais, é anacrônico, e nele reina o compadrismo político. Neste sentido, a posição do governador de São Paulo, anunciando unilateralmente a queda percentual de incidências do ICM em determinados produtos do setor agropecuário, foi unanimemente elogiada.

11. O setor do agribusiness precisa se convencer de que o pensamento e ação do Congresso, assim como das Assembléias Legislativas, são distanciados da realidade rural, pela simples razão de que o voto urbano é três vezes maior que o voto que vem do interior.

Será necessário um permanente lobby junto àqueles que fazem as leis.

12. A falta de credibilidade nos homens e nas instituições está inibindo por demais a retomada do crescimento. No momento em que o agricultor, pecuarista, industrial da agroindústria acreditarem que as regras do mercado não serão alteradas, a roda da fortuna do crescimento começará a se movimentar.

13. O Brasil tem solo, clima, homem e tecnologia para produzir bem mais e melhor. O crescimento, como se percebe pelos itens acima descritos, poderá ser feito através da ação de um pacote de medidas, onde o crédito rural, amplo e irrestrito para grandes, médios e pequenos, não pode ser esquecido.

CAIXA POSTAL Nº 2890

O pequeno produtor anda esquecido pela mídia

"Sabe-se que a pequena propriedade é responsável pelo maior volume de produção de alimentos no País. Ao mesmo tempo, é a que mais sofre com a política agrícola do governo, pois o pequeno agricultor, invariavelmente, é descapitalizado. Em outras palavras, não sobra muito dinheiro para investir na propriedade. Isso força o minifundiário a ser bastante criativo na busca de novas soluções no aumento da produtividade.

É por esse motivo que venho sugerir uma edição da revista **A Granja** voltada especificamente para a pequena propriedade rural, que revele ao pequeno produtor novas técnicas de produção, aproveitamento dos dejetos, alternativas mais baratas de materiais. Enfim, tudo o que possa vir em benefício do pequeno produtor."

Sérgio Guimarães
Tenente Portela/RS

O negócio é criar peixes

"É cada vez mais necessária, como se sabe, a diversificação das atividades na propriedade rural. Por isso, acho que a revista **A Granja** deve continuar na linha que sempre implementou, de levantar novas oportunidades econômicas para o campo.

Tentando contribuir nessa questão, sugiro uma ampla reportagem sobre piscicultura, que pode ser uma boa opção para mais um aporte financeiro, principalmente para as pequenas propriedades. Além disso, é uma fonte de alimentação saudável e barata."

Jerônimo Azambuja
Assis Chateaubriand/PR

Todo o mundo quer falar em ecologia

"Acompanho com muita atenção a revista **A Granja**, que, aliás, já merece os parabéns pelo fato de ultrapassar a incrível marca de 50 anos de atividades. A longevidade deste veículo só pode ser explicada pela excelência do trabalho desenvolvido, já que **A Granja** conseguiu atravessar inúmeros governos, com suas crises e suas políticas econômicas tão diversas quanto o número de edições que a Editora Centaurus já fez circular.

Como leigo, noto que os veículos de imprensa voltados para o meio rural não têm dado o devido espaço para as questões ligadas à ecologia. É fundamental que a imprensa alerte o público para a importância de se preservar o meio ambiente. Os produtores rurais — agricultores e pecuaristas — devem, cada vez mais, tentar não só diminuir as agressões à natureza, mas também reparar os erros do passado.

É preciso, por exemplo, conservar o solo, evitando a erosão e a exaustão das nossas terras produtivas. Deve-se encontrar alternativas para o uso de agrotóxicos, que contaminam terra, água e ar, além, é claro, dos alimentos. É necessário também cuidar das espécies em extinção — animais e vegetais. É preciso, enfim, tratar com muito respeito o patrimônio natural, sob pena de estarmos cavando a nossa própria cova.

Neste sentido, venho, através destas 'poucas e mal traçadas', sugerir à brilhante equipe de **A Granja** reportagens que enfatizem esse assunto. Esta, sem dúvida, é uma das exigências para que a revista consiga brilhar por mais 50 anos."

Juvenal Pinto Fernandez
Porto Alegre/RS

Águas contaminadas

"Lendo a reportagem sobre água, na última edição da revista **A Granja**, fiquei impressionado com o problema da contaminação das águas subterrâneas. Acho que a revista deve insistir ainda mais nesse assunto, dada a gravidade do problema.

Aceitem, também os meus votos de feliz ano-novo."

Pedro Stranozevski
Castro/PR

Esta é do papagaio

"Desejo entrar em contato com criadores de papagaio, pois quero comprar, e não está fácil conseguir. Solicito a quem estiver a fim de vender entrar em contato comigo pelo telefone 0499-36166."

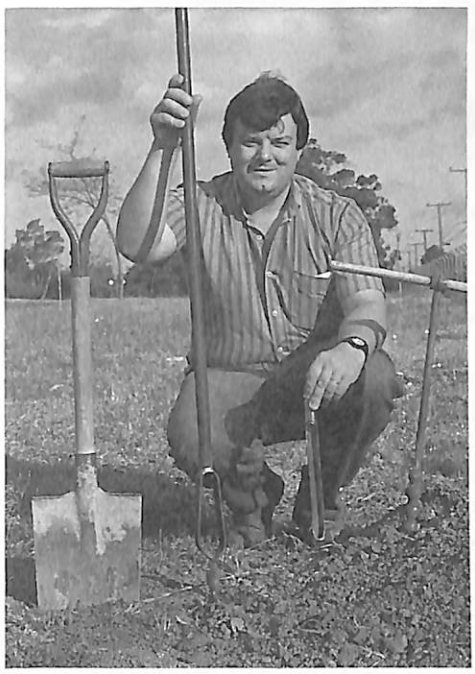
Geni Maria
Faxinal dos Guedes/SC

Mão-de-obra: um problema universal

"Torna-se cada vez mais difícil encontrar mão-de-obra para o trabalho no campo. Faltam profissionais de qualidade para todo o tipo de serviço, desde alambradores até tratoristas, passando por tratadores e ordenhadores. Sugiro que os senhores façam uma reportagem sobre o assunto, como forma de incentivar as entidades de classe e os órgãos do governo a criar algum tipo de aprendizagem para o trabalho rural. Profissionais de qualidade são vantagem não só para o empregador, que terá a certeza de um trabalho bem feito, como também para o empregado, que fará jus a um salário melhor.

Aproveito para cumprimentar pela qualidade da revista e para desejar cada vez mais sucesso a **A Granja**."

José Antônio Marques
Patos de Minas/MG



Santa Clara, calcareai

"Achei muito oportuna a matéria sobre calcário veiculada na edição de novembro desta revista. O tema foi bem explorado, alertando sobre as necessidades de calagem para elevar os índices de produtividade das lavouras. Gostaria de saber que tipo de material devo usar na coleta de solo, para enviar ao laboratório de análise, bem como se é verdade que demora muito tempo."

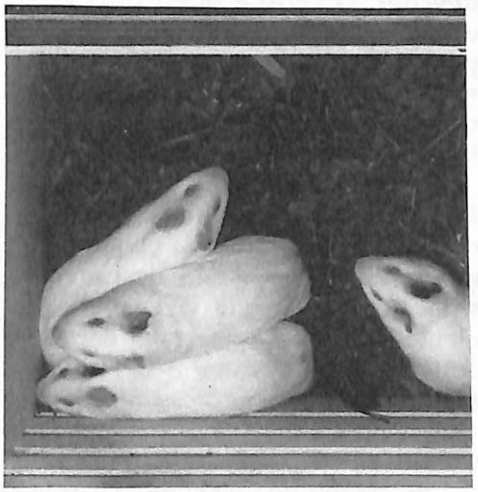
Arideu Guedes
São Gabriel/RS

R — *Senhor Guedes, a nossa reportagem foi procurar o responsável pelo Laboratório de Análises da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, engenheiro agrônomo Carlos Alberto Bissani, que lhe respondeu o seguinte:*

— O tempo normal para uma análise é de sete a dez dias, podendo chegar a 15 quando forem estudados os macronutrientes. O solo chega úmido ao laboratório e requer um tratamento de secagem (2 dias); depois vem a moagem, para só aí se iniciar o estudo do material, que acontece a partir do quarto dia;

— Dentro de qualquer sistema que adote um exame laboratorial, há quatro etapas importantes: a coleta da amostra, a determinação da análise, a interpretação e a recomendação da calagem e/ou adubação. A amostragem do solo é tida como a mais crítica, pois os erros ocorridos nesta etapa não poderão ser corrigidos;

— A heterogeneidade dos solos obriga o executor da coleta a ter determinado conhecimento, já que ela vai, necessariamente, representar a área de onde for retirada. Em média, a amostra deve abranger de 10 a 20 ha, sendo composta por, no mínimo, 15 a 20 subamostras. Elas deverão ser misturadas, atingindo cerca de 500g a porção final. Entre os materiais para retirar o solo estão a pá-de-corte, trados e trado calador. Outras informações pelo telefone (0512)39-1355/36-8399, com o agrônomo Bissani.



Querem comer o porquinho-da-índia

"Ouvi dizer que o porquinho-da-índia é comestível, se for "vero" peço informações."

Antonio Chalupp
Três Corações/MG

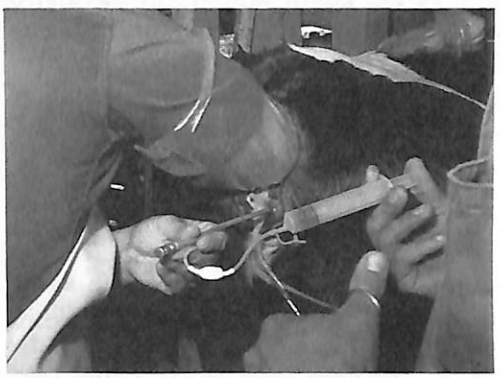
R — *O porquinho-da-índia nada tem de porco, pois trata-se da espécie animal classificada como cobaya cutleri. A cobaia tão conhecida nas experiências científicas e análise clínicas. Em toda a América do Sul é um prato culinário muito apreciado. No Peru, de onde se origina a espécie, é considerada iguaria tipicamente nacional.*

A cobaia (porquinho-da-índia) cruza perfeitamente com a nossa preá (cavia aperea), constituindo mestiços muito fecundos.

Em cativeiro pode ser alimentada perfeitamente com ração para coelhos.

Não há criação extensiva, mas os biotérios das universidades são uma grande fonte de informações práticas para a criação destes "beneméritos auxiliares da ciência".

Transferência de embriões dá Ibope



"Achei muito boas as reportagens sobre transferência de embriões que foram publicadas na edição de novembro desta prestigiosa revista. Fiquei bastante interessado pelos métodos de seleção do criador argentino Carlos Sackmann Muriel e pelo trabalho que ele vem desenvolvendo no país vizinho.

Gostaria, se possível, de obter o endereço do cabanheiro, para troca de informações. Aproveito para parabenizar a equipe de **A Granja** pelo excelente trabalho que vem desenvolvendo."

Gilberto Betti
Taió/SC

R — *Caro Gilberto, o endereço do senhor Carlos Sackmann Muriel é avenida Libertador, 2695, piso 11º, CP 1425, Buenos Aires, Capital — Argentina. Para contatos por telefone, ligue 801-2204 ou 747-5801.*

EDUARDO ALMEIDA REIS

Coincidências

É conhecida nos meios comunicológos destas Minas Gerais a estória de um cidadão que só editava seu jornalzinho quando brigava com o cunhado. Portanto, a periodicidade do "Pioneiro" não era semanal, mensal ou bimestral, porque ficava na dependência das relações de cunhadio. Em sendo preciso desancar o cunhado, uma edição do jornal vinha a reboque.

Um dia, para informar que seu compadre havia sido feito cavaleiro da Ordem de Cristo, o singular jornalista caprichou: "Obrou muito bem Sua Santidade, o Papa, ao distinguir com a comenda da Ordem de Cristo meu ilustre compadre, o doutor Fulano de Tal".

Peguei a deixa, para dizer que Sua Santidade obrou muito bem, ao tocar outro dia no assunto "reforma agrária", que todos julgávamos sepultado pelos recentes acontecimentos do Leste europeu. Mesmo o Papa, que presumimos bem informado, está sujeito a derrapar na curva das boas intenções.

Recomendando a reforma agrária, o simpático João Paulo II desincumbiu-se da obrigação de fazer seu discurso, adoçou a boca, sempre amarga, do pessoal da Teologia da Libertação, e tudo continuará como dantes, no quartel de Abrantes. Sua Santidade não pode pretender que a divisão das terras e sua distribuição a gente sem qualquer capacitação e sem qualquer apoio resolvam o gravíssimo problema social brasileiro.

Desdentados, analfabetos, chagásicos, portadores de malária, entupidos de vermes, descrentes de tudo e pouco afeitos ao duro trabalho do campo, nossos patrícios só esperam receber as terras, para vendê-las. A fuga em direção aos grandes centros é um fato, porque o brasileiro infelizmente parece ter vocação irresistível para a favelização.

Deve ser o instinto gregário, de resto muito comum em diversas espécies animais. O tupiniquim não pensa duas vezes, antes de trocar o conforto de uma casa rural de 80m2, com água de mina por gravidade, luz trifásica, pomar fantástico, horta e cafezal — tudo de graça, além do salário — pelo barraco urbano, onde a água é transportada na cabeça, a luz é paga, o emprego é duvidoso e até um pedaço de couve custa dinheiro.

Respeitemos a característica biológica da espécie, mesmo porque o que é do gosto regala a vida, já dizia *mi abuelita*. O certo é que não consigo entender a aversão dos trabalhadores pela moradia rural. As cidades têm restaurantes, boates, teatros e livrarias, mas cabe a pergunta: será que trabalhador freqüenta esses lugares?

Reforma agrária no Brasil talvez funcionasse por quatro anos, se tanto, nos laranjais e cafezais, enquanto os novos donos pudessem desfrutar da colheita daquilo que já encontraram plantado. Depois, pela falta de tratos culturais, fertilizantes e defensivos, seria hora de vender o casco, comprar uma Kombi enferrujada e um barraco na periferia das cidades, não raras vezes em nome do "estudo" da prole. Como se os colégios suburbanos fossem melhores do que os rurais...

O último livro de Alvin Toffler, "POWERSHIFT, As Mudanças do Poder", desmistifica a terra como o mais importante de todos os capitais. E diz que, antigamente, a riqueza era elementar, porque ou você a tinha, ou não. Ela era sólida, era material: a riqueza dava poder, e o poder, riqueza. E os dois se baseavam na terra (o que não impediu que os barões do café vivessem endividados, digo eu).

Mas isso foi antes da revolução industrial, agora suplantada pela revolução da inteligência, dos serviços, da propriedade intelectual. Basta dizer que, atualmente, as exportações mundiais de serviços e de propriedade intelectual já são iguais, juntas, à soma das exportações de produtos eletrônicos e automóveis. Mais do que isso: também já são iguais às exportações conjuntas de gêneros alimentícios e combustíveis.

A ilusão de uma família agarrada à rabiça do arado de bois, como produtora de alimentos, na hipótese altamente improvável de a família concordar em permanecer na gleba doada, deve ser cotejada com o fato de que os Estados Unidos têm menos de 2% de sua força de trabalho ocupada na agricultura. E os americanos, como produtores de alimentos, dispensam apresentações.

De acordo com os dados publicados pela revista Fortune, a mais recente lista dos dez maiores bilionários americanos inclui sete fortunas baseadas em meios de informação, comunicações ou computadores — *software* e serviços, e não *hardware* e manufatura. Se muitos desses bilionários têm ranchos ou fazendas, o dinheiro foi levado da cidade para o campo.

Enquanto isso, neste Florão da América iluminado ao sol do Novo Mundo, todos estamos fartos de ver proprietários de muitas centenas de hectares sobrevivendo no limiar da pobreza absoluta. E não deve ser por acaso que o Rei da Soja, Olacyr Morais, também é dono da empreiteira Constran e do banco Itamaraty.

Hugo Hoffmann, diretor de A Granja, e José Antônio B. Munhoz, Secretário da Agricultura de São Paulo

A indústria da viagem de estudos

No Ponto de Vista (pág. 82), o pronunciamento corajoso de José Antônio Barros Munhoz, secretário da Agricultura de São Paulo, sobre a pesquisa literária distante do campo e sobre a gigolagem das bolsas de estudo no estrangeiro. A propósito dessas declarações, Hugo Hoffmann, diretor desta revista, comentou com o secretário que, em 1984, A Granja e a agência de viagens especializada no segmento agropecuário, Queenberry/Agritours, de SP, organizaram um grupo de quarenta pessoas para conhecerem fazendas no "corn-belt" americano e a Farm Progress Show. No roteiro estava a Universidade de Pardue, a de maior prestígio na área da agricultura. Durante a visita foi anunciado que havia um brasileiro na Universidade.

Entre curioso e orgulhoso, o grupo esperou a hora do almoço para conhecer o patrício. Aí, ele apareceu. Um homem de meia-idade, paulista, que não acrescentou nada, pois falava unicamente na saudade (embora estivesse com mulher e filha) do Brasil. Mas, que diabo! Dentro de dois meses estaria voltando e, graças a Deus, em nove meses, apresentando-se no serviço público. Foi um verdadeiro deboche para os quarenta contribuintes que estavam ali pagando do seu próprio bolso.

Correr o risco às vezes dá certo

Olavo Barbosa, em Guaxupé, divisa de São Paulo com Minas, produz diariamente 35 mil litros de leite A sob a marca de Fazenda Bela Vista, vendendo toda a produção na cidade de São Paulo. Faz inclusive entrega domiciliar através de sua própria distribuidora. É de longe o maior produtor de leite do segmento, com 2.100 vacas em lactação diária. Seu plantel é excepcional, tendo, em 1989, trazido de avião, dos Estados Unidos, 300 vacas holandesas POI. Pois bem, Olavo Barbosa, homem de assumir riscos calculados, este ano, embora desaconselhado por todos os seus amigos, resolveu também confinar 10 mil bois em sua propriedade de Pereira Barreto, noroeste de São Paulo. Ao preço que está o boi, fácil é imaginar o quanto foi acertada essa iniciativa, num ano em que o volume do boi confinado foi bastante reduzido. Além de vacas holandesas e bois de engorda, "seu" Olavo tem paixão por cavalos mangalarga, possuindo um plantel altamente qualificado.

Exemplo de marketing

A Cabanha Cerro Coroado, especializada em ovino-carne, nas raças Ile de France e Suffolk, a cada leilão anual, que sempre acontece no início do mês de dezembro, acrescenta algo em termos de comunicação, vendas e marketing. Seu pré-lançamento ocorreu no Plaza São Rafael, cinco estrelas que por si só dá prestígio, e conseguiu criar um acontecimento de peso-pesado da área econômica e social.

Este ano, por ocasião do quinto remate, a moeda de troca optativa, para quem quisesse, poderia ser machos e fêmeas comuns trocados por ovinos de raça. Ao todo foram apartados 1.206 animais em pista. Outro sucesso foi a venda, em leilão, da carne de cordeiro selecionado. Foram ofertados cem lotes formados por quatro caixas de 25kg. No martelo, tudo foi vendido.

Teófilo e Armando Garcia de Garcia, filho e pai, responsáveis pela Cabanha Coroado, um trabalho de profundidade que vem revolucionando o segmento de ovinos

Você
comeria
carne
de veado?

VEADO VERMELHO

Sem gozação: aqui, você vai saber tudo a respeito de veados. Sua origem, hábitos, espécies, criação, manejo e valor econômico. Vale a pena conferir

Os jardins zoológicos estão entre os poucos refúgios onde ainda podem ser encontradas diversas espécies de veados que há muito tempo não são vistas no seu habitat. A lista dos extintos é imensa, já que apenas meia dúzia de pessoas está preocupada em preservar. O desejo conservacionista surge quando o lucro vem embutido, caso contrário nem pensar.

Um exemplo bem-sucedido que pode ser citado é o dos jacarés do Pantanal. Para evitar a caça predatória, o Ibama autorizou certos criadores de determinadas regiões a coletar 50% dos ovos para serem chocados, e os filhotes mantidos em cativeiro. Uma parte é negociada e a outra devolvida à natureza.

A exploração comercial, no caso dos jacarés, garante a sobrevivência da espécie, sendo considerada uma forma de preservar. O engenheiro florestal Vitor Sucupira, do Ibama, disse que o fator mais importante deste projeto é que ele força a diminuição da caça predatória. "Há o ganho comercial com a venda de uma pele de alta qualidade e a devolução à natureza. Este programa é executado em certos locais, sempre sob orientação do Ibama. E como 90% dos ninhos seriam perdidos por inundação ou ataque de predadores, 10% do total a ser abatido é mantido para repovoamento e solto em idade adulta."

Exótico não! — No mês passado,

a 2ª Reunião do Conselho Nacional de Proteção à Fauna, oportunidade em que foram discutidas as normas referentes à importação de animais. Uma determinação, ainda não oficial, vai proibir a entrada de espécies, para fins comerciais, no País. A permissão será concedida apenas para os jardins zoológicos e instituições de pesquisa que tenham como meta a manutenção de bancos genéticos viáveis.

A confirmação dessa medida será dada a qualquer momento, e entre as entidades que participaram do encontro estão a Embrapa, Universidade Federal de Minas Gerais e Sociedade Brasileira de Zoologia. Assim, a intenção de diversos produtores brasileiros, que tinham o propósito de seguir o exemplo de colegas de outros países, foi por água abaixo. E uma das idéias era criar cervos, entre eles o europeu.

Na Escócia, existem várias fazendas que se dedicam ao cervo vermelho, de nome científico *cervus elaphus scotius,* com o aproveitamento da carne e do couro. Estes criatórios têm impedido a extinção destes cervídeos (matéria sobre o elaphus nesta edição), cuja viabilidade econômica foi sondada por aqui. Com esta decisão do Ibama, quem sabe o interesse não recai em animais nativos?

O veado catingueiro está sendo pesquisado com carinho

Unesp — Uma pequena criação em cativeiro do veado catingueiro (*mazama gouazoubira*) está sendo iniciada na Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias, no campus de Jaboticabal. A finalidade deste trabalho, avaliou o professor José Barbanti Duarte, é produzir animais para a pesquisa, conhecendo biologicamente a espécie e, conseqüentemente, outros cervídeos nacionais.

Na verdade, explicou Duarte, o catingueiro é um modelo experimental valioso para as demais espécies que a Universidade pretende trabalhar no futuro. Atualmente, a pesquisa é desenvolvida com 11 indivíduos (quatro machos e sete fêmeas) confinados em baias e piquetes, com o estudo de projetos específicos. "Estamos testando vários tipos de rações, tais como o feijão-de-porco, alfafa, soja perene e mucuna."

No campus da UNESP, em Jaboticabal/SP, o professor José Duarte dedica-se à pesquisa dos animais em cativeiro

Em relação à reprodução, os pesquisadores estudam a duração do ciclo estral e o cio. Nos machos, o trabalho é na área seminal, com a padronização de técnicas de colheita e congelamento de sêmen, visando a elaboração de um banco dos cervos brasileiros. Segundo Duarte, o objetivo é a preservação e troca de material genético (principalmente das ameaçadas) entre criatórios e zoológicos.

É viável? — Para o professor Duarte, a princípio, existe pouca possibilidade de sucesso numa exploração econômica. Os motivos são a baixa conversão alimentar, pequeno tamanho e baixos índices reprodutivos. No entanto, a pele, especialmente a do mateiro, tem grande valor. Já a carne, para alguns, é saborosa. "Essas estimativas não justificam o aproveitamento comercial das espécies. Talvez a caça esportiva em fazendas especiais seja a única saída viável no caso de espécies pequenas. As maiores têm que ser melhor estudadas para que se chegue a conclusões decisivas", sentenciou.

A extinção começa com a retirada do animal de seu habitat

A caça não é, para a maioria das espécies, a responsável pelo seu declínio populacional ou extinção. Na verdade, o fator principal é a retirada do animal de seu habitat, com a redução de área para abrigo e alimentação. No caso específico dos cervídeos, a contaminação com doenças de bovinos, como a aftosa e a brucelose, foi decisiva na diminuição dos rebanhos, em especial a do cervo do Pantanal. Porém, em criatórios exclusivos de veados, a assistência veterinária contorna com facilidade estas enfermidades.

O professor José Duarte, da Unesp, ressalta que o principal problema no cativeiro é a estressabilidade. Com freqüência os animais se chocam nas telas dos piquetes, o que resulta em lesões freqüentemente fatais. Assim, uma das saídas para evitar estes acidentes é dispor de um manejo adequado, cobrindo as telas com cercas vivas e eliminando os cantos nos viveiros. "Acima de tudo é indispensável trabalhar com muita calma."

Cervídeos encontrados no Brasil:

*** Cervo do Pantanal** *(blastocerus dichotomus)* — É maior cervídeo da América do Sul. O macho pesa em

No Pantanal vive a maior população de veados

torno de 140kg e a fêmea 104kg. Vive basicamente em banhados e várzeas, locais onde encontra abrigos e alimentação abundante durante boa parte do ano. Inicialmente era encontrado desde o Paraguai, passando pelo Mato Grosso do Sul e interior paulista.

Atualmente essa espécie está praticamente confinada ao Pantanal Mato-Grossense, em pequenas populações. Segundo Duarte, a situação é crítica, e há a séria ameaça de extinção. A cor predominante é a vermelha, com a face interna das orelhas e região submandibular brancas. As partes inferiores são negras, e os chifres podem chegar a 24 pontas (12 em cada lado), o que depende da idade e da disponibilidade de comida.

* **Veado campeiro** *(ozotoceros bezoarticus)* — Bem menor que o do Pantanal, tem em média 30kg, qualquer que seja o sexo. A cor principal é a parda, sendo a face interna da orelha, da região submandibular e as partes inferiores brancas. Habita os campos e dificilmente é avistado em locais de vegetação alta. De hábitos diurnos, foi forçado a buscar o crepúsculo ou até mesmo a noite para ir atrás do alimento, com dieta baseada em gramíneas e leguminosas.

Os chifres são bifurcados e geralmente com seis pontas (três em cada lado), trocados uma vez por ano nos meses de maio e junho. A galhada fica completa por volta de setembro e outubro. Originário do sul da Argentina, é encontrado até a ponta do Mato Grosso do Sul, estando praticamente extinto, mas grupos numerosos ainda podem ser avistados na zona do Pantanal.

Para preservar a espécie, faz-se o recolhimento do sêmen

O veado bororó é pequeno e pouco conhecido

O veado pantaneiro pesa cerca de 140kg, sendo o mais pesado de todos

* **Veado catingueiro** *(mazama gouazoubira)* — Pesando em média de 15kg a 24kg, a cor básica é o cinza esverdeado. O cerrado brasileiro é a região que prefere, local onde busca brotos e frutos em quantidade. Não há estudos que permitam avaliar as populações. Na Mata Atlântica está quase extinto, ao contrário da Amazônia, onde existe um bom número.

* **Veado bororó** *(mazama rufina)* — Com peso variando entre dez e 15kg, este é considerado o menor cervídeo brasileiro. A pelagem é bastante semelhante a do mateiro, no entanto uma característica especial o diferencia de todos os demais: as patas dianteiras são bem menores que as traseiras, dando a impressão de que estão enterradas no chão.

Esta espécie habita as matas e cerrados do sul do Brasil, bem como a

Cordilheira dos Andes e Bolívia. De acordo com o professor Duarte, o bororó é pouco estudado, não havendo maiores informações sobre sua biologia.

* **Veado galheiro** *(odoloiceus virginianus)* — Com uma galhada diferente dos demais machos, cujas ramificações se contorcem para dentro, seu peso pode atingir 70kg. Única espécie que costuma produzir, geralmente, dois filhotes por cria. O período de gestação é de aproximadamente sete meses, com exceção do cervo do Pantanal, que é de nove.

"Após esta descrição", analisa Duarte, "fica fácil diferenciar o cervo europeu *(cervus elaphus)* dos cervídeos brasileiros. O único que se aproximaria desse, em tamanho, seria o cervo do Pantanal. O habitat, no entanto, é bem diferente, pois o europeu vive em florestas temperadas, saindo para áreas mais abertas, em busca de alimento: gramíneas e leguminosas".

Escócia, o paraíso dos veados vermelhos

Um cenário magnífico convida os turistas para a caça

Os veados vermelhos *(cervus elaphus scotius)* originalmente vivem nas pradarias e montanhas do belo planalto escocês, onde dividem o ambiente com águias, lebres, esquilos, entre outros animais silvestres.

Há cerca de vinte anos, o homem teve a iniciativa de capturar inúmeros exemplares da espécie para tentar criá-los em cativeiro ou em estado semi-silvestre. Hoje, passadas duas décadas de experiência, já está comprovado que vale a pena criar veados vermelhos, pois já existe uma associação de criadores, com mais de 700 fazendas cadastradas e cerca de 100.000 animais em criação.

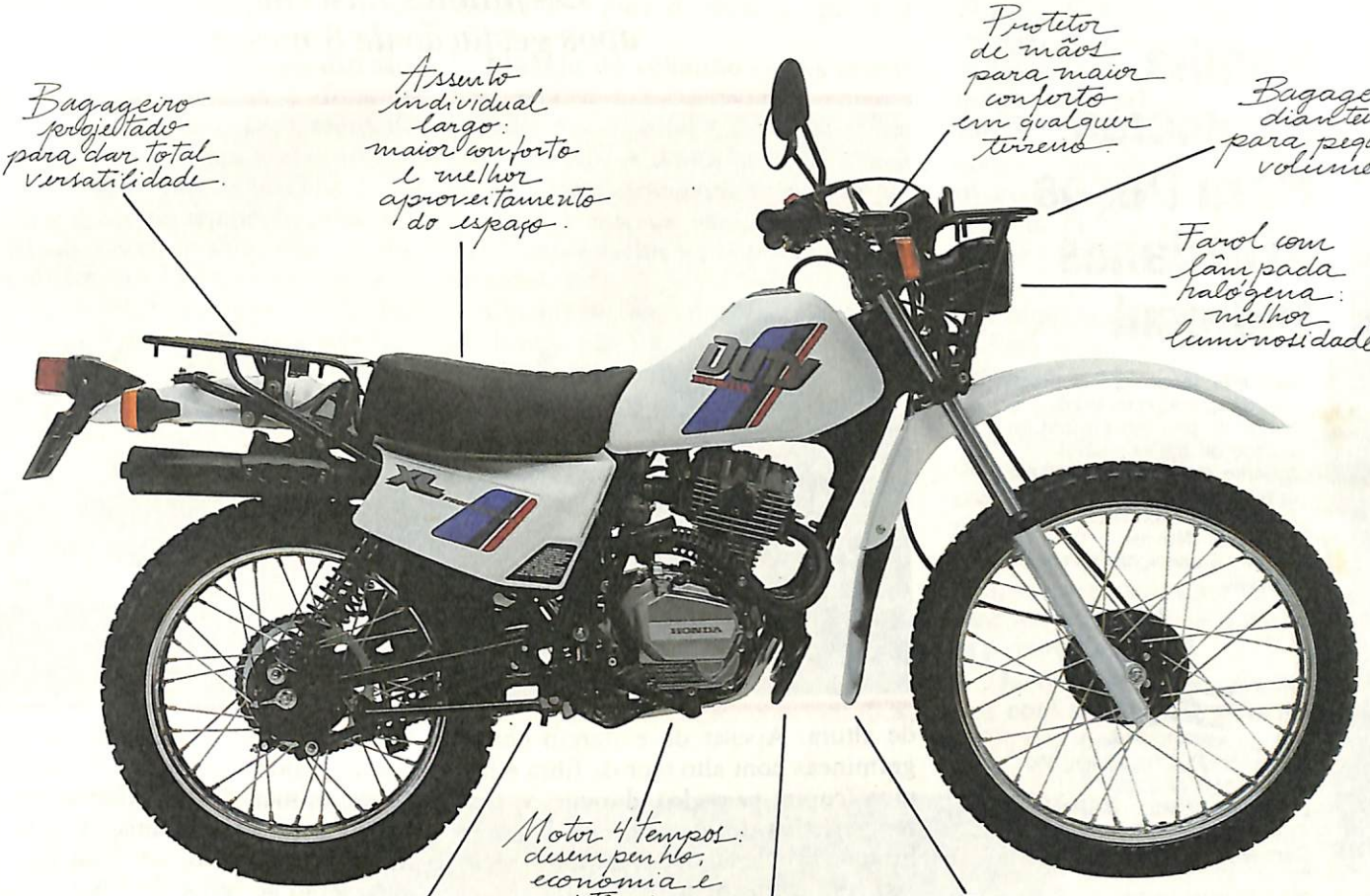
Para escrever esta reportagem, fomos visitar a primeira fazenda a explorar economicamente os veados vermelhos, hoje a principal exportadora destes animais para países de quase todos os continentes. Visitamos também uma fazenda que cria esses animais "para turistas" apreciarem e adquirirem os seus subprodutos, e uma propriedade que há não muito tempo os cria comercialmente.

John Fletcher é veterinário e pioneiro na criação de veados vermelhos na Escócia. Tudo começou com a captura de animais silvestres em várias regiões do norte do país. No final da década de 60, John contou que teve que pedir uma licença especial junto ao Ministério da Agricultura e Assuntos da Pesca, para capturar os veados. No início foi tudo muito difícil pelo fato de se conhecer muito pouco o manejo e a lida com os animais, que não se mostraram nada receptivos à vida em cativeiro. Aos poucos os problemas foram ultrapassados e, hoje, um grande número de informações foi acumulado não só pelo primeiro criador como também por pesquisadores de uma estação experimental no norte da Escócia, que hoje se dedica exclusivamente ao estudo desses animais.

Entusiasmado, John Fletcher contou as principais vantagens da criação de veados vermelhos. O mercado, na Grã-Bretanha e na Comunidade Européia, é muito bom e aceita muito bem a carne de veado, que além de ter um gosto especial, contém uma quantidade mínima de gordura e colesterol, comparada com as carnes suína, ovina e bovina, o que torna o seu preço maior. O rendimento da carcaça é muito bom, ou seja, de 55% a 58%. Os veados podem ser criados com outras espécies animais, como os ovinos e bovinos, desde que estejam em piquetes com cerca apropriada, de tela de arame contínua, com dois metros

A caça organizada é fonte de renda e preserva a espécie

AQUI SÓ TEM VANTAGENS.



Produzida na Zona Franca de Manaus.

Pilote sempre equipado.

Seja qual for o seu campo de ação, rural ou urbano, com a XL Duty você ganha em eficiência e produtividade. Ela foi projetada para ser uma ferramenta de trabalho versátil e econômica, que substitui com vantagens outros meios de transporte. É prática e ágil no trânsito e chega a lugares de difícil acesso. Sempre economizando tempo, combustível e manutenção. É resistente e versátil, para ser utilizada nos mais diversos setores de atividades, como: inspeção de áreas para empresas de eletrificação, telefonia, agropecuária, reflorestamento; verificação de cercas, pulverização, nebulização e supervisão de sítios e fazendas; guarda florestal; transporte para serviços, como farmácias, SOS mecânico, entregas em geral; profissões liberais, como médicos, agrônomos e veterinários. Invista na XL Duty. Você vai sair lucrando.

Inclua a XL Duty no seu plano orçamentário de 1992.

XL DUTY.

A PROFISSIONAL.

GRA 12

Preencha e envie para
Moto Honda da Amazônia Ltda.:
Rua Sena Madureira, 1.500 -
CEP 04021 - São Paulo - SP - a/c Marketing.
Você receberá, sem compromisso,
maiores informações sobre a XL Duty.

Nome: _____

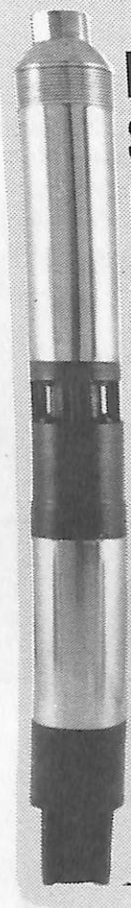
End.: _____

CEP _____ Tel.: _____

Cidade: _____

Estado: _____

HONDA
Asas da liberdade.



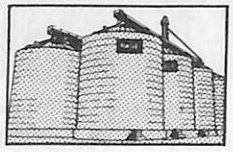
Bomba Submersa Para Poços Artesianos Hidrosul

- Moderna tecnologia em aço inoxidável e fibra de vidro.
- Motor do tipo rebobinável revestido de aço inoxidável.
- Máximo rendimento e grande durabilidade.
- Para poços a partir de 4 polegadas de diâmetro.
- Preços e condições **direto da fábrica.**

HIDROSUL

Endereço: Rua República, 650
Fone (0512) 72-5066
Fax (0512)72-8422 - Cx. Postal 260
Telex 52-3075 - CEP 92320
Canoas - RS.

SILOS ARMAZENADORES



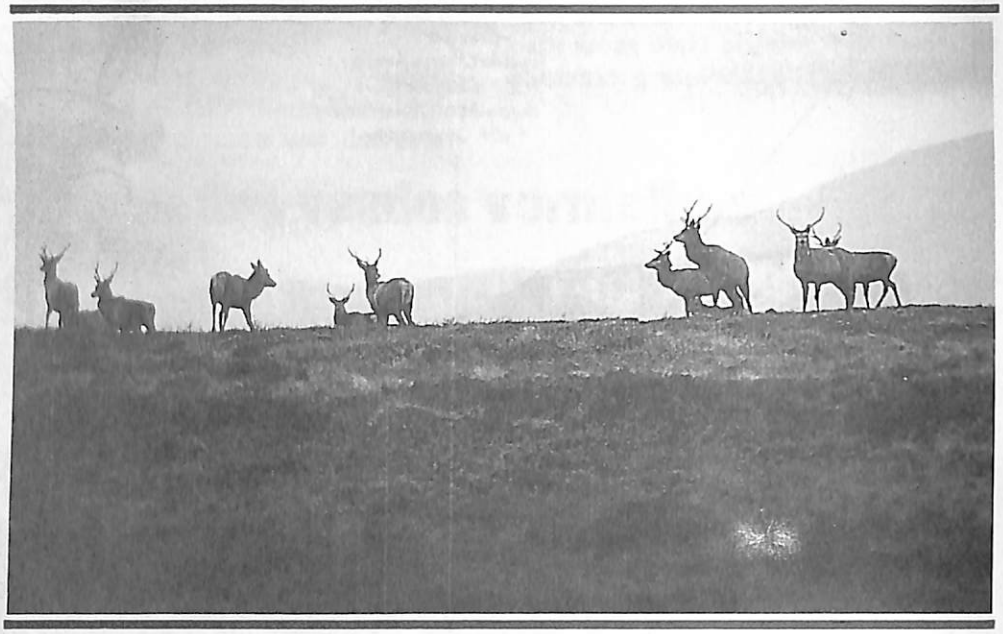
COM A MELHOR TECNOLOGIA DA AGRICULTURA? A PAGÉ TEM.

ANO 28

METALÚRGICA PAGÉ

METALÚRGICA PAGÉ LTDA.
BR 101 - KM 414 - FONE: PABX (0485) 22-0600
TELEX: 484405 - C. POSTAL 001 - ARARANGUÁ - SC - BRASIL

Os filhotes nascem após gestação de 8 meses



de altura. Apesar de evitarem comer gramíneas com alto teor de fibra e lignina (capim passado), durante os piores períodos do inverno eles ingerem brotos de "heather" *(callina vulgaris)*, um arbusto invasivo que se caracteriza por apresentar espinhos e afogar o capim, e outros pequenos arbustos rejeitados, por exemplo, pelo bovino. Outro aspecto importante, economicamente, é a produção de pele, bastante disputada pelo mercado, pela sua qualidade e características, que a tornam apropriada para a confecção de artigos finos. Atualmente cada pele bruta (sem tratamento químico) custa ao redor de oito libras esterlinas (Cr$ 4.800,00).

Crescimento e reprodução — Um filhote nasce com cerca de seis a sete quilogramas, após oito meses de gestação. Na natureza, de 10% a 30% dos filhotes morrem, no decorrer dos primeiros quatro meses de idade, de doenças do recém-nascido (pneumonia, diarréia, infecção do umbigo, etc.); de fome, quando são rejeitados pela mãe ou quando esta não tem leite suficiente para tratá-lo, ou pelo ataque de animais predadores (águias, corvos, etc.). Com animais nascidos em cativeiros, John Fletcher tem tido um desempenho muito bom, com mortalidade inferior a 10%.

Como nas demais espécies domésticas, tanto os machos como as fêmeas têm uma velocidade de crescimento maior até os três anos de idade. Se os animais forem criados em cativeiro, com suplementação alimentar durante o inverno, ao final dos dois anos terão ao redor de 75kg de carcaça bruta ou cerca de 140kg de peso vivo. Com este peso, os veados vermelhos já estão prontos para o abate. Algumas fazendas enviam seus animais mais cedo para o abate, também com resultados econômicos positivos.

Com dois anos de idade, uma fêmea já está pronta para a reprodução. Bom resultados têm sido obtidos com a relação de um reprodutor para um lote de quarenta fêmeas. Com o conhecimento obtido a partir da observação da vida cotidiana dos veados, na natureza, tem se verificado que, todas as vezes que o número de reprodutores machos aumenta muito em relação às fêmeas sexualmente ativas, a fertilidade do rebanho cai estrondosamente. Tal fato se deve à competição muito grande entre os machos para ver qual cruza o maior número de fêmeas, e esta rivalidade faz que os veados gastem mais tempo e energia com a disputa social dentro do rebanho, diminuindo a fertilidade do macho e o número total de fêmeas cobertas.

Na Grã-Bretanha, o período de cruzamento é no mês de outubro. Todos

os machos sexualmente maturos modificam seu comportamento, tornando-se mais agressivos. Os testículos, que em outros períodos quase não são notados, ficam grandes e descem completamente para o saco escrotal. Para evitar que ocorram lesões decorrentes de brigas entre os machos, é realizada a descorna temporária dos reprodutores. Os chifres dos veados têm um crescimento bastante grande, em torno de meio a um centímetro diário. E, diferentemente dos cervos brasileiros, são aveludados externamente e menos pontiagudos nas extremidades.

Um só reprodutor dá conta de quarenta fêmeas

John Fletcher tem obtido, nestes últimos dez anos, uma média de 95% de fertilidade anual (só 5% das fêmeas cruzadas não ficam prenhes), mesmo quando utiliza aquelas recém-advindas de captura na natureza. Ainda hoje este criador as busca no seu ambiente natural, para a reposição do rebanho e para evitar a reprodução entre "parentes" próximos. Cada fazendeiro do norte da Escócia tem, de tempos em tempos, direito à caça de alguns animais silvestres que habitem na sua área. Assim, John escolhe as melhores fêmeas nas diferentes regiões do norte da Escócia e paga aos fazendeiros para caçá-las, com o objetivo de repor seu rebanho. Com a finalidade de aumentar a produtividade, em especial no que diz respeito ao ganho de peso dos animais em cruzamento, ele comprou alguns reprodutores da Iugoslávia. Os produtos obtidos, segundo o fazendeiro, atingem um ganho de peso 15% superior ao dos animais nativos.

Perguntei-lhe sobre a capacidade reprodutiva e produtiva dos veados vermelhos em condições tropicais. Segundo este veterinário, a criação é viável em climas semitropicais. Afirma isso porque, há vários anos, vem exportando animais para o norte da Austrália e para o México, que têm climas quentes.

Manejo do rebanho — As cercas representam um custo relativamente grande, em especial quando se inicia uma criação. A Associação Britânica de Criadores estima que se gastem em material e mão-de-obra, ao redor de três libras esterlinas por metro de cerca construída.

Em condições européias, onde as pastagens são freqüentemente adubadas, consegue-se criar de seis a oito animais adultos por hectare, nos períodos da primavera, verão e até meados do outono. Na parte restante do ano, quando as pastagens são pouco produtivas, os animais criados em cativeiro recebem um suplementação alimentar à base de feno, silagem de capim ou, dependendo do caso, até concentrados. Pesquisas recentes têm mostrado que os veados evitam, sempre que possível, comer concentrados,

O manejo do rebanho é bastante simples

e os pesquisadores ligam esse fato à domesticação recente desta espécie animal. Seu sistema digestivo é bastante semelhante ao dos carneiros, mas têm uma passagem mais rápida da maioria dos capins pelo pré-estômago e intestinos do que os ovinos, e isto faz com que a digestão seja menor. De forma interessante, ocorre exatamente o contrário quando os veados comem brotos de "heather", o que indica que o habitat ideal para a criação destes animais é mesmo os campos nativos, com presença de outra plantas e arbustos além dos capins. Em algumas fazendas, no planalto escocês, criam-se em campos nativos ovinos e veados juntos, obtendo o máximo de produtividade, pois os ovinos comem e aproveitam melhor as gramíneas, e os veados ingerem mais as outras plantas restantes.

Para apressar o crescimento dos filhotes, eles são desmamados com cinco ou seis meses e criados, durante o inverno, em grandes galpões fechados, recebendo feno, silagem, nabos, etc. Tal tipo de manejo encarece muito o sistema de produção nas condições escocesas, mas, em compensação, encurta sobremaneira a ida dos machos para o abate e das fêmeas para a reprodução.

Os veados têm de ser suplementados com alguns minerais e vitaminas, pois são muito suscetíveis a certas deficiências, como, por exemplo, de cobre, selênio e vitamina E. Como não é costume, na Escócia, o oferecimento de minerais em cochos, como normalmente se faz no Brasil, os suplementos minerais são misturados aos alimentos, injetados (no caso do selênio e vitamina E) e, em algumas fazendas, são ofertados em forma de blocos compactos.

Muitas fazendas de reflorestamento, no norte da Escócia, estão criando veados de forma mais simples, para melhor aproveitamento da área. Simplesmente, eles são criados em determinadas quadras de reflorestamento onde os pinheiros são plantados com menor densidade por área com maior espaçamento entre as ruas. Esses animais, desde que criados numa baixa lotação por área, têm um crescimento relativamente rápido e se alimentam, durante o verão, de capins e de folhas de pequenos arbustos que crescem entre as ruas dos pinheiros, e, no inverno, a alimentação passa a ser mais à base de brotos de "heather". Um dos problemas en-

Bretes especiais são necessários para os cuidados com a sanidade dos animais

contrados neste tipo de criação é que, vez por outra, os veados podem comer alguns brotos apicais dos pinheiros jovens, interferindo grandemente no crescimento das árvores, ou podem comer as cascas dos pinheiros, facilitando a penetração de alguns fungos que podem causar doenças fatais nessas árvores. As causas desse ataque são as mais variadas possíveis, mas a falta de suplementação de minerais, com especial destaque ao sal comum, é a mais comum entre elas.

A contenção dos veados nem sempre é das mais fáceis. Acompanhamos o veterinário John Fletcher a uma fazenda no planalto escocês, para atendimento de dois casos clínicos em veados adultos. Para retirar um pedaço de arame farpado que se enrolou nos chifres do melhor reprodutor da fazenda, o veterinário necessitou de uma espingarda especial dotada de um anestésico, como na contenção de animais selvagens, e sem errar o alvo, imobilizou completamente o animal em cinco minutos. Após a retirada do arame, aplicou o antídoto contra o anestésico e rapidamente o reprodutor voltou ao normal. Para conter os animais adultos geralmente não se necessita de tal procedimento, desde que exista na fazenda um brete de contenção adequado, semelhante ao que existe para manejo de gado de corte no Brasil. Assim as vacinações, marcações e demais práticas podem ser realizadas em bretes especiais.

A principal doença dos veados criados na Grã-Bretanha é a verminose pulmonar, que pode ser prevenida com o uso de vacinas, ou tratada com vermífugos tradicionalmente utilizados em bovinos. Entre os adultos também merecem destaque a paratuberculose, que causa emagrecimento e diarréia, e a tuberculose, que hoje ameaça alguns rebanhos e que teve a sua origem através de texugos silvestres, cuja caça foi proibida por mais de dez anos. Entre os filhotes, devem-se citar a diarréia, de diferentes origens, a pneumonia e a predação por animais selvagens. Mas, desde que bem manejada, a freqüência de doenças nos veados é bastante baixa comparada com ovinos ou bovinos.

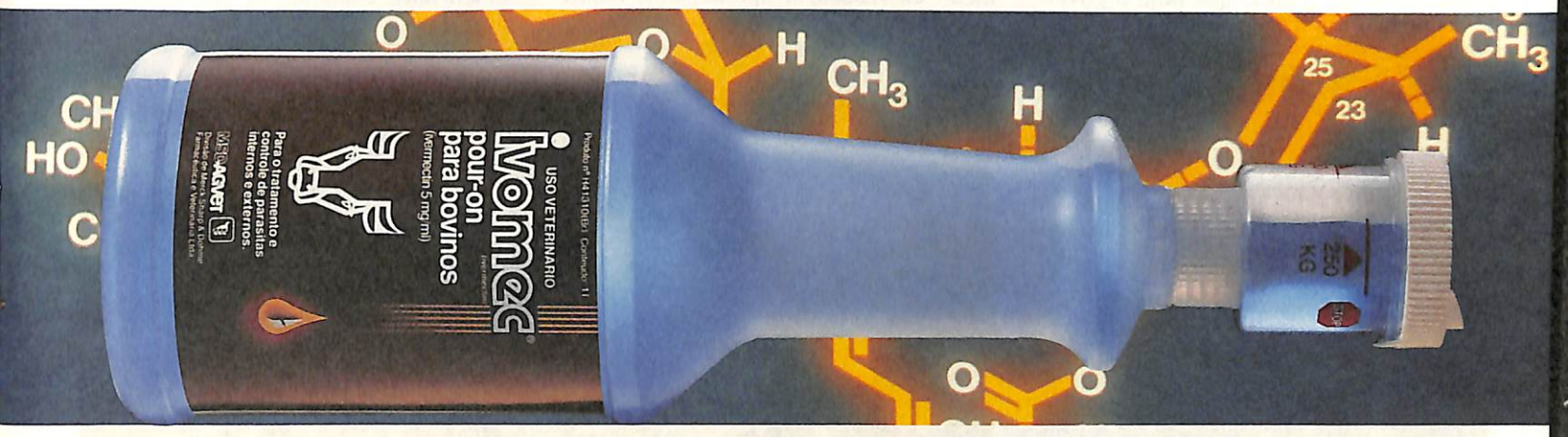
As áreas de caça expandem-se a cada ano

Típica fazenda escocesa dedicada à criação dos famosos veados vermelhos

Galhada, somente nos machos, todo o ano é renovada

Explorando o turismo — Além de ser pioneiro na criação de veados na Grã-Bretanha, John Fletcher teve a idéia de explorá-los, com fins turísticos. Com um outro sócio, comprou uma área na beira de uma rodovia de fácil acesso a Edinburgh, Perth e

VIRE TECNOLOGIA NO SEU GADO
E VEJA O QUE VOCÊ PODE GANHAR COM ISSO.



NOVO IVOMEC* POUR-ON PARA BOVINOS.
TECNOLOGIA POUR-ON DE FÁCIL APLICAÇÃO E ALTA EFICÁCIA.

Uma nova tecnologia chegou à pecuária. Novo IVOMEC* Pour-On para bovinos.

Uma virada no tratamento do seu gado. O primeiro e único Pour-On com amplo espectro de ação contra parasitas externos e internos.

Controla piolhos sugadores e mordedores, elimina vermes gastrintestinais e pulmonares, sarna corióptica e sarcóptica e berne e é uma ajuda no controle do carrapato. Além disso, controla a mosca do chifre (Haematobia irritans) por até 35 dias pós-tratamento.

Novo IVOMEC* Pour-On. A mais nova tecnologia contra os parasitas, também é a de mais fácil aplicação. O Novo IVOMEC* Pour-On já vem com dosificador regulável de acordo com o peso do animal que vai ser tratado. Regulou, apertou, dosou, tratou.

O seu ingrediente ativo, ivermectin, é absorvido pela pele e levado para todo o organismo do animal pela corrente sangüínea. Resultado: ele controla os parasitas externos e internos que roubam a saúde e a produtividade do gado e o seu lucro. E tudo isso com mais eficácia, ampla margem de segurança e ação prolongada (controla Ostertagia por até 14 dias pós-tratamento e vermes pulmonares por até 28 dias).

Vire o Novo IVOMEC* Pour-On no seu gado. Investir na tecnologia certa para o controle parasitário pode acabar dando muito mais retorno para o seu investimento.

NOVO
ivomec* (ivermectin)
POUR-ON
PARA BOVINOS
ENDECTOCIDA PARA APLICAÇÃO EXTERNA

A VIRADA DA TECNOLOGIA

MSD-AGVET

MERCK SHARP & DOHME Farmacêutica e Veterinária Ltda. - Av. Brig. Faria Lima, 1815 - 12.º andar - CEP 01451 - Tel.: (011) 814-5266 - São Paulo - SP.

IVOMEC* é marca registrada de Merck & Co., Inc., Rahway, N.J., U.S.A.

Dundee, e lá, além de criarem os animais, construíram um belo restaurante, playground, anfiteatro, loja para venda de lembranças e carne de veado. O empreendimento foi tão grande que hoje o governo escocês oficializou este centro entre as principais atividades turísticas do país. Anualmente, 80 mil turistas visitam o local durante a primavera/verão. Como nos simbas-safáris, o turista pode visitar "in loco" os veados, se aproximando e mesmo tocando os animais mais mansos. Pode também assistir a apresentações, muito bem preparadas, sobre a história dos veados vermelhos na Escócia. A idéia foi tão boa que hoje outros centros turísticos semelhantes copiaram-na em outras regiões do país. ■

Atração turística

Há mais de 20 anos desembarcavam no Jardim Zoológico de Sapucaia do Sul/RS os primeiros exemplares de cervos vermelhos (cervus elaphus scotius). Originários da Escócia, os animais rapidamente se adaptaram às novas condições de vida. Ao longo deste tempo, mais de uma centena nasceu, o que serve como parâmetro indicativo de boa aceitação do regime de cativeiro. Estes produtos distribuíram-se por inúmeros parques do Brasil.

O rebanho do zôo gaúcho tem 13 cabeças, nove fêmeas e quatro machos. Com um filhote por parto, a gestação demora oito meses, acontecendo a cobertura sempre antes do inverno (aqui no Brasil, em maio), com nascimentos próximos do verão. "O que regula este ciclo é a época do ano", disse o zoólogo Olisses Chitolina, há 14 anos trabalhando em Sapucaia.

Como todo ruminante, os cervos estão sujeitos às doenças comuns à espécie. Porém, destacou Olisses, o maior problema são os fungos, que surgem na pele e muitas vezes podem provocar bicheiras. "Inicialmente aparece um caroço, que acaba rompendo. O sangue atrai a mosca, ocasionando uma ferida. É preciso ficar atento, pois até o berne pode ocorrer no verão."

Uma característica dos cervídeos é a troca da galhada uma vez por ano, sempre no inverno. O ressurgimento acontece no período de monta, momento em que iniciam os duelos entre os machos, para que reine o mais forte e saudável, que pela natureza tem as melhores condições de perpetuar a espécie (pelo menos dos que sobraram). "Este é o tipo de animal que qualquer um pode ter em sua propriedade. E uma das exigências para o bem-estar do plantel é haver um lago para que ele possa se refrescar no auge do calor." O próprio zoológico vende cada cervo a US$ 500.

No zoológico os veados sempre são grande atração

A BATAVO, PRIMEIRA COOPERATIVA DE PRODUÇÃO DO BRASIL,
ASSOCIA-SE ÀS DEMAIS LIDERANÇAS DO AGROBUSINESS
BRASILEIRO PARA CUMPRIMENTAR A REVISTA

a granja

PELOS SEUS 48 ANOS
DE CIRCULAÇÃO ININTERRUPTA

PARABÉNS

COOPERATIVA AGRO-PECUÁRIA BATAVO

Avenida dos Pioneiros, 2324 - 84170 - Carambeí - Castro - PR PABX (0422) 31-1241 - Fax: (0422) 31-1190

Um Mercedes-Benz é um excelente investimento a curto, médio e longo prazo. E a curtas, médias e longas distâncias.

A qualidade do meio ambiente é respeitada pela tecnologia Mercedes-Benz. Estes veículos estão em conformidade com o PROCONVE.

A Mercedes-Benz pensa no global. Você ganha em rentabilidade.

Oferecer veículos rentáveis não significa apenas produzir caminhões e ônibus que economizem combustível. A Mercedes-Benz vai mais além. Baseada em uma experiência de mais de 30 anos de Brasil, coloca à sua disposição soluções racionais para o transporte de carga e de passageiros. Soluções que começam com a oferta da mais completa linha de veículos comerciais do País. E de produtos que asseguram uma perfeita adequação a qualquer tipo de tarefa ou exigência. É onde o seu investimento começa a render.

Os Mercedes-Benz duram mais. Você ganha em tranqüilidade.

Os caminhões e ônibus Mercedes-Benz são feitos para durar. Primeiro, graças à sua robustez. Depois, à qualidade dos componentes e das peças genuínas.

Um conjunto original como esse propicia desempenho e menos despesas com manutenção. Escolhendo o Mercedes-Benz certo para o seu problema de transporte, você reduz os custos operacionais e aumenta a sua vida útil. E ainda ganha quando chega a hora da substituição.

A Mercedes-Benz a seu lado. Você ganha em confiabilidade.

A rentabilidade global proporcionada pelos Mercedes-Benz tem mais razões. Além de adquirir um produto eficiente e confiável, você também ganha uma retaguarda excepcional. São 382 pontos de apoio especializados em veículos comerciais, estrategicamente distribuídos por todo o País. Com essa rede de atendimento, você tem acesso a todos os serviços de pré e pós-venda, o que inclui naturalmente um estoque permanente de peças genuínas e um atendimento rápido e eficiente. Você não perde tempo nem dinheiro.

Passe num dos Concessionários Mercedes-Benz e descubra por que o Mercedes-Benz é um investimento rentável ontem, hoje e sempre.

Mercedes-Benz.
Dá resultado.

Mercedes-Benz

Ano agrí

O que mudou e o que vai mudar na agropecuária e agroindústria

Na pauta, a opinião dos líderes do agribusiness, reunidos em mesa-redonda. Foram oito horas de debates, diálogo e troca de

cola/92

a granja

PARTICIPANTES

NOMES	EMPRESAS
Arlindo de A. Moura	Kepler Weber
Astor F. Hauschild	Purina
Clóvis Puperi	Perdigão
Dick Carlos de Geus	Batavo
Eduardo S. Logemann	SLC
Ivan Pupo Lauandos	Carborundum
José Antônio Barros Munhoz	Secret. Agricultura S.P.
Luiz Carlos Bayer	Tortuga
Mauro Gomes Baleeiro	SBE/Silarma
Ney Bittencourt de Araújo	Agroceres
Oscar Alberto Raabe	Sindical
Pedro de Camargo Neto	Soc. Rural Bras.
Pekka E. Ojanen	Valmet
Vilmar de Oliveira Schürmann	Ceval
Wilson Armelin	Manah

informações. Uma contribuição decisiva para comemorar o 48º aniversário da revista ***A Granja.***

A Granja — Senhores companheiros de trabalho, bom-dia. Bom-dia fraternal, bom-dia protocolar. A revista **A Granja** se sente prestigiada com suas presenças. **A Granja** e os senhores, que representam os pesos-pesados do agribusiness brasileiro, qualquer coisa ao redor de 40% do PIB do Brasil, nós, juntos, desejamos levar ao leitor da revista a informação certa, objetiva e simples.

Hoje, aqui em São Paulo, pretendemos, sob enfoques diversos, abordar os mesmos temas, ouvindo os senhores, que estão no fronte e realmente têm a capacidade e o *feeling*, para dar uma contribuição ao nosso governo, em termos de Executivo e Legislativo, e, fundamentalmente, uma orientação correta ao nosso leitor. Com esses propósitos, desejamos escutar a todos no seu devido tempo. ■

José Antônio Barros Munhoz, secretário da Agricultura de São Paulo, Hugo Hoffmann de A Granja, Pedro de Camargo Neto, da Sociedade Rural Brasileira

PEDRO DE CAMARGO NETO

Bom dia, senhores. Agradeço o convite de **A Granja** para estar aqui. Nós que representamos o setor rural, temos a pretensão de atuar, não só de prestar serviço para os associados. Até mesmo de exercer uma função de lobby. Em janeiro de 1991, o setor sentia um desânimo total com a política efetivada há alguns anos, e que se tornou mais agudo no primeiro ano do governo Collor, o ano da ministra Zélia, em que a política agrícola daquela safra foi executada dentro do Ministério da Economia. Mas, em janeiro de 1991, ocorreu o fato, que nós entendemos de muita importância, e que até hoje não conseguiu se concretizar no todo, que foi a aprovação da Lei Agrícola. Foi a prim Lei Agrícola, com todos os defeitos que ela tem, mas que se tornou um instrumento que nós temos buscado utilizar e que temos que trabalhar para melhorar. Alguns dos itens que tentamos incluir na lei nós ganhamos e até hoje não levamos. Ainda não conseguimos incorporar na economia algumas vitórias obtidas em janeiro de 1991. Mas a partir do resultado daquela safra medíocre, pressões dos senhores, pressões nossas, pressões de fatos econômicos, da sociedade urbana de maneira geral, o próprio governo reconheceu que alguma coisa errada estava acontecendo. Ainda em julho, quando foi lançado o primeiro pacote de 1991, algo foi anunciado. Porém, em outubro houve a complementação das medidas, as quais têm que ter uma continuidade em 1992. Não pode haver uma reversão, que é um risco que a gente ainda corre.

Acho que houve algumas vitórias importantes em 1991, que precisam ser consolidadas em 1992. Agora, por exemplo, está na moda dizer que a agricultura precisa ser subsidiada, e falam isso sem saber onde é bom colocar esses recursos do orçamento, onde gastar esse dinheiro, que o Brasil tem pouco, porque o Brasil é pobre, não tem condições para copiar uma política européia ou uma política americana. Então, como é que nós vamos influir para que os poucos recursos que o Brasil tem sejam gastos em instrumentos que fortaleçam a economia como um todo e o setor rural. Acho que tem que se trabalhar nisso no ano que vem. Cada dia estamos chegando mais próximo do Mercosul. Está correndo o relógio e, até o momento, a única coisa de que se falou, em termos de Mercosul, foi reduzir a alíquota. Se pressupõe-se um mercado comum, nós imaginamos que haverá uma política agrícola, e o Brasil tem um arremedo de política agrícola, coisas resolvidas às pressas, na correria. Como é que vamos desenvolver esta política agrícola no Cone Sul? Eu tenho tentado verificar se já havia existido algum tipo de discussão entre governos sobre como seria esta política e não consegui descobrir.

Pedro de Camargo Neto

O grande instrumento de política do setor ainda é o crédito rural, e é preciso fazer alguma coisa hoje, para, em outubro de 1992, não ter que brigar por dinheiro. De onde é que vem,

Por aqui ou por ali, você sempre encontra a nossa marca.

Por aqui, você tem tecnologia.

- Secadores KW R
- Secadores Royal
- Secadores Farm
- Silos Metálicos
- Silos Metálicos A-150 e A-200
- Equipamentos de Transporte
- Equipamentos para Fábricas de Óleo
- Maltarias e Cervejarias
- Fábricas de Rações
- Máquinas de Pré-Limpeza
- Máquinas de Limpeza

Por ali, você encontra nossa rede de serviços.

- Orientação técnica nos projetos
- Peças de Reposição
- Orientação a Financiamentos
- Treinamento de Operadores
- Serviços SOS Safra
- Assistência Técnica Autorizada - ATAK
- Manutenção Preventiva
- Distribuição Linha Gates

Enfim, por onde você passar sempre encontrará a nossa marca. Bom pra você. Melhor ainda para a sua safra.

KEPLERWEBER

SUA SAFRA MERECE ESTA MARCA

Fones: Panambi (055) 375-2322 • **Porto Alegre** (0512) 41-1044 • **Cascavel** (0452) 23-0323 • **São Paulo:** (011) 288-2122 • **Goiânia** (062) 281-2888 • **Campo Grande** (067) 742-3013 • **Cuiabá** (065) 322-0382

SONDER

de onde é que não vem, como aconteceu em 1991. Acredito que o setor deve ter uma ação mais positiva dentro do que ele quer como instrumento de crédito. Quando se vê algum trabalho de crédito rural, acaba sendo o setor financeiro que o está realizando. A visão do setor financeiro é muito importante, mas é um dos lados. Acho que nós, do agribusiness, temos que ter mais ação, mais trabalho, relativamente ao que seria o crédito rural que se quer para 1993, pois não é só a safra de grãos que é importante. Há setores que continuam abandonados, como é o caso do café, que deveria ser considerado e não constava do pacote de outubro, porque o nosso presidente não deu ordens específicas para que alguma providencia fosse tomada. Portanto, não se faz nada. Não temos tido força para influir, para alterar esse quadro. Assim, muita coisa deve ser trabalhada: o que é política agrícola, uma política agrícola conveniente para o Brasil. Penso que não é uma cópia do que existe nos Estados Unidos, nem do que existe na Europa, porque a nossa realidade é outra. Até hoje, nós ganhamos no Congresso e não levamos. Até hoje, existem importações subsidiadas. Até hoje, nós não conseguimos convencer a sociedade urbana e o governo, que é influenciado pela sociedade urbana, de que isso aí é ruim para a economia como um todo e, particularmente, para o setor rural. Mas, que não é bom fazer o controle de preço com o *dumping*. ■

NEY B. DE ARAÚJO

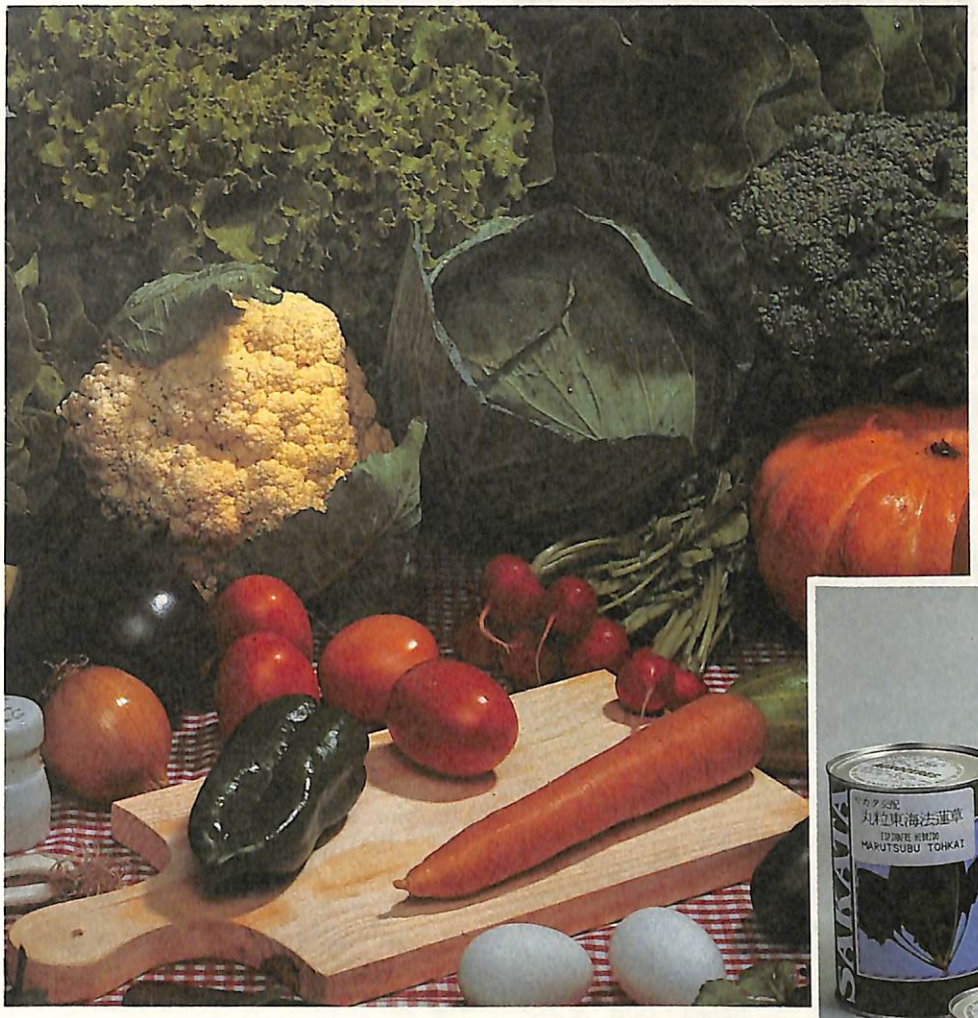
Tendo em vista as colocações de **A Granja**, e tendo em vista que esta é uma reunião da qual todos nós nos beneficiamos, que existe um volume enorme de troca de informações, eu tive de acelerar um pouco o meu pessoal de campo e fazer algumas considerações, para buscar idéias para discutir aqui. Nos últimos três anos da supersafra, 87, 88 e 89, os preços dos produtos agrícolas mantiveram-se bastante abaixo do índice geral de preços. Isso quer dizer que os produtos agrícolas foram agentes redutores da inflação. Na medida em que houve a falta da produção agrícola, a crise de produção, o índice pulou bem acima do índice geral de preços, e o produto agrícola passou a ser o grande agente inflacionário dos últimos dois anos. É um agente inflacionário muito mais perverso que qualquer outro. Nós estamos, hoje, brigando com o preço dos automóveis, mas a inflação de alimentos é uma inflação que afeta cem por cento a população. O preço do conjunto de som, do automóvel, afeta um determinado segmento. É essa tese que nós viemos defendendo. A crise agrícola de 1991 refletiu-se no que se deixou de exportar e no que se teve de importar, num déficit na balança comercial de cerca de dois bilhões de dólares.

Em julho e agosto, o governo brasileiro soltou um embrulho. Foi um

Ney B. de Araújo

embrulho porque, além de não definir linhas de crédito rural confiáveis, criou algumas figuras enormes, porque ele marginalizou o médio e grande produtor rural, concentrando os recursos no pequeno produtor, como se este pudesse resolver o problema da produção. Aí começou a luta, da qual muitos de nós participamos, mas o Pedro foi o elemento principal, o mais ativo, passando a morar em Brasília. Verifica-se o seguinte: o pacote não é mais embrulho, agora é pacote, pois foi adequado às nossas necessidades. Os recursos foram ampliados, promoveu-se uma renegociação necessária com aqueles problemas de crise no Brasil Central em 09/10, e no Sul em 90/91. Nós obtivemos, além disso, a primeira mudança de uma posição irredutível do Ministério da Economia, ao admitir a indexação do preço mínimo, de uma forma meio eufêmica. Essa foi a primeira área em que se admitiu algum tipo de indexação. Achávamos que poderia haver uma reação muito maior do que houve. Na verdade, analisando as áreas de insumo da agricultura, verificamos o seguinte: o setor de sementes praticamente permaneceu estável, na área de milho híbrido, que a gente conhece melhor. Hoje estamos admitindo um crescimento de 2% de sementes de milho híbrido, em relação ao ano passado, para um crescimento de área de 5% à 5,5% Ou seja, aumentou também o uso da semente de paiol na produção de milho. A área de soja está estável, e na de fertilizantes, que é uma área importante porque avalia bem, mede bem a produtividade média de todas as culturas, o crescimento foi de 1,5%. Efetivamente. até agora, ao que nos parece, não houve nenhuma circunstância especial para ganhos especiais de produtividade. Computando os dados de sementes, fertilizantes, teremos o maior destaque para o amendoim: de 17,5%. Mas, o amendoim está quase acabando. É uma área muito pequena. Deve crescer o algodão: 5,5%. Para o arroz, nós estamos projetando um crescimento de área de 7%. A mamona cai em 14%. O milho aumenta 5,5%. Mas, como eu disse, apenas 2% de semente melhorada. A soja vai ficar praticamente estável. O que a soja aumenta no Brasil Central, cai no Paraná. O milho cresce em cima dela neste Estado. E nós nos preo-

QUALIDADE TEM UM NOME



- A Agroceres foi a primeira empresa a criar um centro de pesquisas para hortaliças, no país.
- Mantém 4 pólos de pesquisa e produção exclusivos para hortaliças.
- Intercâmbio científico com países de horticultura avançada, como Japão, Holanda, França e Estados Unidos.
- Banco genético com as linhas de melhor adaptação e desempenho para as condições brasileiras de produção e mercado.

A AGROCERES também comercializa, com exclusividade no Brasil, as sementes

SAKATA

TECNOLOGIA, SEGURANÇA E ALTA QUALIDADE SE PEDE PELO NOME:

AGROCERES®

cupamos com o Brasil Central, com o fato de que esse número da soja possa crescer um pouco mais, em detrimento do milho, uma vez que estamos ficando cada vez mais atrasados para plantar. O milho passa então a apresentar mais risco que a soja. É possível que ainda haja uma mudança no perfil. Mas o número que se tem indica mais ou menos a estabilidade da soja, um crescimento pequeno de sorgo, que também é pouco importante na produção de grãos, e estabilidade zero na área do trigo. E nenhuma modificação na área das culturas de inverno. Isto apenas no Centro-Sul. Baseado no critério de produtividade, com o qual nós trabalhamos e já foi explicado, deveríamos ter no Centro-Sul, para o ano que vem, condições ótimas, sem analisar os problemas que estão vindo com essa seca agora, esse atraso de plantio, que pode comprometer a safra. O único Estado que eu diria, no momento, estar inspirando certa tranqüilidade como um todo, apesar de ter alguns problemas, é o Rio Grande do Sul. Todos os outros têm maiores dificuldades. Isso então nos daria a produção de 53.847.000 toneladas de grãos no Centro-Sul. Admitindo uma produção, no Nordeste, igual a do ano passado, que foi muito boa, não podemos imaginar que exista possibilidade de uma safra maior que 61 milhões de toneladas. Agora, esses 61 milhões de toneladas vão dar, no milho, por exemplo, uma produção em torno de 24,2 milhões de toneladas. Portanto, no caso específico do milho, o Brasil não atingirá a demanda. Pela projeção que estamos trabalhando, admitimos que, para uma demanda de 26 milhões de toneladas, nós ainda teríamos que importar milho no ano que vem. Nos outros produtos, aparentemente, sobretudo no caso do arroz, nós poderíamos chegar muito perto da auto-suficiência.

Tivemos discussões fortes com a ministra Zélia e, principalmente, com aquela corja de analfabetos

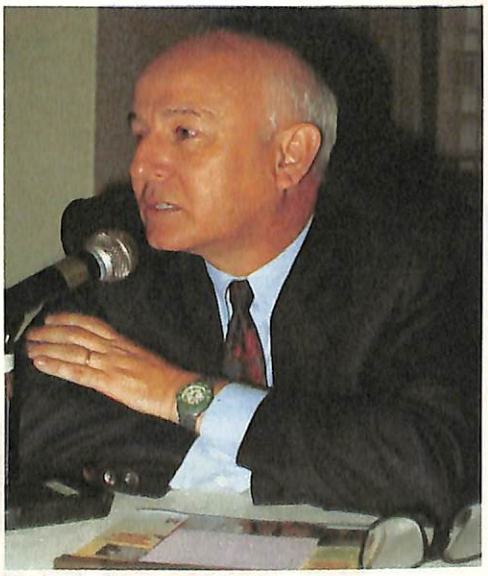
Ney B. de Araújo

O que a gente nota, no contato com nosso pessoal de campo, é que, apesar das mudanças de regras, de algumas melhorias no pacote, o agricultor ainda está profundamente desconfiado.

Acredito que o ministro Marcílio descobriu que existe uma ligação muito direta entre a produção agrícola e a inflação. Sobre isso tivemos discussões muito fortes com a ministra Zélia e principalmente com aquela corja de analfabetos. Eles baseavam-se no conceito de que hoje a agricultura no mundo é orientada pelo valor agregado. Isso quer dizer o seguinte: você agrega mais valor à commoditie, que não tem mais muita importância. É aquela tese de que um dólar de trigo vale seis dólares de farinha de trigo e vale trinta dólares de pão. Então, o valor agregado é que vale, e se nós não temos a commoditie e importamos e colocamos valor agregado, a diferença é pequena. Ora, esse raciocínio, que é um raciocínio de curso primário, veio e se incorporou no grupo da Zélia, de modo a se dizer que não tem problema: se a agricultura tiver falhas, nós importamos, e o preço lá fora está subsidiado. É fácil importar. Esqueceram de que há uma volatibilidade enorme nisso aí. O arroz, por exemplo, todo o arroz do mundo, aquilo que é transacionado em arroz, não dá mais de 10 milhões de toneladas. Quando o Brasil entrou para comprar 10 milhões de toneladas, mudou todo o panorama de preço. Eles foram brincar numa área que não conheciam. Esqueceram do próprio conceito de valor agregado do ágri. Cada dólar produzido dentro da fazenda representa quase cinco dólares na economia. Isso é fácil saber. É a empresa que se movimenta em base de insumos, dos fertilizantes, das máquinas, das sementes, etc. Da porteira para fora, é a agroindústria e a comercialização. A agricultura é igual a uma montadora de automóveis. Ela está no meio de um sistema onde tem um mercado para trás gerando PIB e um mercado para a frente gerando PIB. Então, quando se mexe nisso, desarticula-se a estrutura. Isso não foi entendido pelo governo anterior. Acho que temos que começar nosso trabalho articulado, baseados nestes fatos de macroeconomia. A sensibilidade do governo para a situação do produtor rural não existe. Mas o que eu queria era demonstrar que não disponho de informação nenhuma que me permita imaginar que nós tenhamos os tais 65 milhões de toneladas que o governo está dizendo. Ter esses 65 milhões de toneladas é ótimo, mas esse valor não deve ser atingido porque já estamos com atrasos substanciais no plantio do Brasil Central. ■

VILMAR DE OLIVEIRA SCHÜRMANN

Concordo que em 1991 nós tivemos conquistas na área agrícola, porque o quadro vinha se deteriorando em termos de recursos financeiros. O produtor rural acertou as contas do passado. Em grande parte do País, o agricultor teve à disposição um crédito em condições mais vantajosas do que vinha recebendo. Talvez não houvesse estímulo de preços ainda, ou ele não acreditasse que podemos ter um mercado com preços remuneradores, e por isto não há um reflexo maior na área plantada. Mas já é um sinal positivo o fato de que se estancou aquele descrédito que tínhamos na agricultura. Concordo que nós não devemos ter um crescimento excepcional na produção agrícola, como o governo vem anunciando, principalmente nas áreas que acompanhamos mais diretamente, como no caso da soja. Temos um crescimento no Centro-Oeste, em área



Vilmar de Oliveira Schürmann

Este homem sofria de solidão.

O Condomínio Rural acabou com ela.

Nada mais triste do que tentar desenvolver, crescer e sobreviver sentindo as limitações do trabalho isolado. O Governo do Estado, através da Secretaria de Agricultura e Abastecimento, está revertendo este quadro tão comum entre os pequenos produtores, com o Condomínio Rural. Ele reúne os pequenos proprietários rurais de maneira a que todos falem, peçam e obtenham soluções concretas para os problemas do dia-a-dia. Isto gera, entre outras coisas, melhorias na qualidade de vida, na metodologia de trabalho e, por conseqüência, nos níveis de renda. Se você anda se sentindo só, informe-se melhor sobre o Condomínio Rural. A cura é rápida e não custa nada.

O FUTURO DO RIO GRANDE ESTÁ NA TERRA.

GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

SEC. DA AGRICULTURA E ABASTECIMENTO

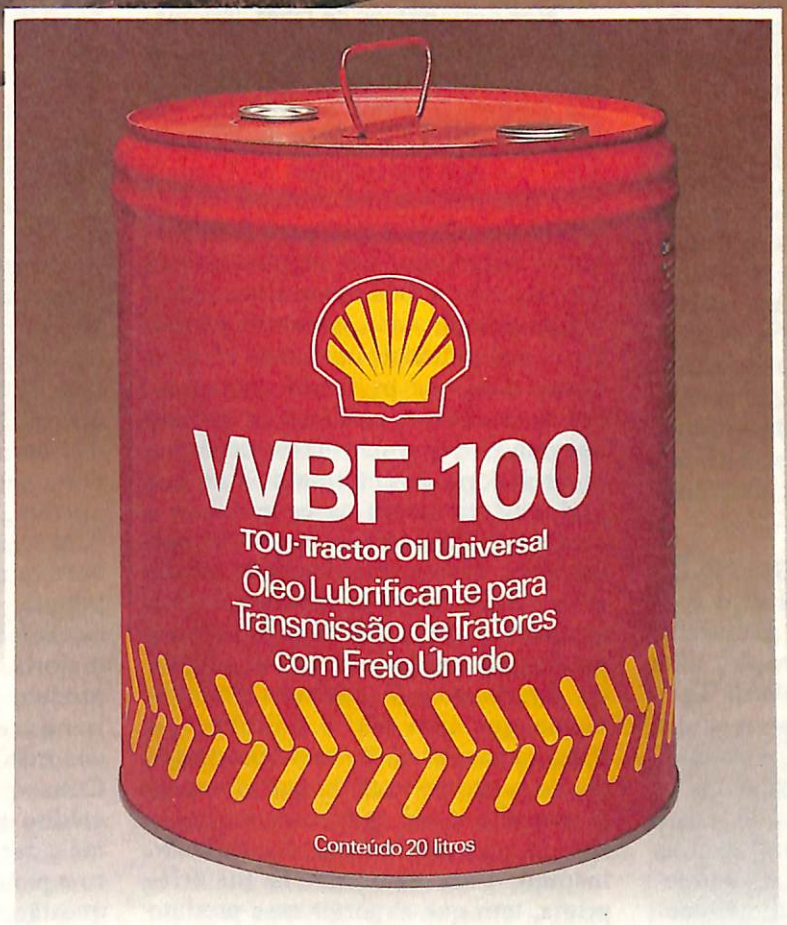
plantada, no Mato Grosso, Goiás e na Bahia, mas são áreas que já estavam preparadas e foram abandonadas em 90 e 91. São áreas que voltaram a se reincorporar em função de crédito agrícola, em função de um momento propício, que a agricultura de grãos viveu de julho a setembro, quando os preços internos cresceram, com os problemas de abastecimento, e estimularam muitos produtores a voltar a plantar e a fazer com que o crescimento na área do Mato Grosso, Goiás e Bahia, possa cobrir aquilo que nós tenhamos de redução no Paraná, e mesmo em Santa Catarina e parte do Rio Grande do Sul. Nós tivemos uma safra de soja em condições de atingir uma produção de 18 a 20 milhões de toneladas. Dezoito, se nós tivermos pequenos percalços, em termos climáticos. E, até 20 milhões de toneladas, se toda a área que está prevista for plantada, e as condições climáticas forem favoráveis. Acho que em 91 nós vencemos esta etapa de desestímulo que havia na agricultura. Hoje se vê um quadro mais favorável para a produção de grãos. Entretanto, temos ainda desafios. Atualmente somos exportadores de impostos, enquanto temos um Paraguai, uma Argentina, aqui mesmo perto de nós, com uma condição tributária diferente. Isso sem falar dos países da Europa e Estados Unidos, onde os agricultores recebem subsídios. Temos condições de trabalhar sem subsídios, mas também sem uma taxa tributária elevadíssima. Acho que o momento é propício, talvez não tanto a nível federal, porque esta taxa tributária é mais a nível estadual. Recentemente o Confaz se reuniu e reduziu a tributação do milho. Mas basta, por exemplo, um Estado como Sergipe não concordar para o convênio todo ir por água abaixo e um trabalho ficar perdido. Porém, creio que há esse clima favorável em alguns Estados. Em São Paulo se vê a disposição do governador em reduzir a tributação sobre insumos e produtos agrícolas. Sei que o Brasil tem que vencer um ciclo lento de transformações. Nada poderá ser feito muito rapidamente, até porque nós temos um Congresso que está vivendo e amadurecendo aos poucos. A Constituição colocou uma porção de dificuldades na maneira de governar. Temos etapas para os anos seguintes,

se possível até alguma coisa ainda para 1992, como, por exemplo, diminuir os custo em transportes, em comunicações. Enfim, reduzir o custo de infra-estrutura, mas acima de tudo, visto que se fala a respeito de 1992, e já que não temos condições de mudar a safra de 1992, pois ela está aí, está plantada, o que nós podemos é influenciar para que esta produção não receba uma tributação tão elevada. É importante buscar apoio no Congresso, nos governos estaduais, para que aquilo que vai ser plantado não fique em grande parte na mão do governo ou que isso não seja tributo, para ser mal aplicado. Se ainda fosse tributo para ser bem aplicado, revertendo em melhorias para a produção agrícola, seria compensador. Mas este não é o caso de tributos que nós não temos condições de transferir para os preços externos e que estão fazendo com que a dívida social que o governo tem com a população, principalmente de baixa renda, seja maior ainda. Então é este o sentido da proposta que eu tinha para este debate, uma vez que não há mais condições de mudar a safra agrícola. Não vamos mais ter milagres. O que podemos é aumentar a renda da fazenda, a renda do produtor, tentando reduzir a carga tributária.

NEY B. DE ARAÚJO

O problema tributário foi muito bem colocado. Fui convidado a participar de um grupo chamado Comissão Empresarial de Competitividade. Isso foi criado ainda na época da Zélia, e representou uma tentativa de fazer um grupo de empresários participar de alguma forma de planejamento, de uma visão de longo prazo. Começamos com 12 grupos, com um total de 144 empresários. Agora, esse número foi aumentado para quase 200. Esses grupos se estruturaram em grupos temáticos, e cada um tem uma coordenação. Caiu na minha mão a coordenação de um grupo que se chama "Custo e Tamanho do Estado". Na verdade, ele está trabalhando numa proposta mais a médio ou longo prazo, para discutir o problema do tamanho do Estado. Hoje, tem que se imaginar que com 58 impostos existem 58 fiscalizações e 58 interfaces para a corrupção. Esse é o primeiro ponto. Segundo ponto: no problema tributário, temos cada vez menos gente pagando mais impostos. Os especialistas da economia subterrânea já avaliam a economia paralela brasileira como coisa de 40%. Simplesmente quer dizer que o PIB brasileiro não é de 340 bilhões de dólares, mas alguma coisa de mais de 500 bilhões de dólares. Isso nós detectamos por algumas amostragens interessantes: baseados nos abates registrados pelo IBGE, temos um número de produção de carne bovina em torno de 2,4 milhões de toneladas. Quando a gente confronta isso com o sindicato de couros, que na verdade também sonega, chegamos à conclusão que cada rês abatida no Brasil tem 1,8 pele. Quer dizer, estamos chegando muito perto de um boi de dois couros.

Então, na verdade, este tipo de trabalho é que, talvez, seja o caminho para chegar aos Estados, porque há resistência, exceto em São Paulo e Rio de Janeiro, onde o imposto de ICMS sobre os produtos agrícolas não pesa tanto na economia. Quando se discute com estes Estados uma isenção, existe uma reação terrível. Aqui em São Paulo, por exemplo, temos uma postura do Fleury, de admitir até a desobediência civil, para se enfrentar esse problema. Então, o momento é propício para discutir formas inteligentes e criativas de enfrentar o problema tributário. E temos que nos basear muito na sonegação. As empresas fertilizantes, empresas de porte razoável, empresas grandes de sementes, empresas de capital aberto, não têm condições de sonegar imposto. Não tem condições de sonegar imposto a Souza Cruz, por exemplo. Então, na verdade, cada vez mais esse pequeno grupo, é carregado com o aumento da carga fiscal. Vale dizer o seguinte: vamos criar um sistema em que a pes-



Trate do seu trator como você trata da terra.

Para cuidar bem da terra, nada como um bom óleo lubrificante. Seu trator precisa disso.

WBF-100 é o óleo de primeira linha da Shell exclusivo para sistemas de freio úmido, hidráulico e de transmissão de tratores. Ele protege contra ferrugem, corrosão e desgaste prematuro. Reduz ruídos e garante o melhor desempenho.

Com WBF-100 seu trator não dá mais trabalho. E trabalha como nunca.

WBF-100. Para seu trator tratar a terra como ele gostaria de ser tratado.

Shell

Líder mundial em lubrificantes

WBF-100
À venda em baldes de 20 litros, em nova embalagem, ou em tambores.

WBF-100 é aprovado para tratores Maxion (Massey-Ferguson), Ford, Valmet e CBT. Siga a recomendação do fabricante para a correta lubrificação.

soa não se arrisque a ser subornada pelo fisco, a ser realmente penalizada por 4% de imposto. Agora, 17%, quando a soma de tudo dá vinte e quatro, isso significa um lucro e um prejuízo. Aí, a tendência de sobrevivência é muito mais forte. E, além de tudo, não há competitividade. Quero dizer: as empresas bem organizadas têm que pagar imposto. Ora, normalmente, não podem competir com as empresas pequenas, que não pagam imposto. Então, esta linha do problema tributário, eu concordo, é absolutamente vital. E temos outra vantagem agora, com o Mercosul. Nenhuma integração comercial é possível sem uma política cambial única e uma moeda de referência. Um ECO, como têm os europeus. Isso, em primeiro lugar. Em segundo, é preciso uma política tributária única. Assim, num momento em que todo o mundo está discutindo como é que se integra, se houver sistemas tributários em que se cobra 34% no Brasil, 9% no Uruguai e 17% na Argentina, não se tem condições de integrar nada. O problema tributário realmente está inibindo o desenvolvimento do País, está tornando o Brasil um País do caixa dois.

PEDRO DE CAMARGO NETO

Concordo que é prioritário e concordo que é a única coisa que se faz com a caneta. É uma operação, uma lei, que pode mudar a renda da agricultura. Acho que as outras medidas vão requerer investimentos, e de onde vêm estes recursos? Eu tenho muito orgulho de estar trabalhando neste problema tributário há mais de dois anos. E, aqui em São Paulo, as entidades do setor rural fizeram, inicialmente, muitas reuniões, tentando enxergar o que estava errado. Caminhamos, no primeiro ano, muito devagar, mas tentando identificar o que se podia fazer. O governador Fleury garantiu, que, na próxima reunião do Confaz, vai ser enviado um pedido de isenção da cesta básica. Acho que ele mesmo sabe que isso não vai ser aprovado nunca. Mas falou que vai reduzir a cesta básica para 5%, em São Paulo. Isso ainda este mês. Então, no momento em que este Estado partir para a operação, acredito que será seguido por outros. E é uma coisa que não aconteceu por acaso. O setor rural, na Constituinte, foi omisso. Não trabalhamos no capítulo tributário da Constituição. Então, tem esse problema de descontar imposto, que vai envolver uma reforma constitucional, por omissão nossa. Nós estávamos paralisados com o problema da reforma agrária. Com a grande perda de tempo e esforço que foi aquilo. Mas, foi necessário naquele momento. ■

LUIZ CARLOS BAYER

Nós gostaríamos de fazer uma manifestação sobre a complexidade do nosso sistema tributário. De uma forma prática, levamos o problema, em uma ocasião, ao ministro da Agricultura, que nos encaminhou ao Confaz, para que pudéssemos eliminar aquela figura do ICMS substituto. É importante, sobretudo, no ângulo da corrupção. Na medida em que nós temos algum complicador, no sistema tributário, naturalmente que isso abre as portas para que os fiscais encontrem coisas erradas. A conclusão a que nós chegamos é que não havia nenhuma controladoria de empresa no País que pudesse realmente assegurar que a área de ICMS estava correta na sua empresa, dada a complexidade do sistema. Hoje, nós nos deparamos com as duas figuras: o ICMS pago normalmente, em alguns Estados, ou a figura do diferimento. E sabemos perfeitamente que isso não é uniforme no País, causando uma verdadeira tragédia do ponto de vista do que representa esse alto valor, na medida em que o Estado que produz um determinado insumo, uma determinada matéria-prima, tem que exportar esse produto a nível do País. Há um desequilíbrio fantástico nesta figura, a nível de cada Estado. É uma política assimétrica, causando uma dificuldade muito grande no sistema de abastecimento a preços equilibrados, a nível de comercialização no País. Por incrível que pareça, nesta última reunião, em que nós tivemos a isenção numa lista de produtos, de matérias-primas, o trabalho não atingiu a profundidade suficiente e nem foi divulgado a nível satisfatório, de tal forma que vamos encontrar, dentro dos sindicatos, dentro das associações de indústrias, comportamentos diferentes em relação à aprovação ou não de isenção de ICMS em determinados produtos, em determinadas matérias-primas. Isso porque, considerando que a coisa se estabelece numa cadeia, vamos ter, na maioria dos casos que, quando um produto na sua composição final fica isento, ele não passou pela isenção das matérias-primas que o compõem. Conseqüentemente, nas figuras de crédito e débito, esse produto vai ficar mais caro para o consumidor brasileiro e para o produtor rural. Essa é uma questão importantíssima para que o trabalho seja feito com um pouco mais de cuidado, embora nós tenhamos encontrado no sindicato de nossas empresas, no nosso setor, reações bastante grandes no sentido de que não deveríamos aceitar a isenção, porque depois ela onera, em função da empresa não poder se creditar e ter que repassar isso para o produto. Defendemos a tese de que deveríamos estabelecer aí dois degraus, para que possamos conseguir as coisas. Não sei se os presentes aqui concordariam com isso. Mas a nossa idéia é de, primeiro, fazer a isenção daquilo que se pode fazer. Numa segunda etapa, nós

Luiz Carlos Bayer

teríamos que isentar para trás, vamos dizer assim, as matérias-primas que compõem o insumo, porque achamos que já é um passo importante. Mas, se puder ser feito simultâneamente, melhor. ■

Clóvis Puperi

CLÓVIS PUPERI

Acompanhei com muito interesse a colocação do Ney de Araújo sobre a safra brasileira. Nosso setor — que é um setor de aves e suínos — é extremamente dependente dela, já que o milho e o farelo de soja são os principais insumos das forragens utilizadas pelos rebanhos avícola e suíno. Em 1991, nós tivemos, nestas duas áreas, um crescimento de produção. Houve uma série de estímulos, principalmente pela recuperação de preços do final de 1990, que incentivaram, no ano de 1991, um acréscimo de produção. Tanto assim, que na área de aves, estimamos neste ano um crescimento de 11% em relação a 1990. E, na área de suínos, qualquer coisa em torno de 15%. Isso representa, no setor de aves, uma oferta entre 250 e 300 mil toneladas de carne a mais no ano. E no de suínos, qualquer coisa em torno de 100 mil a 150 mil toneladas. E, pasmem os senhores, o mercado brasileiro consumiu esses aumentos, em parte devido à carne de boi nos ter dado uma certa sustentação. Os altos preços da carne bovina permitiram a comercialização desses produtos, que, normalmente, têm preço inferior no mercado brasileiro. Mas as empresas brasileiras não experimentaram bons resultados no ano de 1991. E a explicação é lógica. O nosso faturamento real caiu. E por que caiu? Porque em 1990 nós tivemos um dólar comprimido. Praticamente de março a setembro, o dólar esteve estável. Então, visto nós termos uma inflação dentro do País neste período — apesar do decreto que eliminava a inflação, ela não foi eliminada — houve um faturamento acima da espectativa em dólares. Já em 1991 apesar de não estar totalmente corrigido, ele acompanhou a inflação durante o ano todo.

Então, com essa correção, o nosso faturamento em dólares, que é uma moeda constante, já que não há uma indexação este ano — caiu. Caiu, porque o nosso preço médio está em torno de vinte a trinta centavos de dólar inferior ao preço médio de 1990. Tivemos um aumento de produção e tivemos, no mercado interno, um faturamento menor. Houve também um aumento de custo de produção, devido à dificuldade de forragem. Ocorreu ainda uma série de dificuldades este ano. Os microelementos tiveram uma correção maior por causa do dólar, e o milho nós tivemos que importar. A importação deve ficar em mais de 1 milhão de toneladas. É um número muito grande, que deverá ocorrer também em 1992, pois a safra é maior. Vocês vão me dizer que o Ney nos falou em uma safra de mais de 2 milhões de toneladas de milho. Isso representa talvez uns 10% mais. Acontece que nós, de 90 para 91, tivemos um estoque de passagem maior. Esse estoque foi eliminado. Isso é uma coisa boa, porque o do governo vai ser acertado. O governo sempre informou um estoque em que nós nunca acreditamos. Uma parte dele, na nossa opinião, se esvaía com uma boa ventania. Era contábil. Esse ano, vai ter que haver um acerto nesse estoque do governo. Vamos ter dificuldade de milho até a entrada da próxima safra, que vai ser um pouco retardada. Então, no ano que vem, nós novamente seremos importadores de milho. Graças a Deus, a Argentina está

aí do lado, tem um produto de excelente qualidade e nos ajudou muito este ano. Garanto que tem um navio descarregando milho no Brasil, em algum dos portos do Sul, e isso continuará até a entrada da próxima safra.

O que nos auxiliou muito, em 91, no setor de aves, e está iniciando no setor de suínos, foi a exportação. Não é que tenha havido um aumento em tonelagens. A exportação de aves, em 1990 e 1991 atingiu 300 mil toneladas. Um número entre 299 e 300 mil toneladas. Este ano, devemos ir no máximo a 305 mil. Acontece que nós

TABAPUÃ

Dr. ALBERTO ORTENBLAD

CAMPEÃO DE TODAS AS PROVAS DE DESENVOLVIMENTO PONDERAL, DESDE 1975

RUSTICIDADE, FERTILIDADE E GRANDE GANHO DE PESO. TABAPUÃ, A RAÇA FEITA PARA O BRASIL.

Fazenda Agua Milagrosa
Cx. Postal 23 Tel.: PABX (0175) 62-1117
15880 - Tabapuã - SP

mudamos o perfil da exportação. Um trabalho que começou em 90, e já atingiu um percentual bastante grande em 91, foi a exportação de cortes de aves, em detrimento da ave inteira. Isso tem um valor agregado muito grande, e a nossa exportação total em dólar, este ano, deve chegar perto de US$ 400 milhões, que é um número mais ou menos 30% maior do que o do ano passado. O que se explica, por se conseguir preços melhores, devido ao padrão de corte brasileiro, que é muito bem aceito em todo o mercado internacional. Isso é muito conveniente e deve continuar em 1992. Nós temos expectativa de que, com esses acertos no acordo do GATT, talvez uma eliminação do subsídio do mercado internacional, haverá crescimento do mercado internacional de carnes para o ano que vem, devido às grandes necessidades do Leste europeu. A nossa expectativa é que a Europa do Oeste, para evitar a vinda do consumidor para ela, vai mandar os seus excedentes para o Leste, de maneira a segurar o consumidor lá. Isso deverá promover uma demanda maior no mercado, e havendo uma demanda maior, uma fatiazinha adicional será nossa. Não sou muito otimista, porque os nossos grandes adversários no mercado internacional sempre se munem de mecanismos de autodefesa. Mas, de qualquer maneira, existe uma possibilidade de aumento de exportação, e nós esperamos que haja, dentro deste mercado, um espaço maior para o Brasil. A exportação, que foi em torno de 17%, 18%, em 91, nós imaginamos que, em 92, devido a essas facilidades de mercado internacional, possa chegar a 25%. No suíno, temos uma expectativa melhor também. Esta exportação ainda é incipiente, porque

O que nos auxiliou muito em 1991, no setor de aves, foi a exportação

Clóvis Puperi

na década de setenta, houve a lamentável ocorrência da peste suína africana, que, na realidade, na nossa opinião, não ocorreu, senão, ainda estaria aí, uma vez que não foram tomadas medidas sanitárias adequadas para eliminá-la completamente. Isso eu ouvi também de um pesquisador francês, que visitou o Sul do Brasil, logo depois desse fato. Não havia possibilidade de eliminação com o que foi feito. Mas a exportação, que estava crescendo na época, foi reduzida e nós, gradativamente, nos últimos três, quatro anos, estamos tentando voltar a ocupar alguns mercados. Já tivemos a visita do pessoal técnico do Mercado Comum Europeu. Por isso estamos fazendo um trabalho junto às associações de criadores, junto às autoridades dos três Estados do Sul, para conseguir a liberação do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, para o Mercado Comum Europeu. É um trabalho difícil, porque há uma exigência das autoridades sanitárias européias de que seja totalmente eliminada a vacinação contra a peste suína clássica. Se não existe a doença, não é preciso vacinar. Se um país arca com a responsabilidade de não vacinar seu rebanho, ele está convicto de que não existe o problema sanitário. Então, houve uma certa dificuldade de convencer algumas autoridades. Realizamos um trabalho grande, nos últimos noventa dias, nos três Estados. E já há um acordo da suspensão total da vacinação, porque os riscos são mínimos. Onde houver qualquer área de dificuldade, as indústrias já se comprometeram a abater os animais, para evitar que possa, no futuro, haver algum problema. Este ano, devemos ter uma exportação de carnes suínas da ordem de 18 mil toneladas. Ela é incipiente, mas já é alguma coisa. O Brasil tem um potencial grande de exportação. Temos indústrias muito bem equipadas, como as da área de abatedouros avícolas, com condições excepcionais para vender a todo o mercado mundial. Dispomos de criatório de alto padrão, com matéria-prima de primeira. Então, existe uma expectativa muito boa.

A Granja — Qual é a posição do Brasil, hoje como exportador avícola?

CLÓVIS PUPERI — O Brasil, hoje, está exportando alguma coisa em torno de 300 mil toneladas. Temos uma participação razoável. Estamos brigando com a França, pelo primeiro lugar, mas a nossa grande dificuldade são os subsídios. Os franceses trabalham com aproximadamente 500 dólares por tonelada, de subsídio. Então, nós temos que ter sempre a expectativa de que o custo francês seja muito alto. O preço, hoje, da carne de frango, no mercado internacional, está em torno de US$ 1.400 a tonelada. Os franceses, com um custo de US$ 1.900 a tonelada, aproximadamente, conseguem competir conosco, porque eles têm um subsídio de US$ 500. Já os americanos dão o que é necessário para fazer o negócio. Eles não têm um número. Evidentemente que este subsídio não é em dinheiro. É dado em redução tributária, em grãos, em qualquer outro tipo de incentivo, mas é extremamente conveniente para esses dois países. Aqui, ainda somos obrigados, como se comentou, a exportar tributo. E, ainda, temos uma carga tributária muito grande, sem falar em nossos custos portuários, que são dos mais altos do mundo. Nós achávamos que, com uma safra 20% maior, teríamos um crescimento grande da economia. Essa correlação, que o Ney colocou muito bem, de que um dólar na produção agrícola representa cinco dólares na economia, nos dava uma expectativa de que seria o início da retomada de uma posição adequada na economia brasileira. Talvez, ela tenha reduzido, nas comercializações, em torno de 2%, este ano. É um número dantesco. É muito difícil um país agüentar isso. Fica-se, às vezes, surpreendido de como o nosso país pode agüentar tamanhas barbaridades, como as que foram feitas na área econômica, no primeiro semestre de 91 e durante o ano de 90. Graças a Deus, temos uma economia subterrânea. Num país razoável seria uma bancarrota total. Nós ainda conseguimos sair razoavelmente do ano de 91. O segundo item positivo seria esse acordo com o FMI, apesar do governo ter balizado esse acordo com o crescimento zero para 92. A possibilidade de o País ter crédito no exterior novamente é algo conveniente, que permitirá a

Maxion S4. Tecnologia com aval Chevrolet.

A Maxion desenvolveu uma nova geração de motores diesel. Um motor com concepção moderna, leve, durável e de alta performance. Assim nasceu o Maxion S4, que reúne em sua categoria o maior conjunto de soluções inovadoras, com características superiores de desempenho, economia e conforto operacional com baixos níveis de ruído e vibração. Seus baixos índices de emissões atendem inclusive a legislação internacional, o que o classifica como motor ecológico, de combustão limpa. São razões como essas, aliadas à confiabilidade de um projeto desenvolvido com o suporte técnico da empresa austríaca AVL, um dos mais avançados centros de tecnologia de motores do mundo, que qualificam o Maxion S4 a equipar os veículos diesel da Linha Chevrolet 92, como as Pick-ups D-20, Veraneio, Bonanza e os Caminhões D-40. O que, por si só, já representa um respeitável aval de qualidade.

MAXION S.A.

DIVISÃO DE MOTORES

PPA

Este motor está em conformidade com o PROCONVE.

muita empresa operacionalizar créditos. Também, com esse acordo, o spread, o risco para o Brasil, deverá ser reduzido. Isso poderá ser um estímulo a investimentos. Temos ainda a expectativa de que o governo comece a cumprir suas promessas sociais. Que, efetivamente, aumente os salários da população de baixa renda, para que consiga consumir mais, se tornando um fator gerador de crescimento econômico. Quando falo em aumento salarial, não precisa ser só um aumento salarial. Uma redução de carga tributária pode representar um aumento do salário. Com isso, nós teríamos um crescimento da economia, uma geração maior de empregos, uma majoração da renda familiar, com mais pessoas trabalhando na mesma família. E se o tributo sobre o alimento engloba cerca de um terço do total pago, é enorme a carga tributária que incide sobre as famílias de baixa renda. Ela é única no mundo, porque alguns países que enfrentam, talvez, dificuldades maiores do que as nossas, com população mais pobre, não cobram tributos sobre alimentos. Um país como a Bolívia cobra 2% de tributos sobre alimento. Por isso, o grupo Pró-Alimento está trabalhando junto ao governo, tentando mostrar que é um ônus muito grande em cima da população pobre. O aspecto social é muito significativo, independente do fato de que uma redução tributária — como já foi comentado aqui — talvez até maximize á arrecadação, pelo fato de todos pagarem o imposto. Quando as vantagens da sonegação são muito grandes, muita gente arrisca. Quando são pequenas, de repente a sonegação passa a ser mais cara do que o próprio tributo. É isso que, talvez, aconteça com as grandes empresas. Como nós corremos os riscos, somos fiscalizados pelo governo. É melhor pagar esta carga tributária absurda, para não ter outro tipo de problema. Esse número absurdo de tributos causa esse dispêndio de energia e de dinheiro, que nós, as empresas, temos que ter para, todo dia, acompanhar as alterações fiscais. Diariamente sai uma nova portaria, uma nova recomendação, uma nova sistemática de recolhimento. Isso nos dá um custo fantástico. Analogamente, o governo precisa de uma estrutura enorme para manter esse sistema. Uma estrutura tão grande, tão gigantesca, que, para cobrir suas próprias despesas, ele legisla aumentando tributos. Isso é um absurdo. O governo tem que estudar uma maneira de simplificar sua carga tributária e todas as suas atividades.

Quando as vantagens da sonegação são grandes, muita gente arrisca

Clóvis Puperi

Hoje existe uma baixa confiabilidade a nível de Brasil. Esse governo vai ter que dar alguma coisa antes de pedir, porque os governos, nos últimos anos, sempre pediram, nunca deram. Haja vista o sacrifício imposto de 86 para cá, para as empresas do nosso setor, tanto da área de campo como da área industrial, com os tabelamentos contínuos, que praticamente quebraram a relatividade de preços e a qualidade de produtos, porque teve que haver ajustes. Produtos com demanda alta tiveram a produção suspensa e outros foram criados. A qualidade baixou, e na realidade, para a população brasileira, os bens recolhidos foram muito baixos. Esse tipo de política, esse tipo de choque, tem de ser abandonado. Temos que ter uma política com os pés no chão. Que o governo assuma a sua parte, reduza o seu custo, o ônus que joga em cima da sociedade, obrigando-a a servir em vez de servi-la, e nós teremos cautela no ano que vem. Acho que, em nosso setor, investimentos praticamente não existirão.

Estamos trazendo milho dos Estados Unidos

Clóvis Puperi

Como vamos falar em produtividade, se, hoje, a nossa luta é para manter um fluxo de caixa razoável, para poder cumprir nossos compromissos. Uma indústria que busca dinheiro rápido, que busca *hot money* nos bancos, é inviável. Não existe nenhuma atividade econômica hoje, no Brasil. Eu até dizia, esses dias, que o tráfico de drogas, talvez, pudesse cobrir esse custo, mas não estamos nesse negócio. Assim, na atividade econômica, no momento, não há possibilidade nenhuma de operar com estas taxas de juros reais.

A Perdigão está hoje com um alojamento de 160 milhões de pintos. Isso representa uma oferta, em dezembro e janeiro, de aproximadamente 250 mil toneladas de carne de aves. Estamos exportando alguma coisa em torno de 25 mil toneladas/mês, devendo sobrar no mercado interno 220, 230 mil toneladas. É uma oferta muito grande, para um mercado consumidor combalido, sem poder aquisitivo. O suíno também tem uma oferta boa, porque não são só esses aumentos de produção da ordem de 14% a 15% que apresenta. Também mantivemos esse aumento na área de industrializados. Essa oferta toda se perpetuou dentro de nosso sistema de industrialização. Nós precisamos mantê-la, para conservar o nível de emprego. Nós devemos continuar com a produção grande. Vamos depender de importação, continuando a comprar milho da Argentina, ou de onde ele puder vir. Já acabou o milho na Argentina. Estamos trazendo o produto dos Estados Unidos, mas esbarramos com barreiras tremendas, porque o mecanismo de crédito que tínhamos nos foi negado. O governo devia dinheiro a esse mecanismo. Dinheiro que nós pagamos ao Banco Central e que não foi repassado ao sistema americano. Conseguimos, graças a Deus, contornar o problema mediante um compromisso do governo brasileiro de pagar, para obter uma faixa de crédito e poder trazer o milho americano. Talvez, a melhor solução seja a iniciativa privada importar, porque quando nós importamos, ao menos importamos alguma coisa de boa qualidade.

Agora, temos uma notícia boa: o Rio Grande do Sul, que é um dos Estados com maior carência de produção de milho, e com grande produção de suínos e de aves, junto com Santa Catarina (são os dois grandes Estados carentes de milho), vai ter uma expectativa de safra melhor. Provavelmente, quase consiga cobrir suas necessidades, com um pouco de importação da Argentina. Não precisamos levar o milho do Brasil Central, que é totalmente deficitário. Nós temos que cobrir o nosso consumo com a produção gaúcha e catarinense, alguma sobra do Paraná, e importar dos nossos vizinhos do Prata. ■

IVAN PUPO LAUANDOS

Eu gostaria de retornar ao assunto da carga tributária. Entendemos fundamental para a agricultura a retomada de investimentos, a redução da carga tributária que incide sobre máquinas, equipamentos e sistemas de irrigação. Hoje, um agricultor americano paga entre três a cinco por cento do *sail stay tax*, que é um imposto estadual de vendas, enquanto o agricultor brasileiro paga em torno de 50% de impostos embutidos no preço do equipamento. Nós já tivemos, no meio do ano, a redução do IPI. Isso representou uma diminuição real de preços. Também houve uma redução da alíquota do ICMS, em alguns Estados. No Estado de São Paulo, a alíquota é de 8,8% e estamos tentando a redução para 4% a nível nacional. Isso, com a manutenção do crédito. E ainda a redução do PIS e do Finsocial, que hoje é da ordem de 2,65%. Estamos aguardando a conclusão da situação da área de insumos, para entrar com esta reivindicação junto ao Confaz. Temos o apoio do Ministério da Agricultura e de alguns governos estaduais, para esta redução.

Queremos aproveitar o gancho para falar um pouco do que — no nosso entendimento — é o principal problema na agricultura brasileira. Quando comparamos nossos níveis de eficiência em produtividade com os demais países, os resultados são assustadores. Em alguns casos, estamos abaixo do qüinquagésimo, em termos de produtividade. E pouco se fala, no Brasil, de retomada de investimento, de incremento, de uma utilização de insumos de várias origens. Não existe insumo, não existe máquina nenhuma que resolva o problema da agricultura. Deve haver um pacote tecnológico que envolva fertilizante, correção do solo, sementes, água, máquinas adequadas e eficientes. Pouco se fala no Brasil a respeito de introdução de tecnologia. Já existem alguns estudos que envolvem a iniciativa privada e o governo federal, no sentido de que haja um programa de estímulo à produção de novas tecnologias. É preciso que o agricultor brasileiro seja motivado a introduzir-las. Hoje, mesmo que haja recursos, o agricultor brasileiro está temeroso de investir. A

Ivan Pupo Lauandos

abertura do Mercosul vai exigir mais competitividade. Há, no Brasil, diversas ilhas de prosperidade. Se considerarmos a região do Vale do Rio São Francisco, Petrolina, Juazeiro, a região do Oeste mineiro, que vai até o Triângulo, o sul de Goiás, a região norte paulista, Guaíra, podemos observar que existem propriedades com produtividades altíssimas, onde agricultores estão conseguindo colher diversas culturas dentro das melhores médias mundiais. Então, é possível produzir com eficiência no Brasil, com custos reduzidos. Há alguns estudos que demonstram que, com o aumento da produtividade, a redução do custo unitário é bastante significativa. Por exemplo, na laranja, este custo unitário varia em torno de quatro dólares por caixa. Quatro dólares por caixa, até um dólar por caixa, é o custo de produção, das diferentes produtividades. E essa tendência é idêntica nas diversas culturas. O que temos procurado é estímulo para essa retomada dos investimentos. Várias ações já foram executadas ao longo deste ano. Eu daria, como exemplo, na área

de máquinas e equipamentos, a criação do Finame Rural, um programa agrícola da agência Finame, em outubro de 1990, e que passou a contemplar a pessoa física a partir de março. Esse programa tem crescido e se tornado um importante fator de comercialização na área, principalmente, de tratores e colheitadeiras. Tivemos a isenção do IPI, que foi uma redução real, um fator de estímulo, no preço dos equipamentos. Houve também a diminuição da tarifa de energia elétrica. A tarifa verde deu uma força para a irrigação, porque o insumo energia elétrica é bastante caro para o produtor rural.

A tecnologia é mais eficiente e o custo bastante menor

A Granja — Explique um pouco melhor essa questão da tarifa verde.

IVAN PUPO LAUANDOS — Essa tarifa verde contém a utilização dos equipamentos fora do horário de pico, com uma tarifa reduzida em relação à tarifa vigente. A redução média foi de 44%. Isso fez com que equipamentos que estavam parados — em função do alto custo do insumo energia elétrica — voltassem a operar. Muito agricultor que não estava investindo, voltou a investir. Essas medidas, de forma geral, não foram suficientes para retomar os investimentos na área de máquinas agrícolas. A cada ano, eles caem na ordem de 25%. Desde 1986, ano a ano, a curva de vendas é totalmente descendente. A única exceção, tem sido o setor de irrigação. Em função do trabalho de conscientização a nível de produtor, dias de campo, materiais ilustrativos que demonstravam o retorno do investimento, tivemos um crescimento de 100%, de 1990 a 1991. Esse crescimento também se deve à maior disponibilidade de recursos. O programa de financiamento para aquisição de equipamento de irrigação recebeu 30 milhões de dólares do Japão, e isso foi suficiente para a retomada dos investimentos. Por que o agricultor, quando tem recursos de financiamento, compra equipamentos de irrigação e não outros equipamentos, por exemplo, na área de armazenagem? Existe hoje o Finame Rural, que tem recursos e que está com falta de tomador. ■

A Ceval coloca um ingrediente a mais em tudo o que faz: amor.

A Ceval, que iniciou suas atividades no início da década de 70, hoje já faz parte do dia-a-dia de milhões de brasileiros.

Eles convivem com a Ceval quando preparam uma refeição com óleo de soja ou milho, quando têm creme vegetal acompanhando o café da manhã, quando fazem lanche com derivados de carne, quando usam margarina em suas mil utilidades e quando preparam uma polenta, cuscuz ou fubá.

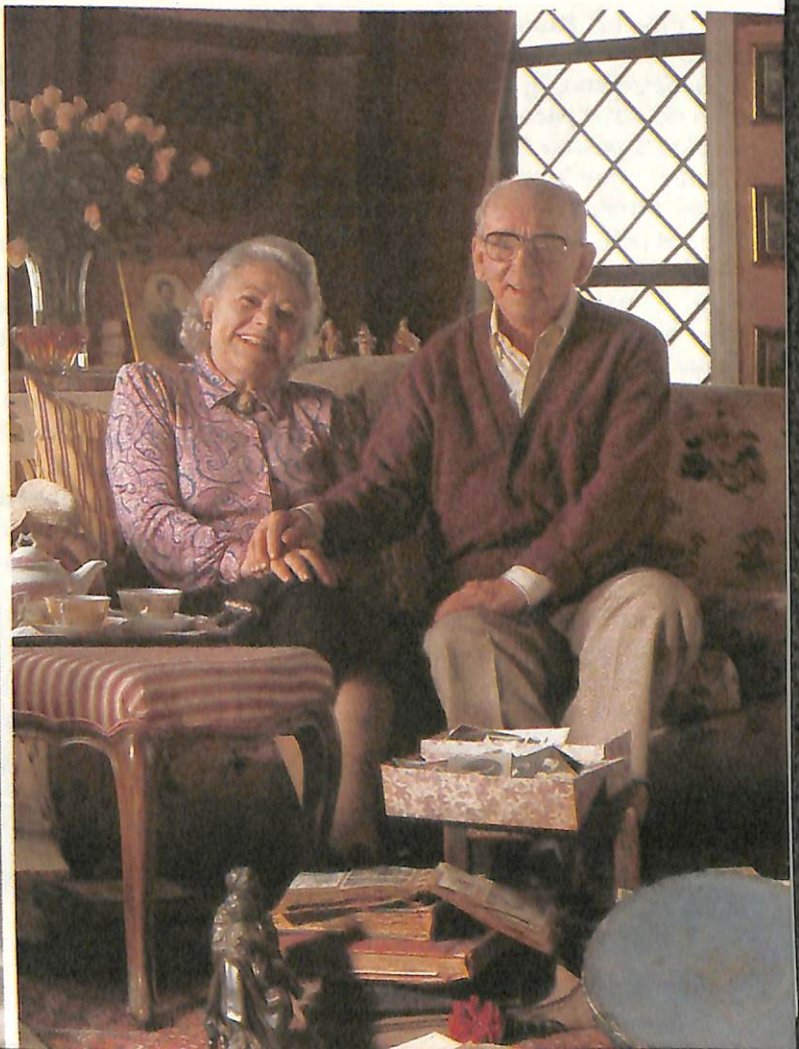
Em pouco tempo, a Ceval se transformou numa das maiores empresas de alimentos do País, porque sempre procurou fazer seus produtos de um jeito melhor, incluindo um ingrediente que dá muito sabor à vida da gente: amor.

Sempre que você quiser fazer algo com amor, faça com Ceval.

CEVAL
ALIMENTOS

Tem sempre um jeito de fazer melhor.

PROPAGUE



A Granja — Muito obrigado. Você falou do Finame Rural. Eu pediria ao Eduardo Logemann que fizesse algumas considerações a respeito.

Eduardo S. Logemann

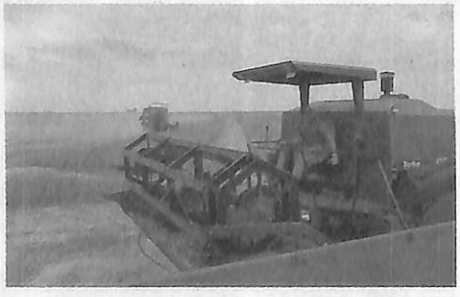
EDUARDO S. LOGEMANN

O Finame Rural é um programa criado já no ano passado, e que — a partir deste ano, já com a regulamentação do novo pacote agrícola — contemplou a pessoa física e o pagamento anual, que é o grande motor, o grande fomentador da tomada destes recursos pelo agricultor, em função de que ele tem, basicamente, uma receita anual. A maioria de nossas colheitas, como a soja e o milho, são anuais. Eventualmente temos, nos Sul, o consorciamento da soja e do trigo no inverno e verão. O agricultor então se predispôs. Mais que o juro, que é a TR mais de 9% a 12%, esse fator da anuidade no pagamento foi extremamente importante. E, citando alguns números de nosso setor, em 1976 — quinze anos atrás — o segmento colheitadeira comercializou cerca de 7 mil máquinas. Depois de altos e baixos na década de 76 a 86, onde houve outro pico, comercializando-se 7 mil colheitadeiras, a média foi de 4.500 máquinas, aproximadamente, nesses dez anos. De 86 a 91, nós viemos assistindo a um decréscimo bastante grande no segmento. Então, de 7 mil colheitadeiras, em 1986, nós vamos chegar, este ano, ao redor de 1700, 1800 colheitadeiras. Qual é o tempo de vida útil desta máquina? Se considerarmos que o parque de colheitadeiras é ao redor de 60 a 65 mil, sua reposição deveria ser de 6 mil colheitadeiras/ano, a uma taxa de 10% ao ano. A média, nessa década de oitenta, não chegou a 5.000. Isso reflete o sucateamento do nosso parque de máquinas agrícolas, o que representa menor produtividade. Nós tivemos, vários anos, produções acima de 60 milhões de toneladas, chegamos a um pouco acima de 70 milhões e, abruptamente, caímos para 52, 53 milhões de toneladas no ano passado. O governo, nos últimos anos, se descuidou completamente de nosso setor. Eu não diria que só o último, mas pelo menos os três últimos.

Essa queda é constatada nas empresas, que têm suas condições reduzidas. Novos investimentos não são feitos nem são criados novos empregos. Falando em emprego, tenho um dado do Rio Grande do Sul. A queda no setor foi de 19 mil empregos diretos, para sobrarem apenas cerca de 11 mil, nesse ano de 1991.

Assim, as empresas não têm tido a capacidade de reinvestir, de buscar novas tecnologias. Muito menos de ter produtividade. Menos ainda de investir a nível de competência com outros países.

O setor de colheitadeiras é uma indústria automotiva, e ele, vamos dizer, é comprador do mesmo insumo que usa a indústria de caminhões, de tratores e automobilística. O preço dos insumos tem subido drasticamente nos últimos anos, e a rentabilidade do ramo tem caído a níveis assustadores. Uma colheitadeira custava no início da década cerca de US$ 45 mil e, apesar do aumento do peso, da potência e da capacidade de colheita, continua custando o mesmo valor. Isso demonstrou o esforço que o setor tem feito para permanecer vivo. Hoje a mão-de-obra já não é mais um elemento determinante. No passado pensava-se que o Brasil poderia competir com qualquer outro país do mundo, com mão-de-obra barata. Nosso país para poder exportar suas máquinas agrícolas depende de mais tecnologia, de mais investimento e de mais competitividade. E como gerar competitividade, com um parque com demanda de máquinas tão pequena? É a nossa expectativa, apesar dos números extremamente reduzidos no ano de 91.



O Mercosul já foi citado algumas vezes aqui. É motivo de preocupação, se não houver um pensamento mais abrangente, tanto quanto à moeda como quanto à forma de ser encarado. Sabemos que é um mercado fantástico de 150 milhões de potenciais consumidores, quando somados os outros três países não possuem 40 milhões de consumidores. Isso deve ser levado em consideração. Eles serão os grandes beneficiários, se não nos acordarmos. Acho que não deve haver vantagem para lado nenhum. Deve haver um benefício mútuo para que se possa tirar proveito desse mercado. Basicamente eu queria lançar esses números e essas considerações.

A Granja — O Finame Rural deu alguma alavancagem no seu segmento?

EDUARDO S. LOGEMANN — Eu diria que o setor estava tão carente de algum estímulo que, no mês de outubro, as vendas de colheitadeiras saltaram de 120 para mais de 400 colheitadeiras. No mês de novembro também o número foi bastante significativo. A agricultura tem uma característica bastante interessante: ao menor estímulo ela tem uma reação fantástica, porque seu ciclo é bastante curto. Do momento do plantio à colheita são 6 meses. A proposta do setor é ter, para o exercício 92, cerca de US$ 800 milhões de financiamento. A própria Finame afirmou que isso não seria alcançado. Em anos recentes, já tivemos em investimentos diretos na agricultura e equipamentos cerca de US$ 2 bilhões. Temos certeza de que o governo não tem condições de alcançar esses números, mas devemos fazer um esforço como um todo, no segmento, a fim de que pelo menos US$ 600 ou US$ 700 milhões sejam

investidos através do Finame. Um financiamento a juros de 10% ou 12% é perfeitamente razoável e absorvível pela agricultura, apesar de alguns acharem que é caro.

CLÓVIS PUPERI — Qual é o mercado de colheitadeira hoje?

EDUARDO S. LOGEMANN — Neste ano serão comercializadas 1.800 colheitadeiras. O parque é de 65.000 máquinas, se computarmos uma vida média de 10 anos e uma reposição de 6.500. Se considerarmos 15 anos seriam 4.200 colheitadeiras de reposição. Então há um sucateamento, há uma perda por ineficiência na colheita, no transporte, na armazenagem. É um rio de dinheiro que se está jogando fora.

CLÓVIS PUPERI — O mercado de peça e reposição aumentou? Isto é, o pessoal está fazendo manutenção?

EDUARDO S. LOGEMANN — O mercado de peças e reposição vem aumentando cerca de 10 a 15% ao ano, mas a máquina permanece à parte de toda a tecnologia na agricultura, por melhor manutenção que se dê. Uma máquina de 10 a 15 anos atrás continua sendo uma máquina de 10 a 15 anos atrás. Uma colheitadeira atual tem outras tecnologias incorporadas. Mais rendimento, capacidade e velocidade. ■

PEKKA E. OJANEN

É muito parecida nossa situação com a das colheitadeiras. Exatamente essa parte que trata do sucateamento, que pode ser avaliado em 40 mil tratores. A frota é de 600 mil tratores no País. A venda nem chega a 15 mil. Isso significa uma grande diferença. Significa também uma queda da tecnologia e da produtividade do agricultor. Neste 91, o mercado caiu 35% em relação a 1990. E em relação ao ano de 87, caiu 66%. É realmente uma queda significativa. Estamos pensando em 92. O plantio está sendo um pouquinho melhor, o que está criando algumas possibilidades. As coisas negativas para 92? Acho que a mais importante é o aparente descontrole da política econômica, que está gerando incapacidade de planejamento e está inibindo investimentos. Isto é muito simples. Trata-se de taxas de juros

Pekka E. Ojanen

muito elevadas, propiciando a volta da ciranda financeira. Não vale a pena investir. Nós estimamos que 1992 será muito difícil para o mercado de tratores. Vai haver algum tipo de crescimento, mas muito pouco. Penso que o agricultor necessita ter o mínimo de confiança, de esperança e de crença nas pessoas que decidem o futuro da agricultura no Brasil.

Em 91 a venda de tratores caiu 35% em relação a 90

NEY B. DE ARAÚJO — Gostaria de fazer dois comentários combinados com relação ao sucateamento e ao problema da produtividade. Em primeiro lugar, seria importante lembrar que o agricultor tem uma moeda só. A moeda dele é a relação de troca. Ele é um produtor de soja, de milho ou de arroz e, na verdade, estabelece empiricamente, na sua cabeça, a relação entre o preço do produto que produz e o insumo. Essa relação de troca é fundamental para definir se algo é caro ou barato, ou se vai comprar ou não vai comprar. Rondonópolis tem uma das melhores produtividades de soja no Brasil. No entanto, se pegarmos um produtor de soja daqui, um produtor da região do Meio-Oeste americano, que normalmente coloca sua soja no navio, no porto de Hudson, que é longe pra chuchu, e um produtor argentino, que coloca sua soja no porto de Buenos Aires, nós verificamos o seguinte: dentro do navio essa soja vale US$ 200 a tonelada. Quando nós reduzimos aquilo que é frete, o que é estiva e o que é tributo no porto, o agricultor de Rondonópolis recebe de US$ 130 a US$ 140 por tonelada de soja, enquanto o americano recebe US$ 200 e o argentino recebe US$ 175 aproximadamente, por esta mesma tonelada. Quando ele vai consumir seus insumos, o trator, o diesel e o fertilizante, tudo isso é mais caro, porque as condições de infra-estrutura de transporte também são muito piores. E esta visão de produtividade para mim, no ponto de vista analítico, funciona muito pouco, e vou dizer por quê. A Europa, depois de um sistema pesadíssimo de subsídios, conseguiu fazer que a produção de grãos fosse 30% maior por hectare que nos Estados Unidos. Acontece que o custo unitário de produção nos Estados Unidos é 60% do custo da Europa. Isso quer dizer que o sistema de subsídios é tão alto que vai a níveis de produtividade acima da lei dos rendimentos decrescentes. A produtividade por hectare é mais alta que a dos Estados Unidos, mas o custo unitário, neste país, é muito menor que na Europa, por isso é mais competitivo. A Itália produz 13 mil quilos, por hectare, de milho. Diria que, na região da Mogiana, um produtor de 6 mil quilos por hectare produz o quilo de milho muito mais barato que o italiano. Então, na verdade, esse conceito de produtividade é um conceito que deve ser um pouco melhor analisado. O que nós, talvez, tenhamos que olhar melhor é a produtividade do sistema. Nós perdemos, no Brasil, cerca de 20% só por deficiência de colheita e secagem na

produção de grãos, e no transporte também. Aqui, nessa área, por exemplo, isso não é distribuído de igual forma. É algo como 10% para a soja, 25% para o milho, e até 40% para o feijão. Estas são as perdas depois da produção. O grande sucesso, que damos como exemplo, é o frango, porque, o sistema é eficiente desde a genética da ave, da produção da ração, ao sistema produtivo, ao fluxo de industrialização e ao fluxo de comercialização. Um outro sistema eficiente é o da laranja. Mas, quando nós caímos nas grandes vantagens comparativas dos solos novos e férteis de regiões como Mato Grosso, Rondônia, etc., todos os ganhos de produtividade agrícola que conseguimos são absolutamente perdidos pelas deficiências de infra-estrutura e de transporte, pelo sistema tributário e pelo custo aumentado dos insumos para chegar nesses locais.

A moeda do produtor é a relação de troca

Ney B. de Araújo

IVAN PUPO LAUANDOS — Entendo que temos dois sistemas de produção no Brasil, e tenho certeza de que o sistema com maior introdução de tecnologia é muito mais eficiente e o custo unitário é bastante menor. Isso nós podemos observar na propriedade com os dois sistemas. São diferentes resultados de rentabilidade. Tanto é que, quando o agricultor introduz a irrigação, a tendência é que ele passe a querer expandir essa tecnologia.

CLÓVIS PUPERI — O Ney colocou muito bem que é extremamente importante a dimensão da propriedade. Produtividade só se alcança em propriedades grandes. Essa, talvez, é a razão dos bolsões de prosperidade existentes na região do São Francisco e em algumas outras regiões, como Goiás ou noroeste do Estado do Rio Grande do Sul e Oeste catarinense. Trata-se de propriedades um pouco maiores. Então existe possibilidade de haver produtividade. Com propriedade pequena, a possibilidade é muito limitada, porque a tecnologia a ser produzida também é extremamente limitada. No Rio Grande do Sul está sendo feito um trabalho na área de suínos. Um produtor com menos de 200 criadeiras tem boa rentabilidade na produção. Então, o que o Estado do Rio Grande do Sul está fazendo na região de Santo Cristo, principalmente? Criou-se um condomínio de proprietários. Não adianta um indivíduo ter 20 criadeiras, pois vai perder dinheiro. Então junta-se um grupo de criadores, tendo cada um, no mínimo, dez hectares de milho plantado para reter a nível do criatório a produção de milho, porque se o milho passeia, o custo vai às nuvens e aí é melhor trazer da Argentina ou dos Estados Unidos. A integração ajudou nisso porque praticamente padronizou o aviário do criador. Então, ele tem o número de aves que é rentável. Os aviários são construídos a distâncias adequadas para a conservação da sanidade do rebanho. Houve, assim, uma tecnologia que foi introduzida e um tamanho de criador. Hoje se fala em reforma agrária, e no fim das contas, o que se faz é dar um lote, sem ferramentas, para o sujeito. Não se fornece orientação nenhuma, e a primeira coisa que ele faz é comer o grão que lhe é dado para plantar, às vezes com tratamento químico. Depois ele vende a ferramenta e a propriedade.

Produtividade se alcança em grandes propriedades

Clóvis Puperi

NEY B. DE ARAÚJO — No Mercado Comum Europeu, hoje, o subsídio por vaca é de US$ 2,4 mil por ano. Isso quer dizer o seguinte: uma vaca no Mercado Comum Europeu tem uma renda per capita de subsídio superior a 70% da renda média do mundo inteiro. Eu tive a oportunidade, em 1988, de estar no Congresso Internacional da Carne, em Paris. Do Brasil não havia ninguém. Mas, da Argentina havia dois ministros. Quando um deles levantou o problema do subsídio, o representante da Comunidade Econômica Européia, que era um belga, e o representante francês levantaram e disseram "se é pra falar contra subsídio, a Comunidade Européia e a França estão fora da discussão". O pessoal preserva sua agricultura e tem uma opinião totalmente contrária à da nossa equipe econômica passada, que achava inclusive que era mais fácil importar. Como vamos importar no quadro atual? Na hora em que houver uma demanda maior no mercado internacional, eles tiram o subsídio e nós passamos a sustentar a agricultura dos países desenvolvidos! Nós vamos pagar o pato. Vamos comprar carne que vale US$ 600 a tonelada por US$ 1.200. Vamos comprar arroz em más condições. Realizar maus negócios.

VILMAR DE OLIVEIRA SCHÜRMANN — Nós temos alguns erros de política agrícola no País. O milho da Argentina chega no Rio Grande do Sul a US$ 130. O preço do milho em Rondonópolis está em torno de US$ 60 a tonelada. O farelo de soja em Rondonópolis custa cerca de US$ 120 a tonelada, e chega no porto a US$ 180. Na produção de frangos e suínos, 70% do custo está no binômio soja e milho. Esses produtos que custam, em Rondonópolis, US$ 60 o milho e US$ 120 a tonelada do farelo de soja, nós podemos transformar em carne de frango a US$ 1,0 mil a tonelada, ou frangos em partes industrializados em até US$ 2,5 mil a tonelada, agregando uma grande quantidade de mão-de-obra, principalmente com este produto. Parte do processo de valorização da nossa agricultura e do valor agregado que nós podemos dar a nossos produtos está na industrialização dessas regiões produtoras. Dificilmente vamos conseguir, em curto espaço de tempo, reduzir os custos do transporte, para trazer daquelas regiões mais distantes, de alta produtividade, as matérias primas para serem industrializadas nos maiores centros de consumos, ou mesmo trazer até aqui, para exportar. Principalmente com o potencial que o Brasil tem em termos de competitividade de exportação. Teremos que pensar também em uma política agrícola que vise à industrialização na zona de produção.

A força que você precisa. Onde você precisa.

Honda, a famosa marca de motores Fórmula 1, carros e motocicletas, é também o fabricante da maior linha de geradores portáteis do mundo.

Agora, 3 modelos estão sendo lançados no Brasil. Compactos, versáteis, potentes e econômicos, eles atendem aos mais variados tipos de uso nos campos doméstico, profissional e lazer.

Escolha o que se adapta melhor às suas necessidades e tenha a força que você precisa onde você precisar.

E de uma coisa esteja certo. A qualidade, a economia e a confiabilidade, quem garante é a Honda.

EM650:
o pequeno
grande gerador.

EX1000:
o poderoso
portátil.

EM2200X:
força máxima
com economia.

GERADORES PORTÁTEIS.

Preencha e envie para a Moto Honda da Amazônia Ltda., Rua Sena Madureira, 1.500 - CEP 04021 - São Paulo - SP, a/c Marketing. Gostaria de receber maiores informações a respeito do gerador portátil indicado abaixo.

Nome: _____

Endereço: _____

CEP _____ Tel: _____

Cidade: _____

Estado: _____

( ) EM650 ( ) EX1000 ( ) EM2200X

Qual o uso principal que você pretende dar ao gerador?

_____

_____

GRA - 12/91

Nessas concessionárias você encontra os geradores portáteis Honda:

Mesbla: São Paulo - SP - Tel.: (011) 279-7911 • **Sabrico:** São Paulo - SP - Tel.: (011) 258-0988 • **Vimave:** São Paulo - SP - Tel.: (011) 291-7033 • **Bragmoto:** Bragança Paulista - SP - Tel.: (011) 433-0556 • **Kadu Motos:** Lorena - SP - Tel.: (0125) 52-4922 • **Moto Snob:** Americana - SP - Tel.: (0194) 60-1200 • **Motomil Itu:** Itu - SP - Tel.: (011) 482-4770 • **Motomil Piracicaba:** Piracicaba SP - Tel.: (0194) 33-6000 • **Endo Motos:** Dourados - MT - Tel.: (067) 421-2334 • **Shimave:** Bauru SP - Tel.: (0142) 22-7709 • **Sta. Emília:** Rib. Preto - SP - Tel.: (016) 625-8100 • **Rotec:** Londrina PR - Tel.: (0432) 21-3344 • **Corujonda:** Ponta Grossa - PR - Tel.: (0422) 23-7611 • **Fujisawa:** Umuarama - PR - Tel.: (0446) 22-3911 • **Kiko Car:** Rio de Janeiro - RJ - Tel.: (021) 208-6297 • **Motoviwa:** Vitória - ES - Tel.: (027) 222-4244 • **Autocar:** Belo Horizonte - MG - Tel.: (031) 223-1777 • **Moto Nanuque:** Nanuque - MG - Tel.: (033) 621-2621 • **Brasal:** Brasília - DF - Tel.: (061) 225-9441 • **Motobraz:** Goiânia - GO - Tel.: (062) 233-7737 • **Motogarças:** Barra do Garça MT - Tel.: (065) 446-4521 • **Trescinco:** Cuiabá - MT - Tel.: (065) 321-9070 • **Marmotos:** Salvador BA - Tel.: (071) 245-2766 • **Motopop:** Aracaju - SE - Tel.: (079) 224-8722 • **Gauchacross:** Porto Alegre - RS - Tel.: (0512) 34-3333 • **Siema** (loja especial): São Paulo - SP - Tel.: (011) 572-1433.

HONDA
PRODUTOS DE FORÇA

Precisamos estimular a industrialização na zona de produção

Vilmar de Oliveira Schürmann

NEY B. DE ARAÚJO

Gostaria de dar um testemunho sobre a mudança radical do relacionamento do empresariado ligado ao agribusiness com a Secretaria de Agricultura de São Paulo, depois da chegada de nosso secretário. É evidente que todo o ambiente macro dado pelo nosso governador Fleury mudou muito. Mas, na verdade, o que nós precisávamos na Secretaria de Agricultura era de um bom político. Nós estamos precisando, na Secretaria dos Estados brasileiros, de bons políticos. E no Ministério da Agricultura também. Porque os nossos problemas são políticos. E eu compartilho do otimismo, por duas razões: em primeiro lugar está consolidada a visão do agribusiness, aquilo que, antes da porteira da fazenda e que depois dela, passa a se articular de maneira forte, pelo menos torna a ser um poder econômico. É 40% do PIB. Na medida em que nós realmente trabalharmos juntos, teremos força. Em segundo, porque é um setor onde existe uma grande capacidade ociosa. Antes da porteira, na indústria de fertilizantes, de tratores, de colheitadeiras. Dentro da porteira, em áreas que podem rapidamente ser incorporadas à produção, com um baixo investimento. Depois da porteira da fazenda também há capacidade ociosa. Um primeiro arranco, usando esta capacidade, é um arranco em que não se exige investimento, ou exige-se muito pouco. Então, na verdade, a capacitação do segmento do agribusiness brasileiro, de dar um pulo, é uma capacitação clara de baixo investimento, desde que nós alcancemos a articulação política, e que consigamos os elementos nas secretarias e nos pontos-chaves da agricultura. ■

PEDRO DE CAMARGO NETO

Há dez anos não fazemos mais pesquisa, e isso se refletirá na década futura.

ARLINDO DE A. MOURA

Sentimos que muitos dos assuntos que foram colocados na mesa, foram de curto prazo. Nós entendemos que uma solução de armazenagem, por exemplo, passa por soluções de médio e longo prazo. Então gostaria de discutir com os senhores alguns índices sobre armazenagem que parecem importantes. O Brasil tem hoje uma capacidade estática de armazenagem de 66 milhões de toneladas aproximadamente. Se nós considerarmos que, dessas 66 milhões de toneladas, 44 apenas estão na rede privada, e o restante fica dividido entre cooperativas — em torno de 9 milhões de toneladas — e o governo 12,5 toneladas, dessas 66 milhões de toneladas, nós imaginamos que cerca de 15 milhões não têm condições técnicas boas para armazenagem. E essas são, basicamente, obras do governo, onde há má conservação ou péssimas instalações. Nós temos reais condições de estocagem para bem menos de meia safra nacional. A nossa empresa trabalha

MAIO

Está chegando na Sbardecar o carro da era da informática. Aguarde.

Tempra

by **Sbardecar**

FIAT

Av. Getúlio Vargas, 5995 - BR 116
Canoas - Fone: 72.7777

com uma expectativa de safra de 63 milhões de toneladas, um número um pouco acima ddaqueles citados pelo Ney. Não quero dizer que somos mais otimistas e ele pessimista. Imagino que o número deverá ficar entre 61 e 63. Acredito que os nossos números devem estar divergindo possivelmente na área de Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Daí essa diferença de 2 milhões de toneladas. Eu dizia que o problema de armazenagem é um problema que se resolve a longo prazo, e se nós racionarmos desta forma, deveremos chegar ao ano 2000 com uma necessidade de produção de 100 a 118 milhões de toneladas. E, nesse caso, nós acreditamos que a nossa safra terá que duplicar. E a armazenagem, muito mais do que isso, para atender a todas essas necessidades. O Ney falou que, nos Estados Unidos, a capacidade de armazenamento de uma fazenda é de uma safra. Ele não comentou que existe armazenagem fora da fazenda, nas redes públicas e outras redes de comercialização. Então a capacidade dos Estados Unidos abrange duas safras. Nós temos bem menos de uma. Isto faz, realmente, que nosso produtor tenha que se desfazer com muita rapidez do seu produto, ignorando transporte e outros quesitos importantes, na hora da colheita. O povo brasileiro consome muito pouco. Em países do Primeiro Mundo, como, por exemplo, os Estados Unidos, a produção por habitante/ano atinge de 1,5 a 2 toneladas de cereal. No Brasil, com esta safra estimada ela fica em torno de 0,4. Então, nós podemos ver quanto o nosso povo consome de cereal. Realmente é muito pouco, e justifica-se termos, efetivamente, mais de um terço de nossa população passando fome. Fora esse 0,4, nós ainda exportamos alguma coisa. Isso é realmente um dado difícil de acreditar, mas é a dura realidade. A Alemanha tem um índice de 1,5 tonelada e os Estados

Arlindo de A. Moura

Unidos de 2 toneladas. Se considerarmos a Rússia, que está com problemas sérios, o país chega a 1 tonelada por habitante/ano. A Argentina, nossa vizinha, também chega a 1 tonelada. Assim, esse é um dado crítico, e não há forma de solucioná-lo, a não ser resolvendo o problema da agricultura brasileira. Se não resolvermos, teremos problemas muito sérios na área social, num futuro muito breve, não em função de fome, mas de não haver nada para comer. Com isso tudo, nossa armazenagem fica bem mais complicada. Se não guardarmos, pior ficará a situação no futuro. No caso particular da nossa empresa,nós estamos com 100% da capacidade fabril totalmente tomada, desde setembro, com cargas já vendidas até março. Pode ser alguma anormalidade do setor. Houve algumas influências com relação à Finame, mas não tão profundas quanto sugerem os comentários do colega da SLC. Nós não tivemos a venda tão aumentada devido à Finame, até porque nosso equipamento é contemplado em apenas 50% — até menos de 50%, em função da base de construção civil. É necessário que o investidor faça, com recursos próprios, toda a parte civil, ou então encaminhe um POC ou outras fontes que são mais demoradas ou mais burocratizadas. A nossa empresa tomou algumas medidas de contenção de despesas, bem antes do plano Collor, de forma que nós gastamos, hoje, menos de um terço do que gastávamos no passado. O nosso quadro de pessoal foi reduzido para um terço, ou seja, de três mil e quinhentos funcionários para mil e cem. Mas isso, felizmente, não nos faz perder a capacidade de produção. Nos anos áureos, em que fazíamos 20 obras por ano para a

ESTERCO DE AVE AVIPAL

UM PRODUTO 100% NATURAL, DESIDRATADO E PENEIRADO, QUE RENDE MAIS.

PEDIDOS FONE: 59.1336

AVIPAL

FAZENDO A SUA PARTE PARA QUE O AMANHÃ SEJA MELHOR

GRANELEIRA GS
140 - IBL

CAPACIDADES:

Descarga média: 10 sacos p/min
Comprimento: 4,00m
Largura: 2,00m
Altura descarga: 3,20m
Volume: 10,5m³
Capacidade: 140 sacas
Chapa de aço c/tratamento contra ferrugem
Sistema de descarga c/eixos independentes
Versão arrozeira: 60 sacos - 02 pneus 15x30

IBL Industrial Busse

Máquinas e Implementos Agrícolas Ltda.
Rua Cel. Jorge Frantz, 845
Telefone: (055)359-1422 - Telex: HIBL 552576
CERRO LARGO - RS

Ceval, tínhamos uma capacidade de transformar cerca de 1.800 toneladas de aço em produtos. No último mês, de novembro, transformamos 2 mil toneladas de aço em produtos, tais como secadores, transportadores, silos, etc. Alguns desses equipamentos foram para exportação. Isso significa que o nosso equipamento é competitivo no mercado externo, não só na área de tecnologia, mas também a nível de preço. Temos, hoje, um preço muito competitivo. Esse ganho de produtividade, nestes últimos dois anos, nos permitiu concorrer, por exemplo, no México. Um mercado que abriu há menos de dois anos já nos permitiu uma colocação mensal neste país, que fica a 400 quilômetros dos Estados Unidos. Eu acho que existem crises que vêm para o bem, e nossa empresa soube aproveitá-las para se reestruturar. Foi uma reestruturação muito forte, não só em relação a pessoal, mas também a outras despesas. Para se ter uma idéia, houve a redução de 21 diretores para 5, de 3.500 funcionários para 1.100. Nós gastamos, atualmente, 23% dos custos fixos da época, e isso foi repassado para os preços. Ou seja, os preços que tínhamos no passado — em torno de US$ 2,3 a US$ 2,5 por quilo — hoje reduziram-se a US$ 1,6, US$ 1,7. E esses são dados internacionais. São bons números para trabalhar em qualquer mercado. Há três anos, se operava a US$ 2,3, a US$ 2,5, dependendo do equipamento. Se nós operarmos a nível da rede privada, um projeto bem elaborado se faz, normalmente, com cerca de US$ 40. Projetos mais inteligentes conseguem-se executar até com menos de US$ 40, sem nenhuma perda de produtividade, de fluxo, etc. Agora, quando se fala a nível de governo, os números chegam a US$ 100, devido a absurdos. Lembro-me que, em uma viagem que eu fazia com um dos diretores da Ceval, o avião sobrevoou uma obra da Cibrazém. E o Lorenz me dizia o seguinte: "Eu não acredito que esta obra seja de vocês, porque tem um emaranhado de canalizações e não sei que fluxos irão ser usados." Assim, não é que se cobre mais para o governo. É que os absurdos dos projetos são tão grandes, e eles são tão inadequados para a utilização, que tenho a convicção de que qualquer obra dessas que for privatizada, com certeza as empresas desse segmento de armazenagem serão chamadas para readequarem os fluxos, para que se tornem simples e menos onerosos. Com efeito, o governo é pródigo em criar obras caras, faraônicas. Mesmo onde pode ser simples, a coisa fica complexa. Por isso, chega a esses níveis de preço.

Acho que existem crises que vêm para o bem

Arlindo de A. Moura

Um outro item que gostaria de comentar — e já foi discutido aqui — é sobre a elevada tributação. No nosso segmento houve uma melhoria grande a nível de redução. O IPI hoje é isento, o ICM é em torno de 8,8. Isso fez com que — por si só — o preço caísse. E, com a produtividade das empresas, hoje o preço de uma instalação caiu muito em relação a dois ou três anos atrás. O próprio aço nacional tem hoje custo mais favorável. Se pegássemos o preço do aço no passado, aquele dado pela usina, ele não era tão alto. Mas vinham atrás dele outros custos (de transporte, financeiro, etc.). Chegou-se ao cúmulo de empresas terem de mandar para a usina a matéria-prima para galvanização e pagavam o aço galvanizado. Se não pagassem, não vinha a matéria-prima, o aço galvanizado. Não se tratava de desconto. Eram encargos que vinham em cima. Hoje, isso praticamente está eliminado. Nós acreditamos que, com a privatização da Usiminas, este segmento seja privilegiado. A empresa tem uma tecnologia muito boa na fabricação do aço. E ela deverá entrar com o aço galvanizado dentro de alguns anos, o que é muito bom quando falamos em armazenagem. O Brasil é um dos países que têm desenvolvido tecnologias nesse setor. E isso não é de hoje. Já nos últimos dez anos, o País inovou bastante nessa área. Se nós falarmos em tecnologia de armazenagem, hoje, qualquer país lembra do Brasil. E tem motivo para isso. Os Estados Unidos, como chegou a uma capacidade de armazenagem de duas safras, pouco têm feito em termos de investimento em tecnologia. A Europa produz pouco grão, por isso não desenvolveu muito.

Então, quando se fala em tecnologia que se foi buscar no exterior, é um pouco de balela, porque o que tem lá fora é pior do que o que nós temos aqui. Nós estamos muito desenvolvidos. Temos vendido para o México, e estou usando este país, porque é um país próximo dos Estados Unidos que está importando produtos aqui do Brasil. Temos possibilidade muito grande de colocar produtos fabricados no Brasil no Leste europeu e na Rússia. Lógico que será preciso criar algumas joint-ventures para evitar o transporte de volumes. Acho que estamos numa situação privilegiada com relação aos tratores e às colheitadeiras. Haja vista, hoje, a nossa posição fabril. Infelizmente, nossos companheiros da área de colheitadeiras e tratores estão com uma ociosidade muito grande, alguns com até 50%.

Quanto ao Mercosul, outro item muito comentado aqui, nós acreditamos que não vá melhorar em nada. Até porque as empresas desse segmento lideram nesses países do Mercosul com grande margem. Nós devemos ter hoje uma liderança absoluta, tanto no Chile quanto no Paraguai e no Uruguai. Neste último, chega a mais de 90% os produtos desse segmento vindos do Brasil. Então, a inversão disso, eu acho que é verdadeira. Pequenas empresas, principalmente da Argentina, terão algum benefício, colocando seus produtos aqui no Brasil. Muito embora, a nível de tecnologia e mesmo de matérias-primas, sejam produtos inadequados, com muitos anos de atraso. Somos procurados, quase que semanalmente, por empresas argentinas, que tentam fazer associações, fusões, incorporações e joint-ventures, para que se fabrique alguma coisa lá, para vir para cá. Penso que ainda é prematuro, e o tempo dirá o momento oportuno de se pensar em alguma coisa nesse sentido.

Em relação a fatores de estímulo, falou-se aqui no Finame Rural, mas não se falou no Finame Balcão. É uma modalidade nova de Finame, que aprova um financiamento com uma rapidez muito grande. Em alguns casos, em até oito dias, após a negociação, o cliente já está com o dinheiro no bolso. Não são todos os equipamentos desse segmento que são beneficiados pelo Finame Balcão. Mas tratores, colheitadeiras, máquinas de limpeza e secadores entram. Não entram o silo e os transportadores. Enfim, eu acho que é uma coisa boa, em função da agilidade que dá ao cliente para optar por uma instalação e, já para a safra, vê-la funcionado. ■

MAURO GOMES BALEEIRO

Em primeiro lugar, gostaria de situar melhor a nossa empresa, o nosso grupo. A SBL é uma empresa de construção pesada, que atua no setor elétrico, no fornecimento de produtos e serviços para o suprimento básico

Mauro Gomes Baleeiro

de energia, principalmente na eletrificação rural. O grupo conta, no Brasil, mais de 40 anos de existência. No final dos anos setenta, empreendemos um esforço de diversificação que nos levou a focalizar oportunidades no setor agrícola e agroindustrial. Particularmente na irrigação e armazenagem de grãos. Nós constituímos uma joint-venture com uma empresa italiana, na área de armazenagem de grãos, que se denomina Silarma S.A. E a SBL desenvolveu seu produto principal, que é o pivô central para a área de irrigação. Neste setor, competimos com a Carborundum, que é nossa concorrente, e na área de armazenagem, com a Kepler Weber, produzindo uma linha equivalente. Através dessa joint-venture, trouxemos tecnologia nas áreas de secagem, de armazenamento de grande porte, de silos de grande diâmetro, de grande capacidade. Em

conseqüência, houve redução de custos de investimento, com a possibilidade de aplicá-lo em novas tecnologias de conservação, com sistemas adequados, predispostos para armazenamento em atmosfera controlada — com gases inertes — e diluição lenta de fosfina, conseqüentemente com a redução do índice de toxidade residual, etc. São coisas inovadoras e estarão em curso num desenvolvimento natural. Isso é apenas um preâmbulo da minha participação, para identificar melhor a nossa empresa.

Eu diria que a decisão de empreender no setor agroindustrial provém de um grande otimismo, no Brasil. Repetindo as palavras do Joelmir Betting, o otimismo nem sempre ajuda a resolver o problema, mas pessimismo só piora ou atrapalha. Portanto, sejamos otimistas, dentro da realidade, com responsabilidade e sem ufanismo exagerado. Mas eu falo desse otimismo, porque nós estávamos projetando um futuro promissor. Um futuro brilhante para nosso país, por todas as potencialidades que ele tem. Mas isso fica, por vezes, apagado, empanado, pela crise que nós vivemos, pela dura realidade

que temos que enfrentar. É necessário cuidar, em um primeiro plano, de problemas de liquidez. Temos que administrar nossas empresas no overnight, esquecendo, às vezes, de olhar para frente. Assim, eu gostaria de colocar alguns pontos dentro dessa perspectiva de curto prazo e outros pontos dentro de uma estratégia de longo prazo. A nossa visão de Brasil é a seguinte: nós acreditamos que nenhuma tentativa de recuperação econômica e social de nosso país será bem-sucedida se não aproveitar sua vocação agrícola e mineral. Não adianta falarmos que seremos um país de tecnologia de ponta em vários setores, se realmente não temos essa vocação. Na base de toda essa recuperação econômica está o aproveitamento desta disposição agrícola e mineral, essencialmente. O que não quer dizer que não tenhamos ilhas de prosperidade em alguns setores de tecnologia de ponta. Mas não com uma visão tão ampla e tão abrangente sobre esses dois prismas. Do ponto de vista da agricultura, o que falta para que se possa viabilizar essa recuperação, para que se possa equacionar os problemas? Em primeiro plano, uma valorização política, uma inserção no lugar adequado da agricultura, de forma que se possa realmente, como objetivo final, aumentar a renda do produtor, que é a base de todo o sistema. Infelizmente, no passado, houve muitas distorções. Então, a renda não chegou ao produtor. Ficou no meio do caminho, nos processos intermediários. Mas é necessário que a justiça seja feita e que a renda chegue ao produtor. Este, premido pela necessidade de honrar seus compromissos, entrega sua produção no pior momento, quando os preços estão aviltados, porque não há outro caminho. Enfim, criou-se todo um sistema onde o agricultor acaba sendo a parte menos favorecida por todos os benefícios e por todos os subsídios que foram proporcionados

Precisamos incrementar a produtividade

Atenção para os cursos do Celacade

Fevereiro/92 *em* **SÃO PAULO**

Data...: 07 e 08/02/92

-Manejo das Pragas
-A Nova Cafeicultura
-Uso, Manejo e Conservação do Solo
-Produção e Uso do Feno e da Silagem
-Avicultura
-Suinocultura
-Produção de Leite Aumento da Produtividade

Data...: 14 e 15/02/92

-Oficina e Manutenção de Máquinas Agrícolas
-Armazenamento de Grãos
-Pecuária de Corte
-Instalações Rurais
-Mecanização da Pequena e Média Propriedade Agrícola
-Produção e Tecnologia de Sementes

Data...: 21 e 22/02/92

-Seringueira
-Confinamento de Bovinos
-Contabilidade Rural e Custo de Produção Rural
-Solo, Manejo e Adubação
-Irrigação
-Controle de Plantas Daninhas - Herbicidas

CONDIÇÕES

LOCAL: HOTEL DANÚBIO
Av.Brig. Luiz Antonio, 1099 - São Paulo

Taxa de Inscrição : Cr$ 240.000,00 por Curso
- Inclui almoço, cafés intermediários, apostilas e certificados.
- Informe-se sobre os descontos especiais.

Informações e Inscrições - CELACADE
Av.Paulista, 2001 - 9º andar -Cj. 915
01311 São Paulo - SP - Brasil
Fones: 287-3948 * 283-1478

CENTRO LATINOAMERICANO DE CAPACITACION Y DESARROLLO DE EMPRESAS

no nosso país. Então, acredito que estamos caminhando num processo de valorização da agricultura e de promoção de uma melhor distribuição de renda, o que realmente atinge a base do sistema, que é o produtor.

Estamos caminhando para a valorização da agricultura

Mauro Gomes Baleeiro

Por si, ela terá que ser sempre subsidiada. Então, no nosso país, na situação atual, é uma atividade de alto risco. Temos risco de produção, risco de mercado, risco de transporte e risco de armazenamento. No passado, dado o paternalismo do Estado, direta ou indiretamente, todos os riscos dessa atividade foram repassados para ele. Risco de produção, de seca, de praga, risco de mercado com flutuação de preços — a necessidade de garantir preços mínimos —, risco de armazenagem — as perdas de armazenamento são enormes no nosso país — e de transporte. Então, um *funding* privado parece inviável dentro da perspectiva empresarial. Como fazer para baixar o risco na agricultura? A única forma, que os nossos irmãos do hemisfério norte adotam em larga escala, é a tecnificação de todo o processo. A utilização da irrigação como elemento que vai reduzir os riscos de produção, e sistemas de armazenamento e de transporte adequados. Enfim, toda uma série de elementos que vai assegurar à agricultura uma atividade estável e rentável. É dentro dessa filosofia que se coloca a nossa empresa, acreditando em todo esse processo de modernização, de tecnificação e de melhoria gerencial de qualidade. Assim, investimos em equipamentos para irrigação, para armazenagem de grãos — com secagem automatizada — com silos de grande porte, possibilidade de armazenagem de sistema hermético, porque assegura a manutenção das qualidades originais do produto, enfocando sempre a possibilidade real de melhorias qualitativas, através da colocação à disposição do mercado, de novas tecnologias, totalmente dominadas e disponíveis. Esse discurso todo é um embasamento da nossa filosofia, que estamos aqui compartilhando com os senhores.

A questão tributária, nós entendemos que na perspectiva de curto prazo, é fundamental. Porém, é preciso que se pense numa perspectiva de longo prazo, na necessidade de se levar em conta outros aspectos. Essa questão do ponto de vista da isenção de impostos, significa apenas ganhos relativos, dentro do todo da sociedade. Isentar a agricultura de impostos, representa simplesmente transferir renda para esta área, em detrimento de outro setor, que vai ter que pagar. Temos de enfocar a questão da redução de custos efetivos, através do redimensionamento do Estado, e no setor privado, através de ganhos de produtividade, de tecnificação, de melhoria. Isso significa aumentar a renda do produtor em termos absolutos. Não em termos relativos, transferindo renda de um setor para o outro. Ou seja, se os custos do governo não forem tocados, outro setor terá que pagar por isso. Por que o governo tem essa volúpia fiscal? Porque ele está cada vez mais inchado, mais ineficiente, mais inoperante. Assim, a questão tributária é um alvo absolutamente necessário, imediato e urgente. Porém, deve-se buscar sucessivamente as melhorias, no absoluto. Redução de custos, e assim por diante.

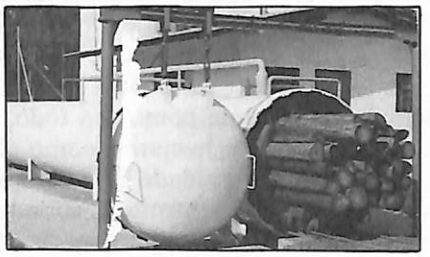
Por que o governo tem esta volúpia fiscal?

Mauro Gomes Baleeiro

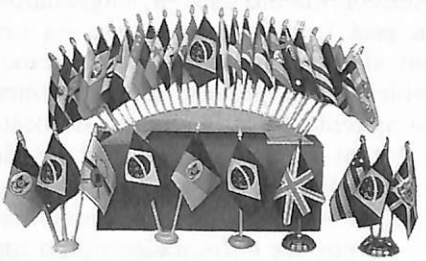
Para resumir, gostaria de fazer um pequeno perfil da área. Como estamos envolvidos com energia elétrica, principalmente, armazenagem e irrigação, eu faria um breve perfil dos três setores. Acredito que seria útil e oportuno. No setor de energia elétrica, nos últimos quarenta anos, o modelo energético brasileiro foi assentado em uma única direção: suprir São Paulo. Temos, hoje, todos os sistemas de energia do nosso país voltados para a grande consumidora, que é a indústria de São Paulo. Evidentemente, há núcleos industriais no Rio de Janeiro, Minas Gerais, mas isso é muito pouco, perto do que representa São Paulo neste cenário. Os grandes sistemas, como Itaipu, buscam atender São Paulo. Só que, numa perspectiva para frente, nos próximos 40 anos, acreditamos que não será este o modelo. Por quê? Em primeiro lugar, é impensável que nós vamos dobrar São Paulo. Então, por onde passa o desenvolvimen-

Serraria industrial:
Tábuas, guias, pranchas e pallets.

Usina de preservação de madeiras sob pressão em autoclaves: postes, mourões, cruzetas e outras.
Viveiro florestal: mudas de eucalipto e pinus. Carvão vegetal e apicultura.
Mel/pólen.



flosul
FLORESTAMENTO DO SUL LTDA.
Parque industrial: RS 040 Km 93 - Palmares do Sul
Escritório central: Av. Assis Brasil, 3966
Porto Alegre - RS - telefone: (PABX)
(0512) 44-5577 telex: (51)2853
COIN - fax: (0512) 44-5471



BANDEIRAS NACIONAIS, INTERNACIONAIS E PROMOCIONAIS

- Bonés promocionais
- Coletes salva-vidas (aprovados pela D.P.C. da Marinha Brasileira)
- Coletes salva-vidas — modelos esportivos

Mais de meio século de tradição e qualidade em todos os produtos que fabrica.

PICORAL
INDUSTRIA E COMÉRCIO DE BANDEIRAS E ARTIGOS ESPORTIVOS LTDA.

Rua Hoffmann, 301/303 - Fone: (0512) 22-4537
Fax: (0512) 22-7904 - Telex: 515363
CEP 90220 - Porto Alegre - RS

to? Terá que passar pelo interior. Conseqüentemente, teremos um novo modelo de desenvolvimento do setor energético. Hoje, falamos também no setor agrícola. Houve, na última década e meia, um grande salto quantitativo. Nós incorporamos novas áreas de produção, mas temos dificuldade em sustentar esse salto. E por quê? Porque não temos a infra-estrutura necessária, que deveria ter acompanhado esse processo. Não tivemos um salto qualitativo, acompanhando esse salto quantitativo. Então, ele se torna insustentável. Só se torna sustentável através de fortes subsídios, o que desestabiliza todo o processo e afeta a produtividade do sistema como um todo, e não dos quilos por hectares, como diz o Ney. Há a necessidade do acompanhamento da infra-estrutura, sobretudo da área elétrica — porque desenvolvimento não se faz sem energia elétrica. Teremos que nos voltar para o desenvolvimento do interior, para incrementar a agroindústria, daqui para a frente. Digamos que o Sul do País já está bastante eletrificado, o que não ocorre com as novas áreas incorporadas, onde temos deficiências graves. Em algumas áreas do país, de grande desenvolvimento da soja, a agroindústria está inibida porque não há um bom sistema de eletricidade. Temos problemas de piques, que o sistema não agüenta. A irrigação no noroeste de Minas é reduzida pela falta de energia disponível. As subestações não agüentam. Enfim, são problemas que devem ser enfrentados como um todo, na busca de um suporte para o desenvolvimento da agricultura, para a verticalização do sistema e para a agregação de valor para o produtor. Esse foi um dado do setor elétrico. Em termos de armazenagem, constatamos que o sul de São Paulo para baixo é bastante equipado. Mas, em sua maioria, os secadores e os equipamentos de transporte em geral já estão bastante utilizados, necessitando de reposição. Tem equipamento que já esgotou sua vida útil. Então, é necessária uma grande renovação. No que diz respeito às novas áreas incorporadas, o cerrado e essa fronteira pré-amazônica, há ainda uma grande deficiência e uma má distribuição de infra-estrutura de armazenamento. Em alguns aspectos, foram utilizadas soluções de engenharia não adequadas para o armazenamento em clima tropical, como o nosso. Isso terá que ser revisto e equacionado. Do ponto de vista de irrigação, o país está apenas engatinhando. Para citar alguns números, somente o Estado do Nebraska, nos Estados Unidos, tem aproximadamente 15 vezes mais área irrigada com pivôs centrais, do que o Brasil inteiro. Agora, as principais dificuldades de que nós estamos falando, evidentemente, nos três segmentos a que nos referimos, é de investimentos. Nós estamos num setor de bens de capital sob encomenda. O que significa investimentos, decisões de longo prazo. O grande problema é a crise de credibilidade do governo. O contribuinte não acredita que o governo vá aplicar bem o imposto que ele paga.

Tem equipamento que já esgotou sua vida útil

Mauro Gomes Baleeiro

O poupador não acredita no sistema, que tem que remunerar o capital dele. Então, não quer poupar. O empresário não tem horizontes para investir, e o cidadão não crê nas instituições. É um problema de credibilidade que afeta todo o setor de produção de bens de capital sob encomenda. Então, vemos um grande entrave nesta falta de horizontes, embora haja bolsões de demanda, porque houve uma necessidade reprimida por longo tempo, e devem-se tomar decisões inadiáveis. No caso da Kepler Weber, eles vêm desenvolvendo há muitos anos a sua competência para exportar, e isso é um componente fundamental. Hoje, cerca de 60% de nossa produção está voltada para o exterior (Estados Unidos e Canadá, principalmente). De forma que a primeira dificuldade é a falta de horizontes. A ausência de linhas de financiamento regulares. Um pivô central, hoje, pode ser comprado nos Estados Unidos quase pela metade do preço que se paga aqui no Brasil. O problema está na tributação, que é altíssima. Está numa questão de escala também porque, enquanto um produtor americano produz 10 mil pivôs, por exemplo, nós aqui produzimos apenas mil, criando-se um círculo vicioso. Os custos são altos, porque também não temos escala. Os impostos são elevados, e eu diria que a parte tecnológica não é um grande diferencial que tenha reflexo sobre a parte de custos. Acredito que o setor está adequadamente capacitado, do ponto de vista tecnológico, a oferecer o suporte que a agricultura brasileira merece e requer. Acho que é isso que eu posso lhes dizer, nessa modesta contribuição. Estou à disposição para perguntas, obrigado.

IVAN PUPO LAUANDOS

Só tenho um questionamento. A diferença do pivô central americano e brasileiro não está dessa ordem. De forma alguma. A diferença está entre 5% e 10%.

MAURO GOMES BALEEIRO

O setor está trabalhando praticamente sem margem nenhuma, mas, sem dúvida, os dados que nós temos indicam uma possibilidade de você ter produtos lá por quase a metade do preço. Estou falando em termos genéricos. Quero dizer que pode não ser exatamente 50%, mas existe uma diferença palpável que reside numa carga tributária e num problema de escala. Você teria possibilidade de produzir mais do que produz. Então, poderia ter uma escala muito maior, possivelmente com uma redução de custos. Por conta das aprendizagens, das inovações feitas. Então, se você não tem escala, a coisa está emperrada. Ninguém vai investir para melhorar, para aperfeiçoar. ■

OSCAR ALBERTO RAABE

Ouvindo as pessoas que me antecederam falar, aprendi muito sobre impostos, juros, sonegações, reduções de custos, taxações, isenções. Mas continuo achando que, a produtividade, como um todo, aquela que se mede numa relação custo/benefício, esta é que nós temos que analisar para que ela possa ser atingida de uma maneira tal que todos nós tenhamos realmente condições de não só suprirmos o nosso mercado nacional, mas também de exportar grãos para o exterior. Quando se fala em produtividade, temos sempre que pensar em termos do agribusiness, do complexo agroindustrial. Todos os insumos, todas as técnicas, todas as tecnologias, seja o adubo, se-

A VALMET CONTINUA INVESTINDO NA NOSSA TERRA PARA QUE VOCÊ NÃO PARE DE INVESTIR NA SUA.

Com este novo impulso do governo, o Brasil vai fazer o que a Valmet nunca parou de fazer: investir na agricultura brasileira. Os recursos e medidas do novo Pacote Agrícola irão permitir ao agricultor planejar melhor sua atividade.

É hora de investir e trabalhar. A Valmet nunca parou, nem vai parar de acreditar e investir no Brasil. Porque ela sabe que o agricultor brasileiro precisa e quer ser mais produtivo, tendo a tecnologia mais avançada à sua disposição.

Faça como a Valmet: invista no Brasil. É só conhecer a nova Linha Valmet e investir na sua terra.

VALMET
O TRATOR DA
NOSSA TERRA

Y6R

EMERGÊNCIA

SUA EMPRESA PRECISA DE ASSISTÊNCIA?

NÃO ESPERE MAIS.

- Temos a melhor assistência médica para sua empresa.
- Cuidamos de seu funcionário preservando sua saúde, para que ele tenha um bom atendimento em seu trabalho.

NÃO PENSE MAIS

Faça um contato conosco. A saúde de seu funcionário é a garantia do seu lucro.

SERVIMED
SERVIÇO DE ASSISTÊNCIA MÉDICA LTDA

Av. Independência, 944
Fones: 24.3333 - 27.2666
Av. São Pedro, 1201
Fone: 42.4242
Porto Alegre - RS

ja a semente, seja os implementos agrícolas, são importantes, não resta a menor dúvida, para o aumento de produtividade. Mas me permitam dizer que existe um fenômeno nacional que eu considero mais importante, que é aceito por todos e não é utilizado por ninguém. Chama-se calcário. Chama-se correção de solos. Porque dados, não dados meus, dados de universidades de nosso país, principalmente de São Paulo e do Rio Grande do Sul, provam que, se nós corrigirmos a acidez dos solos, teremos 30 a 35% de acréscimo na produção de grãos. Então, tudo aquilo que foi dito sobre perdas, nas indústrias de transformação, na colheita, se transformaria em ganhos se se fizesse a correção de solos nesse país.

O calcário é necessário, mas não há recursos, é a justificativa dada. Então, fazemos lobby político. Procuramos por senadores do Brasil inteiro, por deputados federais, deputados estaduais e prefeitos. Dentro da estrutura que temos hoje no nosso país, com a pura e simples correção dos solos, nós produtores de calcário, técnicos da Embrapa, universidades, Fecotrigo, Ipagro, e todos os Institutos agronômicos ligados a qualquer atividade agrícola do país, garantimos que haverá um acréscimo de, no mínimo, 30% de produtividade. Todos sabem para que serve o calcário. Por que não se usa o calcário, que é um insumo agrícola barato, em quantidade suficiente no Brasil inteiro, com fábricas localizadas em pontos estratégicos? Porque não há verba. Garantimos ao presidente Collor e ao ministro da Agricultura, no plano que lhes entregamos, o Planacal — Plano Nacional de Calagem — 90 milhões de toneladas/ano. Nós já colhemos 67 milhões de toneladas em 88, mas foram consumidos 16 milhões de toneladas. No Rio Grande do Sul, quando a demanda deveria ser de três a quatro tonela-

Oscar Alberto Raabe

das de calcário para uma de adubo, a situação está se invertendo. Utiliza-se 1,5 milhão de toneladas de adubo e não vai se atingir 1 milhão de toneladas de calcário. Como é que vamos aumentar a produtividade assim? ■

WILSON ARMELIN

Gostaria de transmitir ao meu companheiro de calcário, que, participando recentemente de um seminário na Secretaria de Agricultura de São Paulo, patrocinado pela ABMR — Associação Brasileira de Marketing Rural — me informaram que está sendo feita uma pesquisa de mercado, para o setor de marketing rural. Eu aconselhei o pessoal do calcário, que lá esteve presente também, que fizesse uma pesquisa de mercado, porque o calcário realmente é um produto que todos nós recomendamos. O setor de fertilizante em peso recomenda-o, a pesquisa agronômica em peso indica-o. Eu diria que é o primo que todo mundo gosta, mas, infelizmente, o único que deveria gostar dele, que é o lavrador, por qualquer razão não o utiliza. Tem alguma coisa escondida no âmbito desse não-consumo de calcário.

Gostaria de começar minha parte lembrando que, na área agrícola, precisamos antes de tudo de uma estabilidade na política para o setor. Sem isso não vamos crescer. É preciso definir fontes de recursos para a agricultura, definir o tipo de caderneta verde para os bancos privados, alguma coisa que tenha uma fonte de recursos viáveis. Nós deixamos o nosso dinheiro na caderneta de poupança, o povo, principalmente, deixa seu dinheiro na

Wilson Armelin

caderneta de poupança. É esse dinheiro que a agricultura pode utilizar. Outra coisa: a agricultura não suporta juros e correção monetária exagerados. A correção é necessária, mas a inflação exagerada prejudica demais. É um setor sazonal de ciclo longo, e como todo o setor sazonal de ciclo longo, inflação elevada prejudica tremendamente. O setor não vai à frente com esse tipo de atividade. A política agrícola atual é muito boa, mas precisamos que o lavrador confie nessa política. Se a próxima colheita se desenvolver bem, e o lavrador comercializar a safra, com essa garantia que o governo forneceu de estender o crédito rural para o financiamento de produção, do estoque dele, sem dúvida nenhuma isso dará ao lavrador uma confiança que o fará plantar uma grande safra em 1992, 1993. Infelizmente, este ano a política agrícola foi boa, mas veio tarde, e o lavrador duvidou e ainda duvida da seriedade do governo, pois este falhou inúmeras vezes e poderá voltar a falhar novamente. A carga tributária, é enorme sobre o alimento. Também a carga indireta, aquela carga tributária que representam PIS, Finsocial e mais ainda os impostos e ICMS sobre os insumos. Esperamos que com a isenção do ICMS sobre a maioria dos produtos fertilizantes, torne-se possível eliminar esse cravo do setor, pois isso aumenta os custos de todos, do lavrador, do produto agrícola e de todos nós. Melhorar a infra-estrutura, sem dúvida nenhuma, é importante. Uma agricultura sem armazenagem, sem transporte, com os portos, principalmente o porto de Santos, caríssimos, prejudicando as nossas importações e exportações, não pode continuar. Nós temos que acabar com as castas que dominam segmentos de serviços, como o dos portos. Se os portos não tiverem os seus custos barateados, o Brasil não sobrevive no mundo mo-

Está na hora de planejar a comercialização da sua safra.

SAFRAS & MERCADO

Garanta um ano de lucros na comercialização de seu produto.

Quando você faz uma assinatura de SAFRAS & Mercado, você está entrando num completo sistema de informações e análises de mercado.

Assine SAFRAS & Mercado o mercado na palma da mão e na ponta dos dedos

Preencha o cupom abaixo e remeta para Editora SAFRAS Ltda.
Av. Otávio Rocha, 115 - 11º andar
90020 - Porto Alegre - RS

Se preferir, assine pelo telefone
(0512) 24-7039 - P. Alegre

Cupom de Assinatura

(✓) - **SIM.** Quero receber a(s) publicação(ões) especializada(s) **SAFRAS & Mercado**, por um ano, que pagarei na forma indicada abaixo:

Publicação	Valor do Pagamento
SAFRAS & Mercado SOJA & Grãos (semanal)	*Cr$ 128.500,00*
SAFRAS & Mercado MILHO (quinzenal)	*Cr$ 98.500,00*
SAFRAS & Mercado ARROZ (quinzenal)	*Cr$ 98.500,00*
SAFRAS & Mercado CARNES (quinzenal)	*Cr$ 98.500,00*

☐ ANEXO CHEQUE NOMINAL A:
EDITORA SAFRAS LTDA.
Av. Otávio Rocha, 115/11º andar - CEP 90.020 - POA - RS

NOME: _____

EMPRESA: _____ CARGO: _____

ENDEREÇO: _____

CX. POSTAL: _____ CEP: _____

CIDADE: _____ UF: _____

CGC/CPF: _____

TELEFONE: _____ FAX: _____ TLX: _____

DATA: __/__/__ _____
ASSINATURA

realidade triste, e que deve ser revertida.

Mas nós sentimos, no Paraná, em termos de cooperativismo, em termos de cooperação de produção, uma necessidade cada vez maior de nos integrar. Por uma questão de sobrevivência. Na nossa região, sempre temos atuado de uma forma mais ou menos isolada. Nos últimos anos, estamos cada vez nos integrando mais. Antes, éramos a Cooperativa Batavo. Hoje, somos o Grupo Batavo, com a inclusão de mais duas cooperativas de origem holandesa, que representam um universo de mais ou menos 1.600 produtores, dos quais 70% são de origem não holandesa. Então, a minoria é descendente de holandeses. Assim, estamos perfeitamente integrados, com um faturamento em torno de US$ 450 bilhões. Nós representamos um universo de cerca de 5.000 mil funcionários que estão diretamente ligados a esses produtores. Então, talvez esteja aí o exemplo de que uma atividade agrícola verticalizada no interior realmente fixa o homem no interior. Ela cria um núcleo. E, cada pequena indústria que se estabelece faz com que se desenvolva uma comunidade, as pessoas enriqueçam, e naquela comunidade, seus componentes não saem do campo para os centros urbanos. E disso nós temos orgulho. Sabemos que se mudarmos essa assistência, se não a dermos para esses produtores pequenos, eles não direcionam-se para o campo. Temos, ultimamente, grandes programas para o campo, para pequenos produtores, que cada vez estão se integrando mais nesse processo, com resultados altamente positivos. São programas de assentamento que estão dando certo. Foi pleiteado, que o governo federal, junto ao Ministério da Agricultura e Reforma Agrária, dê incentivos para todas as cooperativas do Brasil. Infelizmente, isto não está acontecendo, e entendemos que seria uma das formas mais eficazes de se praticar a reforma agrária no Brasil. Através de assentamentos por iniciativa privada e basicamente por cooperativas.

Os produtores dependem demais dos bancos

Dick Carlos de Geus

O governo deveria ter, no nosso entender, nos próximos anos, uma consideração maior pela agroindústria. Mas estamos sentindo até um descaso por parte das autoridades, neste aspecto. Inclusive no Paraná. Esse governo novo está muito preocupado com os pequenos produtores. Nós concordamos com isso, mas entendemos que quem produz o alimento no Brasil é o grande e o médio produtor. O pequeno produtor tem sua subsistência. Mas é o grande produtor que produz realmente. Por isso, essa política que foi adotada este ano, com relação a juros, foi muito correta. A gente entende que, daqui para frente, os grandes e médios devem ser equiparados com qualquer outro produtor — principalmente com o pequeno — para que ele possa produzir cada vez mais. E nós pensamos que, se for adotada uma política certa, se for aprovada, aliás, regulamentada a Lei Agrícola, esses grandes e médios produtores, com essas garantias, vão produzir tranqüilamente. E, em poucos anos, chegaremos a 100 milhões de toneladas/ano. Isso, tomando como base as cooperativas do Paraná. Na questão dos investimentos, só as cooperativas deste Estado estão no BNDES com pedidos de US$ 650 milhões. E não estão saindo. Então, podemos ver que existe uma demanda reprimida muito grande, e, a partir do momento que estes recursos forem liberados, vamos ter um incremento violento em termos de agropecuária do Paraná.

Temos certeza de que o Brasil, no ano que vem, ainda não vai sair da crise. Por isso, temos orientado nossos cooperados para que invistam o estritamente necessário. Nós estamos dando, nos últimos dois anos, uma importância ainda maior à assistência econômica do que à assistência técnica do campo, porque no aspecto econômico os produtores são pouco experientes. Eles dependem demais dos bancos. Os bancos têm judiado demais deles, em função de uma inexperiência muito grande. Hoje, as cooperativas, principalmente a Batavo, têm se especializado nisso, através de programas de computação, dando uma assistência completa, para que eles

COM ESTA UNIÃO, QUEM GANHA É VOCÊ.

A TRAFO Equipamentos Elétricos S/A e a POWER Engenharia e Manutenções Ltda. uniram-se para oferecer a você as melhores condições de aumentar a sua produtividade.

Com 30 anos de experiência, a TRAFO, maior fabricante nacional de transformadores, coloca à sua disposição produtos de alta tecnologia.

Há 10 anos atuando na área de manutenção de subestações, a POWER destaca-se pelos serviços TQA - Tecnologia, Qualidade e Atendimento.

Quando duas grandes empresas unem as suas forças, o resultado só pode ser um: o melhor possível.

TRAFO EQUIPAMENTOS ELÉTRICOS S.A.

PORTO ALEGRE/RS
Rua 25 de fevereiro, 47

power ENGENHARIA E MANUTENÇÕES LTDA.
TRAFO

PORTO ALEGRE/RS
Rua 18 de novembro, 432

Agroindústria • Agropecuária • Armazéns Gerais
• Comércio Exterior • Construção Civil • Construção Pesada
• Informática • Mineração • Sistema Financeiro
• Transportes

GRUPO ITAMARATI

Sede: Av. Presidente Juscelino Kubitschek, 1830
Torre I 10 a 14 andares
Fone (PABX) 829-9433 – Telex (011) 80558 CNCC BR

não sejam levados, por vendedores ou por bancos, a fazer investimentos desnecessários. Isso tem nos trazido resultados bastante gratificantes.

No tocante ao milho, gostaria de dizer que a potencialidade é enorme — muito grande, realmente. Nós estamos hoje com 1.600 produtores, dos quais cerca de 700 são plantadores de milho. Com uma média de 6 mil quilos por hectare, estando a média nacional em torno de 1,8, 2 mil quilos. Portanto, é uma cultura que tem um potencial enorme. Entendemos que o governo poderá fazer muita coisa, e que é um produto simples, mas que poderá acabar com a fome do País. Nós sabemos que 50 milhões de brasileiros comem muito mal. E o milho é um produto que — através de programas por parte do governo — poderá ser de fundamental importância. Por esta razão, nós estamos promovendo, em fevereiro, em Ponta Grossa, o Primeiro Encontro Nacional do Milho. Nunca aconteceu algo similar. Nesse encontro, além dos aspectos de potencial, de produtividade, de muitas variedades e híbridos que vão ser demonstrados, também vão ser feitas explanações sobre o que acabei de falar: que o milho poderá servir de alimento para o povo, desde que o governo, através de programas, consiga fazer com que isso realmente aconteça.

A questão da tributação — já foi falado tanto — é uma questão que realmente nos preocupa. Nós, que somos suinocultores também entregamos 25% (de cada 100 suínos, 25 vão para o governo). Tem agricultor que fala que, de cada quatro frangos, um vai de graça para o governo. Isso deve acabar. Está acabando, felizmente, pois está havendo uma conscientização. Vislumbramos algo mais promissor para o futuro. O que nos preocupa bastante são os recursos para a pesquisa. Eu já disse, no seminário, no ano passado, embora hoje alguns colegas tenham afirmado que o Brasil está bastante adiantado, que nós sentimos uma necessidade muito grande da pesquisa. Com uma participação efetiva do governo. Não só do governo federal, mas do governo estadual e dos próprios municípios. Os municípios não têm feito nada nesse sentido. Os governos estaduais fazem muito pouco. E o governo federal também. Através das cooperativas, nós temos os melhores resultados. Se não tivéssemos hoje pesquisa a nível da Ocepar, estaríamos muito aquém da produtividade alcançada. Realmente, é um setor que merece uma atenção bastante grande por parte do governo.

Vislumbramos algo mais promissor para o futuro

Dick Carlos de Geus

LUIZ CARLOS BAYER

A Tortuga é uma empresa que está dentro de um setor de produção de elementos mais nobres, do ponto de vista de nutrição animal, e de produtos farmacêuticos e veterinários. O setor, no ano de 91, teve um crescimento em quantidade. Mas em função dos nossos problemas de estabilidade econômica e da falta de moeda e de referência da moeda, naturalmente, como aconteceu em todos os setores, os valores em dólares são menores. No entanto, devemos fazer uma separação na produção animal, quando nós falamos em animais de criação intensiva, que está bastante ligada à produção agrícola — como o caso de aves e suínos. Sente-se que, com o crescimento de produção, houve também um crescimento do consumo de insumos. Isso é bom, por conta de que elementos nobres, como vitaminas, promotores de crescimento, ajustam-se às rações, à alimentação desses animais, em termos de macroalimentos. Normalmente, o que predomina é o milho e a soja, que representam mais de 70% do custo de produção. Esses elementos nobres significam 2,5%, no máximo, do custo de produção desses animais. Mas têm uma importância e significado muito grandes em relação à otimização de resultados, em relação ao aumento de produtividade dessa produção animal.

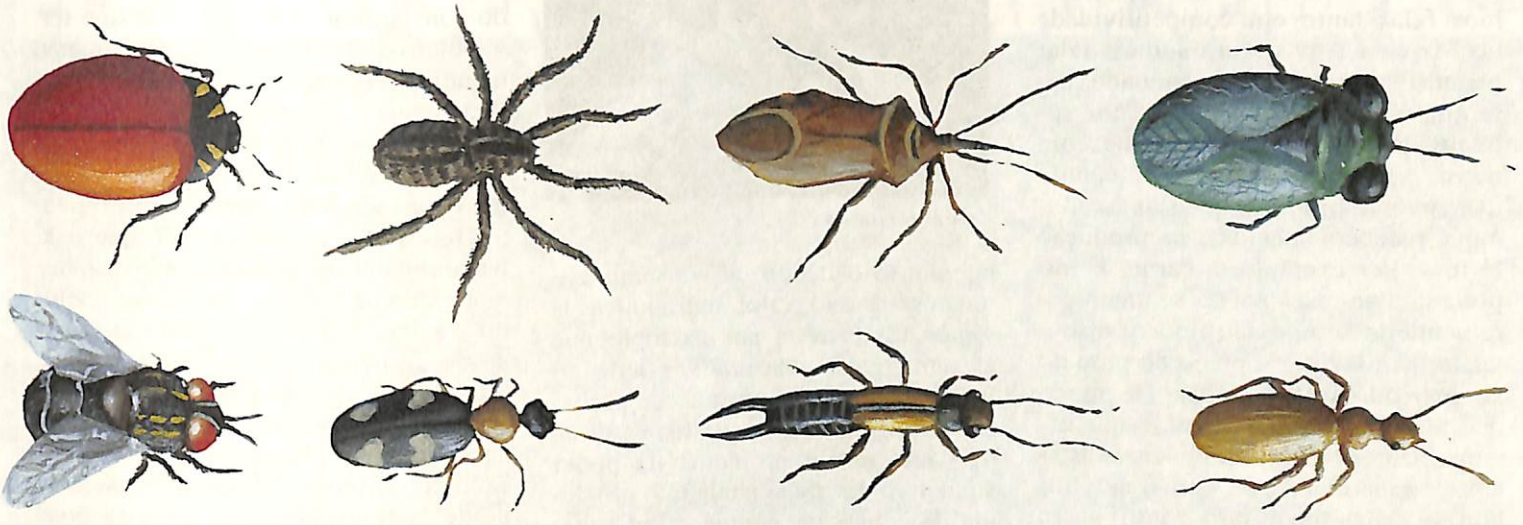
A nossa empresa, acertadamente, partiu para um programa de economia de escala, prevendo as dificuldades econômicas e, naturalmente, com essas reduções de custos, pode colocar um volume bem maior desses produtos, o que naturalmente reverte num aumento de produtividade, em termos de reprodução, de índice de natalidade, de redução de tempo de abate, de maior velocidade de crescimento dos animais, o que traz uma contribuição muito grande à economia nacional. Embora tenhamos esse otimismo, achando que o Brasil tem uma boa pecuária e que o Brasil poderá ainda elevar seus níveis de produtividade, pelo conhecimento técnico de que dispõe, nos preocupa muito o quadro global da economia. A agricultura é o início de uma cadeia de desenvolvimento econômico. Ouvimos aqui vários depoimentos e entendemos que existe um desequilíbrio muito grande na hora em que nós produzimos toda essa massa alimentar e que deparamos com um problema muito sério. Quando nós exportamos, exportamos esse produto primário — ou mesmo industrializado, como no caso das carnes — a preços que não são competitivos, em função dos subsídios dados nos Estados Unidos e na Europa.

A agricultura é o início de uma cadeia de desenvolvimento

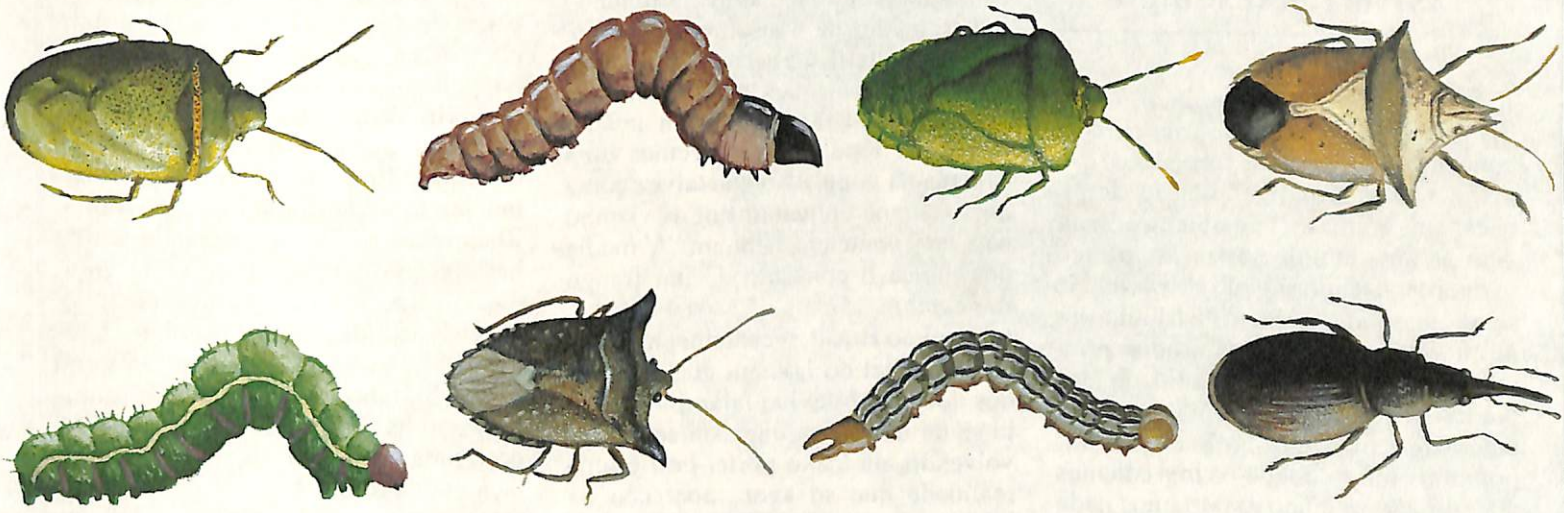
Luiz Carlos Bayer

Acreditamos que, dentro do otimismo que nós temos, mas que naturalmente não deve ser exagerado, vamos buscar as soluções. Mas buscar soluções dentro de um quadro de estabilidade econômica, indiscutivelmente. E, forçosamente, teremos que passar por um aumento de renda, um aumento de salários, para que haja consumo. Nós não podemos admitir que ainda exista alguém que faça referencial de pagamento de salário, o salário mínimo, e que a um nível de inflação de mais de 25%, esse salário seja fixado em Cr$ 42 mil. É inadmissível que alguns, que poderiam pagar mais, deixem de pagar. O Brasil vive um contexto, do ponto de vista empresarial, naturalmente com exceções, da inflação especulativa, puramente psicológica. Acreditamos que isso é importante, em termos de solução da economia global, pois nós sabemos que um aumento de salário de 20% — para usar um número prático nos dias de hoje — automaticamente representa um repasse para os preços de 20% também. É preciso que, aquilo que tem sido solicitado à sociedade brasileira, essa convocação para o entendimento, se transforme num acordo efetivo. Até mesmo para que possa haver a punição.

MOCINHOS



BANDIDOS



Endosulfan Defensa é o verdadeiro xerife da lavoura. Com ele, os bandidos sempre levam a pior e os mocinhos formam uma colônia de paz e prosperidade nas plantações. Endosulfan Defensa é um inseticida-acaricida que controla as pragas e é seletivo a seus inimigos naturais. Isto quer dizer que Endosulfan Defensa só mata as pragas, preservando os insetos que não prejudicam as lavouras de soja, algodão e café. Quando as coisas estiverem fora da lei, apele para Endosulfan Defensa. Você vai ver que não tem tiro perdido.

ENDOSULFAN 350-CE DEFENSA. O XERIFE DA LAVOURA.

ADVERTÊNCIA
O uso inadequado deste produto pode causar danos à saúde do homem, animais e ao meio ambiente.
Leia atentamente o rótulo e faça-o a quem não souber ler.
Siga sempre as instruções de uso e utilize equipamentos de proteção individual.
Consulte um Engenheiro Agrônomo.
A RECEITA AGRONÔMICA É OBRIGATÓRIA.

ANDEF
ASSOCIAÇÃO DAS EMPRESAS NACIONAIS DE DEFENSIVOS AGRÍCOLAS.

DEFENSA

DEFENSA INDÚSTRIA DE DEFENSIVOS AGRÍCOLAS S.A.

PORTO ALEGRE/RS: Rua Padre Chagas, 79
7º andar - Caixa Postal 10551 - CEP 90570
Fone: (051) 222-7711 - Telex: 511521
Fax: (051) 222-7996
TAQUARI/RS: Av. Júlio de Castilhos, 2085
Fone: (051) 653-1277 - Telex: 513616 - CEP 95860
Fax: (051) 653-1100

SÃO PAULO/SP: Fone: (011) 246-1655 - Telex: 1154969
Fax: (011) 246-1342
CAMPO GRANDE/MS: Fone: (067) 742-2623 - Telex: 672555
MARINGÁ/PR: Fone: (0442) 24-9711
PASSO FUNDO/RS: Fone: (054) 313-3836
SANTA MARIA/RS: Fone: (055) 221-6861

VANGARD

O Estado realmente é pesado, e isto representa muitos custos. Temos uma política de renda desequilibrada e políticas econômicas assimétricas. Ouvimos falar tanto em competitividade no Mercosul, mas não ouvimos falar naquilo que representa a unidade, para que o Mercosul não signifique somente competição de um país com outro, mas união, sobretudo naquilo que envolve produtos que são taxados e que recebem subsídios na produção lá fora. Por exemplo, a carne. É importante que esses países se unam para vendê-la bem, e não fiquem disputando, para aviltar o preço do produto no mercado internacional. De modo que falta muito, mas acredito que estamos caminhando, aprendemos bastante e esperamos que, com a agricultura, se possa trazer uma contribuição maior nesta cadeia complexa da economia. O que exige, naturalmente, uma mudança de comportamento de todos nós. ■

ASTOR F. HAUSCHILD

Na área de nutrição animal, trabalhamos com rações próprias e com concentrados líquidos protéicos que vão ser usados na formulação de rações em granjas. Trabalhamos também na área de mineralização, principalmente visando o gado de corte. No setor de saúde, somos distribuidores de produtos veterinários usados principalmente na área de sanidade dos plantéis. A Purina é uma empresa americana, mas aqui no País, nós importamos muito pouco os ingredientes que utilizamos e não exportamos nada daquilo que fabricamos. Estamos nos dedicando, realmente, ao mercado brasileiro e, dentro dele, encontramo-nos entre duas portas: a agricultura que produz as matérias-primas básicas que usamos em rações, como soja, milho, etc., e o consumo de leite, carne e ovos. Os problemas da agricultura já foram abordados. Cada um contribuiu com suas observações. Na área de consumo dos produtos citados, diríamos que o problema, no Brasil, não é apenas de falta de poder aquisitivo. Não é apenas um problema econômico, porque se observa que, mesmo quando existe disponibilidade de alimentos de baixo custo, não existe na

Astor F. Hauschild

população o hábito de consumir alimentos de alto valor nutricional. Já vimos estatísticas, por exemplo que atestam que o consumo de leite no País é inferior ao consumo de cachaça. Eu diria que uma estatística deste tipo não indica problema de poder aquisitivo. Existe aí também o problema de educação, porque o indivíduo não sabe diferenciar a cachaça do leite, como alimento. Por outro lado, apesar de estarmos num país potencialmente com todos os recursos necessários para uma agricultura fértil, ao mesmo tempo temos uma população muito pobre, a maioria faminta. O índice médio de consumo de frango, suínos e leite fica abaixo das medidas dos países mais desenvolvidos. Mas as médias do Brasil mascaram uma situação de renda injusta. Temos uma camada da população que talvez coma dois frangos enquanto que o vizinho não está comendo nenhum. A média nos indica o consumo de um frango *per capita.*

Aqui no Brasil, recentemente, ficou famoso o tal do homem guabiru. Todos devem ter ouvido falar disso. Trata-se de nova raça que está se desenvolvendo, de baixo porte. Isso é uma realidade que só agora apareceu na imprensa, entretanto já existe há muito tempo. Talvez não tanto no Sul, onde as pessoas são mais altas, melhor nutridas. Mas, à medida que se vai subindo percebe-se que a população vai ficando mais baixa e menos saudável,

em função da fome e da subnutrição na base inicial da criação. Penso que, além de nos preocuparmos com a produção agrícola, devemos olhar o lado do consumidor. Afinal, temos que ter o objetivo de oferecer a ele preços menores. Há milhões de pessoas que estão vivas e ávidas por alimentos, e não estão recebendo esses alimentos. Existe nessa área um potencial enorme de crescimento. Agora, entre uma ponta e outra existe um nó, que é a instabilidade do produtor, a baixa lucratividade em determinados momentos e falta de segurança nesta atividade de alto risco. Então, realmente, a estabilidade do produtor é que pode começar a desatar esse nó entre a agricultura e o abastecimento do mercado consumidor. Voltando à realidade de 1991 no nosso setor de rações, nós tivemos um desempenho positivo em termos de volume, comparado ao ano anterior. Houve uma evolução positiva mas que não se refletiu a nível de lucratividade. Nós fomos, dentro da área de rações, muito afetados pelo pacote que congelou os preços a partir de fevereiro. E a razão é simples. Nossos preços de venda foram congelados, enquanto que as matérias-primas agrícolas têm seus preços alterados de acordo com as leis de mercado. Estávamos congelados numa ponta e descongelados na outra. Realmente nossa lucratividade sofreu bastante. Porém, em termos de volume, o resultado foi bastante positivo. Tivemos ainda alguns problemas localizados, mas de uma maneira geral 91 foi bastante razoável. Nos últimos dias tem havido uma piora em função da rápida evolução dos custos em relação aos produtos de venda. Mas durante o ano tivemos algumas notícias boas, como por exemplo, a evolução do plantel de suínos e de frangos. O leite deixou de ter um preço político e foi liberado. Hoje o seu preço realmente obedece às leis de mercado. Até agora isso não se refletiu em benefício do produtor. Mas ao longo do tempo isso deverá acontecer. Imaginamos que o produtor tenha mais estímulo para produzir leite porque até agora, embora fosse uma atividade instável, ela praticamente não era instável em função da venda de animais.

Na área de gado de corte, todos sabem que existe uma pequena oferta de carne no mercado, que inclusive per-

SE DEPENDER DA CERCA, ELES VÃO SER FELIZES PARA SEMPRE.

ASA

MOTTO, GRAMPO GALVANIZADO E BALANCIM AÇOFIX. DIGA SIM À QUALIDADE.

Jacinto e Ritinha estão começando vida nova. E começaram bem: a fazenda está toda cercada com o arame farpado Motto, Grampo Galvanizado e balancim Açofix. Porque cerca é feita pra durar. Igual casamento. Um tem que dar certinho com o outro: que nem Motto dá certinho com Grampo Galvanizado e com o balancim Açofix. Produtos com a qualidade mais que certa da Belgo-Mineira.

Quando você pensar em cerca, faça como Jacinto e Ritinha: pense nela como um todo. Pense que Motto dura três vezes mais, que o Grampo Galvanizado não enferruja e que o balancim Açofix garante ainda mais a economia.

Se o casamento deles vai durar, ninguém sabe. Mas a cerca, pode ter certeza.

MOTTO. CERCOU, TÁ CERCADO.

Qualidade no campo

Belgo Mineira

mitiu o crescimento do suíno e do frango. Mas isto também é um sinal positivo para a atividade de pecuária de corte. Já tivemos cerca de 800 mil cabeças no sistema de confinamento e isso pouco representa. Um pouco mais de 0,5% do plantel do País mas pode ser que seja a semente de uma atividade que possibilite, no futuro, jogar no mercado uma carne nobre em maior quantidade do que está acontecendo hoje. Parece-me particularmente que não há como evitar uma recessão, caso se queira realmente resolver o problema da inflação. Não existe exemplo, no mundo, de países que quiseram sair do processo hiperinflacionário, sem que tenha havido realmente uma quebra do ritmo da economia. Ou seja, um desaquecimento econômico. Por outro lado, parece-me que, mesmo que o País tenha que sofrer um processo recessivo, nós não podemos dispensar o crescimento da produção de alimentos. E acredito que o processo para reverter essa situação toda deve passar por aí, porque o crescimento na agricultura é anti-recessivo. Na medida em que se produz mais e que se oferta mais alimentos, a tendência é realmente reduzir a inflação. O que estamos vendo, nos últimos meses é que a escassa produção de alimentos está sendo um fator de aceleração da inflação muito mais importante que outros fatores que também influem. Para reverter este processo temos que, obrigatoriamente, passar pelo aumento da produção e da produtividade agrícola. Não existe outro caminho, mesmo que se pense numa recessão macroeconômica.

Por outro lado, existe um total distanciamento das idéias políticas com a realidade do país. Um exemplo evidente vimos nessa semana que passou: os deputados estão pensando em aumentar em 100% o seu próprio salário, e estão discutindo um abono para o salário mínimo, de dez mil cruzeiros! Então, nota-se que a distância entre o que o deputado pensa referente ao seu próprio salário e em relação ao do trabalhador é muito grande. Isto nos deixa pouco esperançosos em uma solução a curto prazo, porque este distanciamento, essa falta de visão da realidade é algo que não se resolve em pouco tempo. Possivelmente só será corrigido pela sociedade na medida em que se possa substituir o quadro político através de eleições. De tal forma que possamos, através de uma estrutura de menor custo e de melhor eficiência, passar por este período de recessão, em situação de podermos entrar no período de recuperação inteiros, sem termos dificuldade de sermos ágeis quando o momento for mais favorável. A respeito do Mercosul, olhando a coisa pelo nosso ângulo, achamos que a região Sul, por tudo que aconteceu até agora, tem muito mais a perder do que a ganhar. O pessoal do Uruguai e da Argentina está levando o assunto a sério e encara o Mercosul como uma grande oportunidade. Do lado brasileiro, não temos ainda um pensamento a respeito e não sabemos o que está para acontecer, quais as decisões que serão tomadas e se estamos muito preocupados com este quadro. O que temos para vender para outros mercados, e o que eles têm para nos vender? Leite, carne de gado e assim por diante. Ou seja, vão vender produtos da agropecuária e isso realmente pode representar um desafio enorme. Estamos vendo nesta impossibilidade de encarar o assunto algo bastante ameaçador para o nosso lado.

WILSON ARMELIN

Quanto ao ano de 92, concordo que será um ano ainda difícil. Mas a recuperação do País começa pela agricultura. Então, em 92, já devemos ter um ano melhor.

CLÓVIS PUPERI

Quero parabenizar a revista A Granja pela oportunidade deste evento e, principalmente, por permitir à gente escutar a todos vocês. Isso, efetivamente, trouxe uma série de informações adicionais. Em nosso ponto de vista, a recuperação brasileira passa pela agricultura. Não existe nenhum segmento, hoje, no Brasil, que permita uma ativação mais rápida da economia. Efetivamente, parece que o governo aprendeu a lição e está trabalhando em cima disto. A oportunidade de recuperação de 92 dependerá da safra agrícola. Ainda queria fazer dois comentários adicionais: um para o Mauro, que colocou que há uma necessidade muito grande de aumentar a tecnologia e citou o desenvolvimento tecnológico do produtor americano, que tem melhores condições, inclusive devido à irrigação de uma maneira extremamente completa, garantindo sua safra. Ele utiliza todas as tecnologias possíveis, como estocagem, transporte e comercialização. Mas não podemos esquecer de que tanto o produtor americano como o europeu possuem uma garantia total de seu governo. Eles têm condições de comercialização a preços rentáveis e funcionam praticamente como nós operamos com os integrados. Nosso integrado, hoje, sobrevive porque tem garantia. Assim, o governo americano sabe que uma nação só será forte se produzir alimentos, garantindo o seu produtor.

É preciso reduzir o tamanho do governo

Clóvis Puperi

Quando existe desenvolvimento é muito fácil fazer uma recessão, como em Israel ou na Alemanha. Agora, num país como o nosso, onde temos 150 milhões de habitantes, dos quais 60% têm problemas, a recessão é inviável. Não se pode diminuir o número de empregos neste país e nem a possibilidade de ganho de uma parcela ponderável da população. Nós temos que ter a inflação sob controle. Mas entendo que o dano social causado por uma recessão, e isso ficou perfeitamente provado neste período do plano da equipe econômica anterior, é muito prejudicial ao nosso país. Entendo que, para diminuir a inflação, o governo deve reduzir sua sanha tributária e seu tamanho, para não ter necessidade de recursos. A reforma tributária que o governo está propondo é para aumentar a arrecadação. É muito simples governar aumentando os tributos, como é muito fácil, em nossas empresas, garantir resultados subindo os preços todo o dia. Se você repassa 20% na folha de pagamento, você sobe 20% no produto. Isso é muito fácil. Sem dúvida nenhuma, nós estamos girando hoje em círculo. É uma "salsicha no rabo do cachorro". Não tem saída. Tem que se reduzir o tamanho do governo, para deixar recuperar a produção. Hoje não é possível fazer investimento. Nossa empresa não vai investir em 92. Apenas vamos manter investimentos na área ecológica, na área de tratamento, porque é uma necessidade, uma responsabilidade social. No restante não vamos investir,

porque o dinheiro que precisaríamos tomar do mercado hoje não é viável. Atualmente, no Brasil, em função desta tributação elevada, os ativos financeiros ainda têm algum valor. Existe gente que ainda tem interesse em aplicação financeira, porque a remuneração é muita alta. A hiperinflação, graças a Deus, foi evitada por esta política, que não é boa, mas é um paliativo, pois é a única arma que pode ser usada pelo Banco Central, para evitar a hiperinflação. Então a alternativa pela qual precisamos lutar é que o governo reduza suas despesas. Diminuindo-as ele reduz sua sanha tributária. Com recessão, vamos enfrentar 92, 93 e 94 sem soluções.

NEY B. DE ARAÚJO

Concordo que, quando existe uma hiperinflação financeira, a única forma de conseguirmos condições de trabalho é o desaquecimento da economia. É um período curto. O governo federal, naquele grande confisco, deu-nos a idéia de que havia de certa forma controlado o déficit público. Mas, na verdade, isto não aconteceu. Ele apenas conseguiu um dinheiro emprestado para pagar em 18 meses. Houve então uma parada no crescimento. Porém temos que olhar o peso do Estado, não só o federal, mas também o estadual e o municipal. Nesse período de 90, que foi o ano das eleições, em todos os Estados brasileiros houve uma inflação de despesas e de pessoal. Por outro lado, teve mudança na distribuição da Receita Federal, que foi colocada de forma que o governo federal continuou com suas responsabilidades, mas teve que repassar recursos para Estados e municípios, que, muitas vezes, investiram em obras faraônicas ou contrataram mais pessoal. Assim, só para dar um choque: a cidade de Natal, no Rio Grande do Norte tem cinco vezes mais funcionários municipais do que Paris. Evidentemente, o governo não pode ser enxugado sem botar gente na rua, e ao colocar, agrava-se o problema do desemprego. Na verdade, algumas medidas sociais de emergência já precisavam ser providenciadas. É necessário que se pense em programas nacionais, como o do Roosevelt, quando assumiu o governo dos Estados Unidos, numa crise terrível, depois da depressão, com situação mais ou menos parecida com a nossa atualmente, e com um processo de corrupção no governo quase tão sério como o nosso. Ele teve que tomar uma série de medidas, a médio e longo prazo.

O processo de choque terá que ter comida

Ney B. de Araújo

A única coisa de que necessitamos é a comida. O Brasil precisa ter estoques de alimentos, da mesma forma que o indivíduo precisa estar estocado de matéria-prima, para pedir concordata. Quer dizer, o processo de choque terá que ter comida. É a única forma de segurar as pressões sociais, para que não estourem. O ajuste da economia precisa ser feito e ele ainda não o foi. Aquilo que foi diminuído, e pouco, no tamanho do Estado e na área federal, crescemos na área municipal e estadual.

IVAN PUPO LAUANDOS

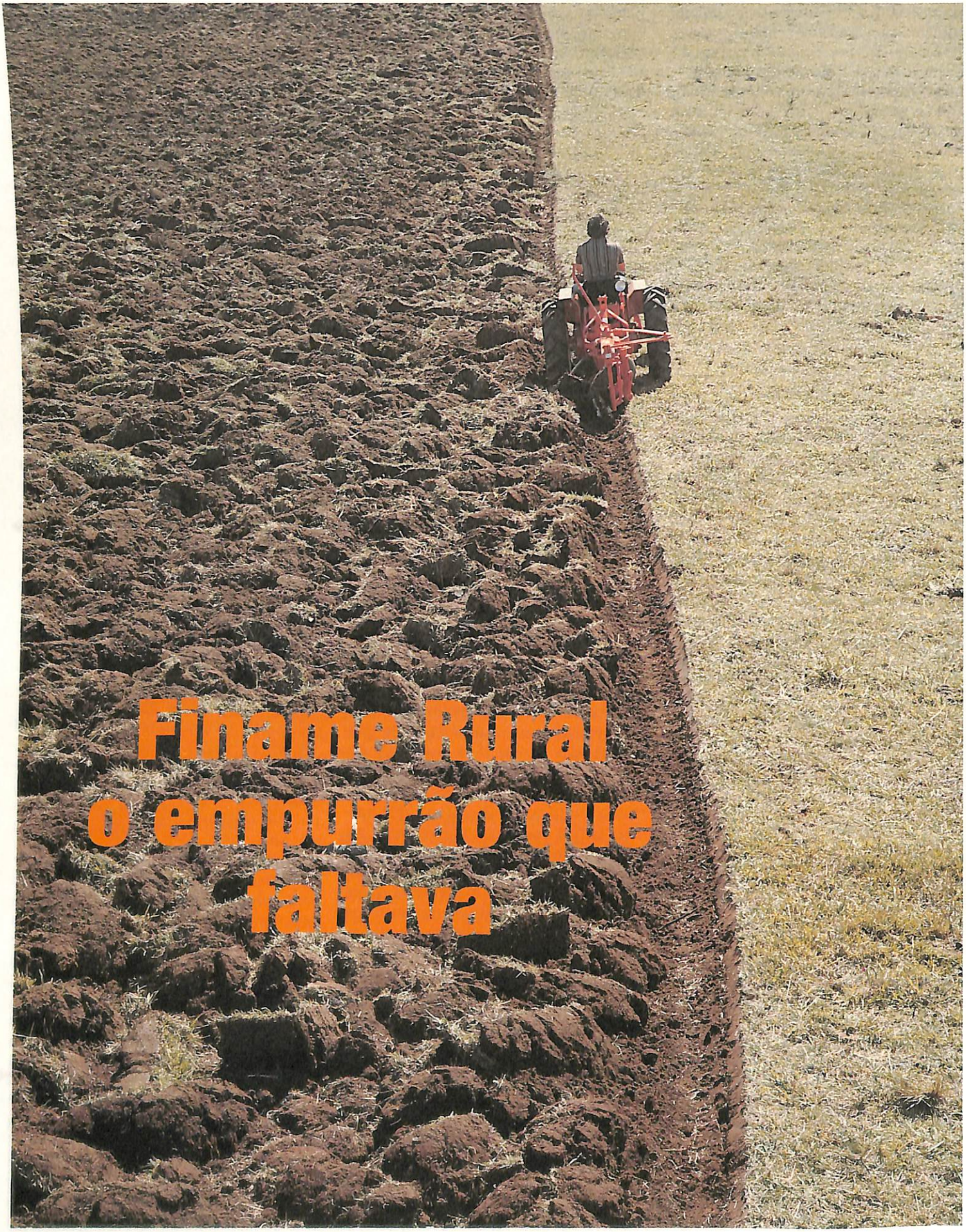
Normalmente, uma recessão vem para que um país faça um ajuste econômico, para redução do déficit público. O governo deixa de investir, põe gente prá fora e, depois de um certo período, de dois ou três anos, o país volta a crescer e se ajusta. Nós estamos numa recessão e, realmente, sem os resultados esperados. Entendo que a recessão brasileira é resultado de um aumento do custo do dinheiro. Basicamente é uma recessão de um período muito curto, de dois ou três meses. O que aconteceu basicamente no Chile é um bom exemplo para o Brasil. O Chile fez uma revisão de sua atividade produtiva e verificou quais seriam os segmentos competitivos que o país tinha e aos quais deveria se dedicar. No Brasil, praticamente, produzimos tudo e temos excesso de empresas em cada setor. Por exemplo, em nossa área, existem 17 empresas, um mercado ridículo de 25 milhões por mês. Acho, então, que, com efeito, muita empresa, no Brasil, ainda vai quebrar.

ARLINDO DE A. MOURA

Muito tem se falado da falta de dinheiro na área da agricultura. Mas se buscarmos a retrospectiva desses últimos dez anos, veremos que, em alguns desses anos, houve uma injeção muito grande de dinheiro, de US$ 9 bilhões a US$ 10 bilhões. Acho também que o mau uso desse dinheiro fez com que ele se desvalorizasse no mercado. Acredito que, neste ano, se invista em torno de US$ 3 bilhões, ou talvez um pouquinho mais. E tenho certeza de que, se a cada ano tivéssemos US$ 4 bilhões ou US$ 5 bilhões, teríamos condições de fazer uma agricultura rica e com crescimento contínuo. Penso que essa instabilidade de aplicar US$ 10 bilhões, e depois US$ 3 bilhões, prejudica sobremaneira a agricultura nacional. O certo é que partimos para um plano mais estável, onde o produtor acredite na continuidade de aplicação dos recursos. Com certeza, com US$ 5 bilhões, nós faríamos uma bela agricultura e sairíamos dessa crise com rapidez.

A Granja — Entendimento, co-participação, parceria são sinônimos que aqui, neste momento, deixam de ser uma figura abstrata ou retórica, para se materializarem em algo palpável, objetivo e realmente integrado. Sem o testemunho dos senhores, não teríamos, nós, de A Granja, através dos modernos recursos da gravação, recolhido esses valiosos depoimentos, que irão compor a principal pauta de nossa edição comemorativa aos 48 anos de existência da revista. Por outro lado, sem essa iniciativa de A Granja de reuni-los em Mesa-Redonda para dispor de nossas páginas, por certo amplos setores da opinião pública do segmento rural jamais teriam, como terão, oportunidade de conhecer os pontos de vista de significativa parcela responsável pelo agribusiness brasileiro.

Muito obrigado por suas contribuições. ■



Finame Rural o empurrão que faltava

Juros mínimos de 8,5% + TR Amortização em 5 anos

O programa agrícola da Finame (Agência Especial de Financiamento Industrial), que é subsidiária do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), foi criado em setembro de 1990, mas só em março passado começou a conceder financiamentos a pessoas físicas, atendendo a uma antiga reivindicação de produtores rurais. Atualmente, o programa se constitui no único apoio ao setor agrícola para financiamento à aquisição de máquinas e implementos agrícolas. A linha de crédito do Banco do Brasil financia custeio e não investimento.

As condições financeiras do Finame Rural são as seguintes: juros mínimos de 8,5% ao ano mais TR e 12 a 60 meses de prazo para amortização. A participação máxima da Finame é de 70% do investimento total no Sul e Sudeste e de 80% no Norte, Nordeste e Centro-Oeste.

Nessa matéria, você terá a oportunidade de conhecer em detalhes o que é e como funciona o Finame Rural. É um bom prato. Sirva-se.

Caracterizado como instrumento propulsor para contratação de investimentos em sua área, o Finame Rural bem que poderia ter o codinome de "salvação da lavoura". Se não pelo motivo de restringir-se apenas à agricultura — deixando de lado a pecuária — então pelos encargos, considerados baixos num país de inflação "galopante".

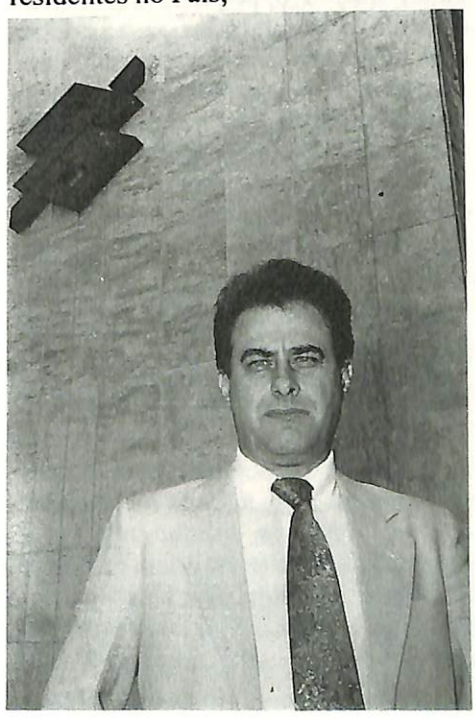
Como explica, Paulo Rodolphi, do Banco do Brasil, o Finame Rural destina-se a modernizar a agricultura e elevar seus níveis de produtividade. Para cumprir tal objetivo, a instituição possibilita o financiamento a usuários, repassando verbas definidas pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES).

Mediante abertura de crédito fixo, o produtor pode adquirir máquinas e equipamento novos — de origem nacional — diretamente do fabricante, pagando encargos de 11% ao ano, acrescidos da variação da Taxa Referencial (TR).

Rodolphi esclarece que o Finame Rural participa com um montante equivalente a até 70% do valor do bem a ser financiado, sendo que o restante fica por conta do produtor. O prazo total do contrato pode atingir 60 meses, com carência máxima de 12 meses.

Em plena atividade há um ano, o Finame Rural ampliou seu leque de beneficiários no princípio de 1991, deixando de favorecer apenas as pessoas jurídicas, como antes. Hoje, podem recorrer a este tipo de operação:

— as pessoas físicas domiciliadas e residentes no País;



Rodolphi afirma que o Banco do Brasil está dando decisiva contribuição ao pacote agrícola

— as cooperativas de produtores rurais, sediadas no País;

— as pessoas jurídicas de Direito Privado, sediadas no País, cujo controle efetivo seja exercido por pessoas físicas domiciliadas e residentes no País.

Além dessa modificação, também foi alterada a forma de reposição do financiamento que, de trimestral, passou a contar com as opções de prestações semestrais ou anuais.

Comprometimento — Disputando o primeiro lugar com o Bradesco, em termos de repasse de verbas do BNDES, o Banco do Brasil assumiu um novo compromisso em relação aos agricultores. Seguindo orientação do governo, a instituição assegura o pagamento de bens aos fornecedores em tão-somente 10 dias, a partir da contratação. Trata-se do Finame de Balcão, para cuja concessão o Banco do Brasil impões duas exigências:

— que os bens financiados sejam de uso imediato do produtor;

— que o beneficiado seja pessoa física.

"Ao assumir esse posicionamento", argumenta Rodolphi, "o Banco do Brasil está dando a sua parcela de contribuição para que o Pacote Agrícola — editado pelo governo em outubro último — tenha êxito".

Sem precisar números exatos ou valores financiados, o assessor da Superintendência Regional estima que a instituição venha fechando, em média, mais de 1.000 contratos por mês, em todo o país.

Complementação — Ainda que o Finame Rural não observe limitação

do valor a ser financiado, dependendo apenas da capacidade de pagamento do produtor, o Finame de Balcão tem se mostrado uma boa alternativa para incrementar os investimentos na lavoura.

O Finame Rural é para pessoa física

Implementado em 22 de outubro deste ano, o financiamento está à disposição do produtor rural, pessoa física, bastando ser cliente cadastrado do Banco do Brasil para contratá-lo. Ainda vedado às pessoas jurídicas, não admite contrato para melhorias que caracterizem beneficiamento de cultura agrícola (como, por exemplo, a armazenagem da produção).

Paulo Rodolphi frisa que o produtor — pessoa jurídica — também pode lançar mão do Ouromaq, com o mesmo propósito de modernização da lavoura. O produto, exclusivo do Banco do Brasil, financia até 90% do valor de máquinas e equipamento novos, observando as mesmas regras do Finame Rural e completando os 70% já estipulados pelo BNDES para o sistema.

Múltipla escolha — Os bancos que operam com Finame possuem uma imensa listagem, onde constam os fabricantes e seus respectivos produtos (máquinas e equipamentos) cadastrados junto ao sistema. Descritos por modelo e até por capacidade, os itens passíveis de financiamento via Finame Rural são os seguintes:

— tratores agrícolas de esteiras ou de rodas com ou sem lâminas, escarificadores, subsoladores, roçadeiras, arados, grades, cultivadores, sulcadores, plantadeiras, semeadeiras, distribuidores de fertilizantes, adubadeiras, pulverizadores, valetadeiras, destocadores, colheitadeiras, colheitadeiras combinadas, segadeiras, carretas rebocáveis por trator, debulhadeiras, trilhadeiras, perfuradeiras, conjuntos de irrigação dos tipos pivô central, autopropelido e montagem direta, carregadores de cana, secadores de grãos, silos graneleiros, arruadores/esparramadores, derriçadores, desenraizadoras, plainas agrícolas, plataformas de milho, taipadeiras, tandens para terrenos desuniformes, distribuidores de

Dinheiro novo para o campo, afirma João Túlio Pereira Dias

calcário, enleiradores, enfardadeiras, enxadas rotativas e terraceadores.

Além destes, outros equipamentos específicos da produção agrícola — desde que devidamente cadastrados — podem ser adquiridos através do Finame — Programa Agrícola.

Uma outra visão — No Banco Meridional do Brasil S.A., o Finame Agrícola é encarado como um investimento dirigido preferencialmente ao médio produtor.

O chefe do Departamento de Créditos Especiais, João Túlio Pereira Dias, argumenta que tanto o miniagricultor quanto o pequeno não detêm condições satisfatórias para operar com o sistema. E acrescenta que, para manter em dia as prestações semestrais de contrato, são necessárias pelo menos duas frentes de trabalho, como, por exemplo, agricultura e pecuária, evitando assim que haja o comprometimento da renda com uma única atividade.

Sobre a modificação da forma de pagamento do Finame Rural, João Túlio tem uma postura bem realista. "As antigas prestações mensais inviabilizavam os contratos", diz ele, "já que as empresas e cooperativas não contam com uma renda certa a cada final do mês. Por esse mesmo motivo, a modalidade trimestral também não ajudou; decorrência direta do posicionamento do BNDES, que mantém sua atenção mais voltada à indústria".

Perspectivas — No que se refere à cultura, a soja é a que se mantém longe desse tipo de financiamento, com seus produtores descapitalizados para completar os 30% restantes do valor do bem a ser adquirido. Nesse cenário, a horizicultura surge como a mais estável, enfrentando apenas as dificuldades impostas pelo mercado interno.

João Túlio Pereira Dias declara que a carteira do Finame Rural do Meridional totalizou 217 contratos até o último dia 30 de outubro, com apenas oito propostas de fora do Rio Grande do Sul.

O Finame Rural é do BNDES. A responsabilidade é do banco

A estimativa do Departamento de Créditos Especiais para o mês de novembro é de 250 contratos fechados, com um montante de Cr$ 3 bilhões aplicados no Programa Agrícola.

Os trâmites legais — Atuando como uma espécie de "fiador", o banco que agencia as operações do Finame junto ao produtor precisa estar cercado de cuidados ao conceder o crédito. A prestação de contas ao BNDES — em caso de inadimplência do cliente — é de inteira responsabilidade da instituição financeira, pois, ao selecionar o beneficiado, esta também assume o risco decorrente de tal escolha.

O Meridional prefere conceder o financiamento a clientes já cadastrados, os quais tem sua capacidade de pagamento definida pela análise dos seguintes fatores:

— produtividade média anual, em condições normais;

— quantificação de hectares;

— nível de endividamento do beneficiário.

"Feita a avaliação, e tendo um resultado positivo", explica João Túlio, "o Meridional acerta o contrato com o produtor, e o fabricante recebe o pagamento num prazo a 15 a 30 dias". Como geralmente o bem já foi entregue, nesse período, eventuais alterações de preços são corrigidas em tempo pelo próprio BNDES, ou o contrato retorna ao banco para regularização.

Procurando agilizar o processo, o Meridional concede autonomia às superintendências do banco, em suas

Hoje, o Finame Rural é a única linha de financiamento ao produtor

respectivas áreas, permitindo aprovação e liberação do Finame Rural para valores até Cr$ 100 milhões. Nesse caso, cabe ao departamento de créditos especiais enquadrar a proposta ao moldes requeridos pelo BNDES.

Apesar das vantagens oferecidas pelo Finame, João Túlio Pereira Dias observa que a Taxa Referencial (TR) contribui para manter os clientes afastados desta operação. E explica que "a falta de recursos próprios impossibilita o acompanhamento da variação da TR. Acrescente-se também que a classificação do beneficiário ao crédito rural, conforme regra estabelecida, define-se por meio da renda bruta anual — critério passível de distorção e que pode manter o produtor ainda mais longe dos financiamentos".

Avaliação — "O crédito agrícola desapareceu do País e nem há esperança de que seja reativado. Portanto, o Finame Rural é a única linha de financiamento ao produtor." A explicação, mais do que objetiva, parte de quem conhece bem o ramo, Roberto Brauner Penteado, presidente do Simers. Ele afirma que o Finame Rural está adequado às necessidades características da pessoa física, argumentando que o custo acessível permite que todos produtores possam recorrer ao sistema.

Roberto Brauner Penteado, presidente da Simers

Demonstrando-se preocupado com o orçamento previsto para o Finame em 1992, Roberto Penteado já mobiliza o sindicato que preside, buscando garantir uma dotação maior para o sistema. Também pretende acionar os fabricantes para que promovam uma adequação dos equipamentos cadastrados junto ao BNDES, pois hoje há vários bens financiáveis que têm sua utilização restrita às culturas da Região Nordeste.

Alternativas — Quando o assunto é Finame, o presidente do Simers faz questão de tornar bem claras as diferenciações do sistema, e conceitua: "O Finame Simplificado libera recursos em 10 dias, para a compra de equipamentos listados. Trata-se da aquisição de bens fabricados em série, onde o Finame Rural se inclui. Já o sistema convencional observa um prazo de 45 dias para a liberação, financiando equipamentos seriados ou especiais e bens de outras utilidades".

Assim, o beneficiário pode recorrer às duas opções de Rural, para promover investimentos na produção, desde que sejam observadas as exigências características de cada modalidade.

O Finame Rural permite que sejam adquiridos bens para a prestação de serviços a terceiros, preenchendo-se os requisitos básicos indispensáveis. E também possibilita beneficiamento, como silos, por exemplo; ou, no caso do produtor já ter construído um galpão, pode recorrer ao sistema para financiar o engenho.

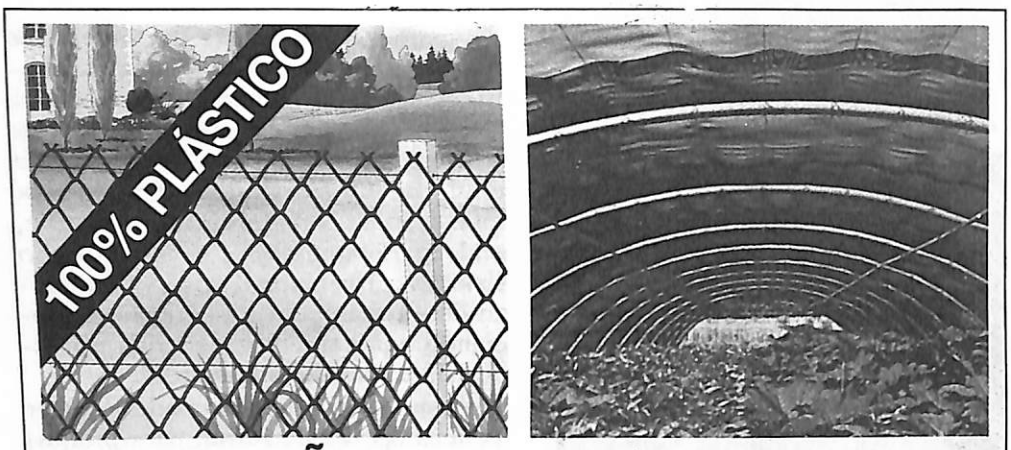
A proibição do Finame Rural refere-se à compra de equipamentos para construção civil, como é o caso de retroescavadeiras, que possuem ambigüidade de função. Dessa forma, evita-se que recursos destinados à produção agrícola possam escoar para outros setores, beneficiando-os com juros mais baixos e demais vantagens concedidas ao produtor.

Denúncia — Ressaltando a procura significativa pelo Finame, Roberto Penteado declara que alguns bancos

F·T·E x Produtividade

Esta **marca** e este **benefício** estão juntos há muitos anos;
não deixe que sejam separados.
Certifique-se que seu fornecedor **realmente** usa **FTE.**
Em caso de dúvida fale conosco. Iremos atende-lo pessoalmente.
Não se esqueça, o Código do Consumidor
está do seu lado. E nós também.

NUTRIPLANT IND. COM LTDA.
Fone (0192) 74.2885 - Telex 192203 - Fax (0192) 74.2186
Caixa Postal 97 - Paulínia - SP - CEP 13140



FERRO... NÃO!!
USE CERCA PLÁSTICA!!

- Avicultura
- Piscicultura
- Cercas

LINHA AGRO

- Filme Agrícola
- Mulshing
- Lona
- Sombreamento

Direto da Fábrica - Preços Especiais

Informações e vendas

9(011) 709-1277 (ligação gratuita) - Telex: (011) 71275 NTNE
Fax: (011) 709-1490

NORTÊNE®

CRUZAR, VACINAR, ALIMENTAR,
SUPLEMENTAR, CUIDAR,
ABATER, CORTAR.

Os Briguetes de Carvão Vegetal BRIKET, chegaram para facilitar o preparo do seu churrasco.

- Não produzem fumaça ou labaredas
- Maior rendimento
- Homogêneos e contínuos
- Alto poder calorífico

À Venda nos melhores supermercados e postos de gasolina.

Fones: (011) 790-0880/0860 - 815-3336

APPC

E NA HORA DA FESTA, ESTRAGAR TUDO COM UM CARVÃO QUALQUER?

vinham fazendo "certas exigências" aos fabricantes envolvidos na operação. Diz ele que "como numa venda-casada, exigiam que o fabricante depositasse na instituição recursos equivalentes aos liberados via Finame, de preferência em aplicações não inferiores a sessenta dias".

O presidente do Simers insiste na irregularidade desse posicionamento, alertando que nenhum banco pode exigir sequer o depósito correspondente ao crédito liberado. E lembra que as instituições devem respeitar o prazo de 10 dias implantado pelo governo, para a liberação dos recursos, sob a ordem de desburocratização do Finame.

Readequação — Da forma como está estruturado, o Finame Rural não tem atendido a contento as necessidades do pequeno e médio produtor, deixando de cumprir um dos principais objetivos a que se propõe, qual seja o de beneficiar as pessoas físicas.

Tal posicionamento parte da Fetag, expresso pelo assessor econômico Luiz Vicente Facco, salientando que, na realidade, apenas empresas e cooperativas (pessoas jurídicas) usufruem as vantagens oferecidas pelo sistema.

Segundo avaliação da entidade, é preciso que haja uma revisão dos critérios em vigor, pois esses têm se constituído em verdadeiros entraves para os agricultores de menor porte. Luiz Facco explica: "Os recursos do Finame Rural são liberados mediante aprovação de projetos junto ao BNDES, porém tal empréstimo de capital é vedado aos empreendedores de pequeno porte — ou seja, pessoas físicas — a não ser que estes mantenham vínculo com empresas e/ou cooperativas".

Além disso, o assessor da Federação argumenta que o Finame Rural contempla projetos que não condizem com a realidade observada no Rio Grande do Sul. Conforme estabelecido em programa, são passíveis de financiamento os projetos das seguintes áreas:

— carcinocultura (produção de camarões), piscicultura, reflorestamento, produção de crustáceos em geral, siricultura (cultura da seda, mais desenvolvida no Estado do Paraná), ranicultura e fruticultura irrigada.

Luiz Facco considera que o Finame Rural tem prestado benefícios às pes-

soas físicas, só que especialmente aos grandes produtores, responsáveis por empreendimentos de valores elevados. Financiando até Cr$ 260 milhões — via projetos — o sistema vem deixando cada vez mais à parte aqueles agricultores que não possuem capital próprio para investir.

A saída — Destacando a importância da recuperação e conservação do solo, o assessor econômico da Fetag defende a idéia de um melhor direcionamento das verbas do Finame para esta área. E justifica: "A aplicação de maiores recursos, especificamente nesses itens, pode resultar no aumento de até 50% da produtividade de algumas culturas. Ainda que o Finame Rural já financie a recuperação e conservação do solo, o ideal seria fazer desses dois investimentos prioridade dentro do sistema".

Considerando que a época das boas verbas destinadas à agricultura já passou e que hoje está mais difícil obter recursos do exterior, a Fetag aponta a redefinição de planos para o setor produtivo como uma saída para o atual contexto sombrio. Acrescenta: "O Finame Rural, por sua vez, só vai funcionar corretamente se as verbas definidas para o sistema forem aplicadas de modo mais racional, atendendo planos de apoio e de fomento à agricultura. Do contrário, o capital que deveria implementar a produção agrícola permanecerá sendo mal aplicado".

Máquinas agrícolas no topo do financiamento

Finame Rural já liberou US$ 194,5 milhões no País

Desde que foi instituído, em setembro de 1990, até outubro de 1991, o Finame Rural aprovou 10.531 operações — das quais 8.875 correspondentes a pessoas físicas — no montante de US$ 194,578 milhões. As operações envolvendo pessoas físicas correspondem a US$ 127,159 milhões; as de pessoas jurídicas (1.656) foram equivalentes a US$ 67,419 milhões. As máquinas financiadas foram, na maioria, tratores e colheitadeiras.

Na Região 1 (Acre, Amazonas, Rondônia, Roraima, Amapá, Pará, Maranhão, Tocantins, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia, Espírito Santo, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, área de Minas Gerais incluída no âmbito de atuação da Sudene, e Distrito Federal) foram aprovadas 3.001 operações, no valor de US$ 74,548 milhões — a maior parte relativa a pessoas físicas (2.342).

Na Região 2 (Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais (exceto a área abrangida pela atuação da Sudene), foram 7.530 operações aprovadas, no montante de US$ 120,830 milhões — também a maioria de pessoas físicas (6.533). Foi na Região Sul-Sudeste portanto, que se verificou a demanda maior.

O quadro abaixo dá uma visão global do comportamento do programa,

PRINCIPAIS AGENTES ATUANTES NO PROGRAMA AGRÍCOLA

	ACUMULADO: MAR A NOV/91	
AGENTE FINANCEIRO	VALOR EM US$ 1.000	%
Banco do Brasil S/A	80.868	40,2
Banco Bradesco S/A	44.659	22,2
Banco Itaú S/A	10.058	5,0
Banco Bamerindus S/A	9.455	4,7
Banrisul	5.834	2,9
Banco Meridional S/A	6.840	3,4
Unibanco	6.437	3,2
Banespa	8.650	4,3
Banestado	4.023	2,0
Besc	1.408	0,7
Outros	22.933	11,4
Total	201.165	100,0

desde a sua instituição até outubro último.

A contratação de uma operação de Finame — Financiamento à Aquisição de Máquinas e Equipamentos — Programa Agrícola, para pessoa física, no caso do fluxo operacional, obedece à seguinte tramitação:

Feito o contrato entre comprador e fabricante, o agente financeiro aprova o crédito e encaminha a proposta de abertura do mesmo. Em dois dias, a Finame analisa a proposta e comunica a sua aprovação ao agente financeiro. Este autoriza o faturamento ao vendedor, que efetua a entrega do bem. O agente financeiro encaminha o pedido de liberação juntamente com uma cópia da cédula e da nota fiscal. A Finame libera os recursos para o agente financeiro, em média, em cinco dias, e o agente financeiro faz o repasse ao vendedor em dois dias úteis.

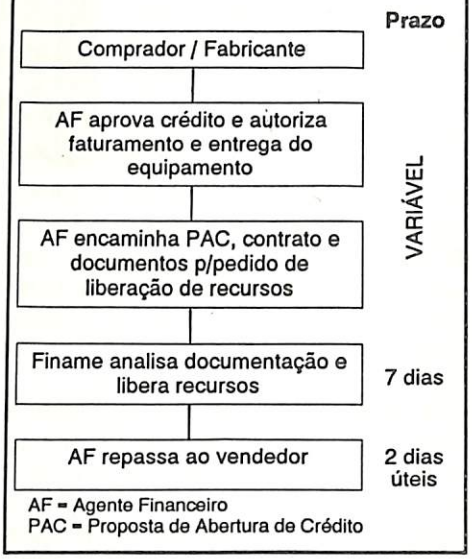
No caso do fluxo simplificado, depois do contato entre comprador e fabricante, o agente financeiro aprova o crédito, autoriza o faturamento e a entrega do equipamento e encaminha a proposta de abertura de crédito, o contrato e os documentos para o pedido de liberação de recursos. Em sete dias, a Finame analisa a documentação e libera os recursos. Em dois dias úteis, o agente financeiro faz o repasse ao vendedor. ■

O QUADRO ABAIXO SINTETIZA AS CONDIÇÕES DE CONTRATAÇÃO DO FINAME RURAL

Beneficiária	Região	Periodicidade de pagamentos	Prazos (meses)		Participação máxima (%)	Encargos (% ao ano)	
			Carência	Total(*)		Juros	Del credere (máximo)
De qualquer porte classificada no setor agrícola, inclusive cooperativa e pessoa física	I	Semestral	6 ou 12	12 a 60	80	8,5	1,5
		Anual	—	12 a 60			
	II	Semestral	6 ou 12	12 a 60	70	9,5	1,5
		Anual	—	12 a 60			

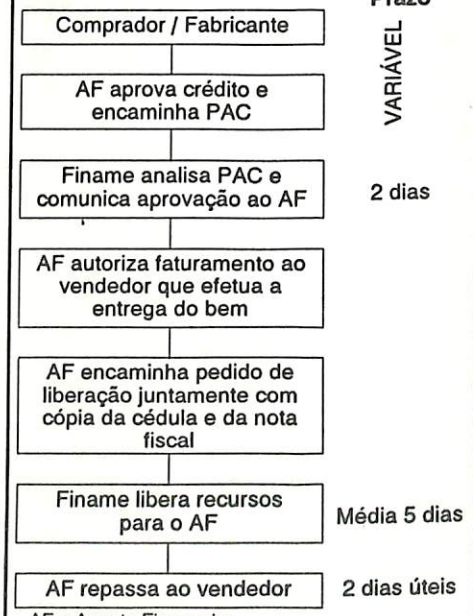
(*) O prazo total deverá ser, necessariamente, múltiplo de 6 (seis), no caso de adoção da periodicidade de pagamentos semestrais, e múltiplo de 12 (doze) quando adotada a periodicidade de pagamentos anuais.

FINAME - FINANCIAMENTO À AQUISIÇÃO DE MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS - PROGRAMA AGRÍCOLA PESSOA FÍSICA — FLUXO SIMPLIFICADO —



AF = Agente Financeiro
PAC = Proposta de Abertura de Crédito

FINAME - FINANCIAMENTO À AQUISIÇÃO DE MÁQUINAS E EQUIPAMENTO - PROGRAMA AGRÍCOLA — FLUXO OPERACIONAL —



AF = Agente Financeiro
PAC = Proposta de Abertura de Crédito

SL&M

ROÇADEIRA FS86

Corte de grama, capim, aparagem perto de lages e meio-fio, corte de arbustos e arvoredos. Até hoje, para executar estas operações em seu jardim você precisava de muitas ferramentas e muito tempo. Com a FS 86, basta trocar o equipamento de corte que ela se adapta para cada tarefa. Faz todo serviço sem fios e com mais prazer.
* Acompanha a roçadeira, conjunto de corte - 4 pontas.
Demais conjuntos de corte, opcionais.

VÁRIOS EQUIPAMENTOS DE JARDINAGEM NUM SÓ

STIHL®

Paulo Saraiva, da Maxion, acredita que o Finame será fundamental para a agricultura

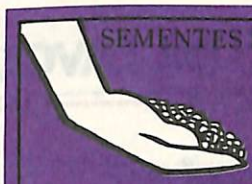
Não é só gato escaldado que tem medo de água fria. O produtor rural brasileiro também, em especial quando se falava em financiamento para compra de máquina ou implemento. Poucos conseguiam saldar os compromissos com a rede bancária sem dificuldades. O dinheiro arrecadado na venda da produção agrícola jamais dava conta do montante devido, bem ao contrário da escalada de juros e correções incidentes do débito contraído. Este jogo sem regras definidas afugentou por completo o interesse em melhorar os níveis de produtividade.

Agora, no entanto, parece que este quadro negro dá sinais verdes de esperança. A indústria nacional, que há quatro anos opera no vermelho, timidamente passou a enxergar uma luzinha lá no fim do túnel. Há duas décadas foram vendidos 70 mil tratores. Mas o ano de 1991 (dados de novembro) acabou sendo um desastre, pois a indústria vendeu somente 14 mil. O Finame Rural está dando um novo alento, e os negócios vão reagindo. A Maxion S.A., líder na venda de máquinas agrícolas no País, nos meses de setembro e outubro registrou a comercialização de 60%, entre tratores e colheitadeiras, via Finame Rural.

O diretor da divisão agrícola da Maxion, Paulo Saraiva, acredita que o Finame Rural seja um passo fundamental para a evolução da agricultura brasileira. "O produtor, daqui para frente, vai olhar a sua empresa como um negócio. E como o aporte de recursos é anual, ele não precisa se precipitar, como ocorria antes, quando o tempo que tinha resumia-se a poucos dias. Agora pode fazer a aquisição com calma, ao longo do ano. E, para a indústria, vai acabar a sazonalidade das vendas, minimizando a curva distorcida da demanda."

A maior preocupação do fabricante, no momento, é com a verba total do Finame, que é de US$ 1,3 bilhão. Em apenas quatro meses foram utilizados 15% deste total, que não é exclusivo da área agrícola, mas disputado ainda pela construção civil, indústria em geral, bem como outros setores. Caso o governo tenha a intenção de reduzir os valores, disse Saraiva, a situação poderá ficar problemática. "Mesmo que se fale num patamar baixo de reposição de máquinas, sem crescimento da área agricultável, o montante utilizado não será inferior a US$ 600 milhões", avaliou.

A demora ainda existente na liberação do financiamento, de 35 a 40 dias, segundo o dirigente da Maxion, é devida ao desconhecimento, em profundidade, do mecanismo, por parte dos milhares de agências bancárias espalhadas por este país afora. "Eu espero que, quando todo este processo estiver normalizado, não ultrapasse 25 dias. Inclusive o Banco do Brasil antecipa, por conta e risco, o pagamento do Finame Rural à concessionária, e autoriza a dotação de verba complementar para suportar um aumento no preço do equipamento, em meio à tramitação do crédito."


SEMENTES DE FORRAGEIRAS
• FORRAG. VERÃO E INVERNO
• ADUBOS VERDE
• SORGO FORRAG.
• MILHO CARGILL
• SORGO GRANIF.
agronatura SEMENTES
BR 116 - KM 284 - Eldorado do Sul - RS
Rua Vitor Vapirio, 705 - B. Anchieta - POA
Fone/Fax (0512) 43-7575

Transforme a difícil tarefa de processar a carne da fazenda c/IMPLEMIS - a SERRA-FITAS que corta e mói ao mesmo tempo.
IMPLEMIS
INDÚSTRIA DE MÁQUINAS E IMPLEMENTOS AGRÍCOLAS LTDA.

RATOS? ACABE COM O PROBLEMA
Aparelho ultra-sônico com tecnologia japonesa, sem similar no Brasil. Disponível em três modelos para proteção em áreas de 150, 700 e 1.400 m².

EX-RATTER
BRASTEC INSTRUMENTAÇÃO INDUSTRIAL LTDA.
Rua Jacira Rocha, 312
CEP 02521 - São Paulo - SP
Tel.: (011) 856-9854/858-6383
Telefax: (011) 265-9897

MÁQUINA DE TELA
Para fabricar telas de arame dos tipos convencional e otiz.
JANALE
15 ANOS DE QUALIDADE TRADIÇÃO EM TODO O BRASIL
JM JANALE MÁQUINAS LTDA.

KAUFFMANN
FÁBRICA DE AROS E RODAS
Elementos para irrigação
Mecânica pesada
Postes e canos
Estruturas metálicas
Caldeiras e trocadores de calor
MECÂNICA KAUFFMANN CIA LTDA
Av. Cairu, 865 - Fone: (0512) 43-4930
CEP 90230 - Porto Alegre - RS - Brasil

PARA ANUNCIAR AQUI DISQUE PARA:
RIO GRANDE DO SUL E SANTA CATARINA ..... (0512)33 1822
PARANÁ ..... (041)222 1766
SÃO PAULO ..... (011)220 0488
RIO DE JANEIRO ..... (021)256 8724
BRASÍLIA ..... (061)225 6448 e 225 5934

Controle biológico da lagarta

Os produtores brasileiros já podem encontrar no mercado um dos mais eficientes inseticidas biológicos, o baculovírus anticarsia, tão eficaz quanto qualquer dos produtos químicos hoje disponíveis no País, mas dono de qualidades ainda inatingidas pela agroquímica: não oferece riscos à natureza nem à saúde dos aplicadores do produto, além de custar mais barato.

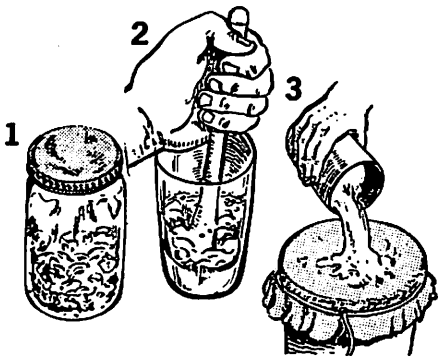
O produto foi criado e aperfeiçoado no Centro Nacional de Pesquisa de Soja da Embrapa, em Londrina, no Paraná, pelo pesquisador Flávio Moscardi, que hoje dirige a CNPSo.

Outra vantagem do inseticida biológico é que pode ser produzido artesanalmente pelo próprio agricultor (veja box). Mas Moscardi adverte que, se este não tem como produzi-lo corretamente, o melhor a fazer é comprar o produto, cujo controle de qualidade é feito pela própria Embrapa, o que garante sua eficiência.

"Uma única aplicação de inseticida biológico é suficiente para controlar os danos causados pela lagarta A. gemmatalis, desde que a aplicação ocorra na hora certa", afirma o pesquisador, lembrando que, com os inseticidas químicos, são necessárias até três pulverizações. A particularidade do baculovírus é que as lagartas mortas continuam agindo sobre as outras, sucessivamente.

Para saber o momento exato da aplicação, o agricultor deve fazer amostragens semanais na lavoura, com o "pano de batida". Quando houver de 20 a 40 lagartas pequenas, menores que 1,5cm, e menos de 10 lagartas grandes, maiores que 1,5cm, está na hora da aplicação.

Para preparar a calda, as lagartas infectadas devem ser retiradas do congelador e separadas em porções, de acordo com a área a tratar (1). Depois, devem ser esmagadas com um pouco de água (2). Finalmente, a mistura deve ser coada, para evitar o entupimento dos bicos (3). A partir de uma dose inicial é possível produzir muitas outras. O baculovírus pode ser aplicado com equipamentos terrestres (pulverizador costal, pulverizador de barra, atomizador) ou com avião. O líquido filtrado deve ser bem misturado em 80 a 200 litros de água por hectare, nas aplicações terrestres. Na aplicação aérea (micronair), devem ser utilizados no mínimo 15 litros por hectare. Antes de usar o produto, é preciso lavar muito bem o equipamento de pulverização. As lagartas infectadas pelo vírus levam de sete a 12 dias para morrer, mas a partir do quarto dia vão parando de comer.



O baculovírus não deve ser usado quando: 1. o número de lagartas grandes, maiores que 1,5cm, for maior que 10, na média das amostragens; 2. o desfolhamento médio da soja for de 30%, antes da floração, ou 15%, depois da floração; 3. aparecem outras espécies de lagartas e percevejos em níveis que necessitem ser controlados.

O Paraná tem agricultura mas agroindústria não

Devido ao fato de o Paraná ostentar a agricultura mais moderna do País, a lógica diz que deveria ter também a melhor agroindústria. Ao contrário, porém, continua sendo exportador de matéria-prima, promovendo o enriquecimento de outros Estados e de outros países. A opinião é do secretário da Agricultura e do Abastecimento, Osmar Dias, que afirma: "O Paraná não quer mais se vangloriar de ser apenas o maior produtor de grãos". Ele garante que o Estado vai investir, vigorosamente, na agroindustrialização para agregar mais valor à produção.

A iniciativa faz parte do Plano de Desenvolvimento Agrícola, coordenado por Osmar Dias, que pretende promover a articulação de todos os setores da economia, para fortalecer a agricultura e a agroindústria. Na visão do secretário, a opção do Paraná de investir em agricultura, além de ser um recurso contra a crise econômica, prepara o Estado para enfrentar os desafios que virão com o Mercosul. "A solução — acrescentou — é a modernização da economia do Estado, e de forma rápida. Esse processo não deve ser empreendido apenas pelo governo, mas, principalmente, pela iniciativa privada e pelas cooperativas".

O Plano de Desenvolvimento Agrícola prevê o aumento da produção agrícola, da produção agroindustrial e a melhoria das condições de vida do trabalhador, que é a grande massa consumidora. Envolve uma integração entre governo e iniciativa privada, na busca de recursos para fortalecer o setor produtivo. Para isso, será estabelecido um fórum, com a participação de lideranças rurais, comércio, indústrias, cooperativas e o governo, que vai tratar não só da agricultura, mas do agribusiness.

Para se ter uma idéia da importância da articulação política, o Paraná tem cerca de US$ 600 milhões em projetos já negociados e aprovados tecnicamente, inclusive por organismos financeiros internacionais, como o Banco Mundial e o Banco Interamericano de Desenvolvimento, interessados em financiar esses projetos. "Estamos desarticulados e precisamos agir de forma integrada para buscar mais recursos para o setor", declarou.

Numa evidente mudança estratégica, Osmar Dias disse que o isolamento da classe produtiva não vai reverter em "socorros" do Governo Federal. Para isso, conclamou a população, particularmente as comunidades rurais, a se organizar e cobrar das lide-

ranças de suas cidades soluções para a crise nacional. Lançou um desafio para a recuperação da economia, a partir do fortalecimento da agricultura. Ele argumentou que, se a agricultura vai mal, essa situação é extrapolada para os demais setores da economia.

Osmar Dias citou, como exemplo, a falta de caixa este ano, para o fechamento das contas de Estados e municípios. Segundo ele, no Paraná, deixaram de circular Cr$ 800 bilhões, em conseqüência da falta de 4,8 milhões de toneladas de grãos que deixaram de ser colhidos. Por conta da estiagem e falta de apoio ao plantio e comercialização da safra, foi registrada uma redução de 2 milhões de toneladas na safra de trigo de 1990, 3,1 milhões de toneladas na safra de verão (90/91), e novamente menos 1,6 milhão de toneladas de trigo.

Considerando que Estado e municípios arrecadam pelo menos 10% da safra, em impostos, são Cr$ 80 bilhões que deixaram de circular e irrigar outros setores da economia. Na verdade, disse Osmar, as perdas na agricultura estão se acumulando, e esta situação está levando à estagnação do processo produtivo. Basta ver que as estimativas de safra para o ano agrícola 91/92 indicam que o Paraná vai colher 12 milhões de toneladas, ou seja, a mesma quantidade dos últimos quatro anos.

Há um fosso entre a produção de grãos e o aumento da população

Também a agricultura nacional não evoluiu, o que gerou uma defasagem entre os produtores de alimentos e o crescimento da população neste período. Se as projeções do Governo Federal se confirmarem, vamos colher uma safra de 65 milhões de toneladas, o que, na verdade, vai representar uma safra normal, considerando que há quatro anos atrás, em 1987, foram colhidos 72 milhões de toneladas.

A solução apontada pelo secretário para sair desta estagnação é o investimento. "O produtor tem que investir o pouco que sobra, na propriedade. Os governos estaduais e federal têm que, juntos, buscar a solução para dois desafios: a política de crédito e tributária. É preciso investir mais recursos, a custos mais baixos, no setor, e é fundamental uma reforma tributária", sugere.

Osmar Dias, secretário da Agricultura do Paraná, não está para brincadeiras

Na questão fiscal, diz, perdemos para a Argentina, onde o índice médio de tributos é de 16%, e no Brasil chega a 33%. Só aí já começamos com a desvantagem de 17%, na competição do mercado que será implementado com o Mercosul.

Redução drástica — Em relação a esse assunto, Osmar Dias já vem advertindo, há algum tempo, sobre a necessidade da adoção de medidas de proteção para algumas culturas, como a do trigo, que, na opinião do secretário, deverá ser o setor mais afetado. Ele prevê que seu cultivo está condenado a uma redução drástica, no Paraná, sendo que permanecerão apenas os produtores que têm produtividade acima de 2,5 mil quilos/hectare, que são a minoria. Os reflexos dessa redução não serão bons para produtores de soja, já que tradicionalmente planta-se trigo no inverno para reduzir os custos da lavoura de verão.

A conseqüência da redução da cultura de trigo não é nada animadora, e Osmar Dias adverte também sobre o risco de uma competição, no mercado internacional, com a soja argentina. "Com a inviabilização da lavoura de trigo, nosso custo de produção de soja ficará maior, e a Argentina já tem custos menores. Além disso, aquele país tem condições de duplicar a produção nos próximos três anos, o que vai acirrar a competição no mercado internacional."

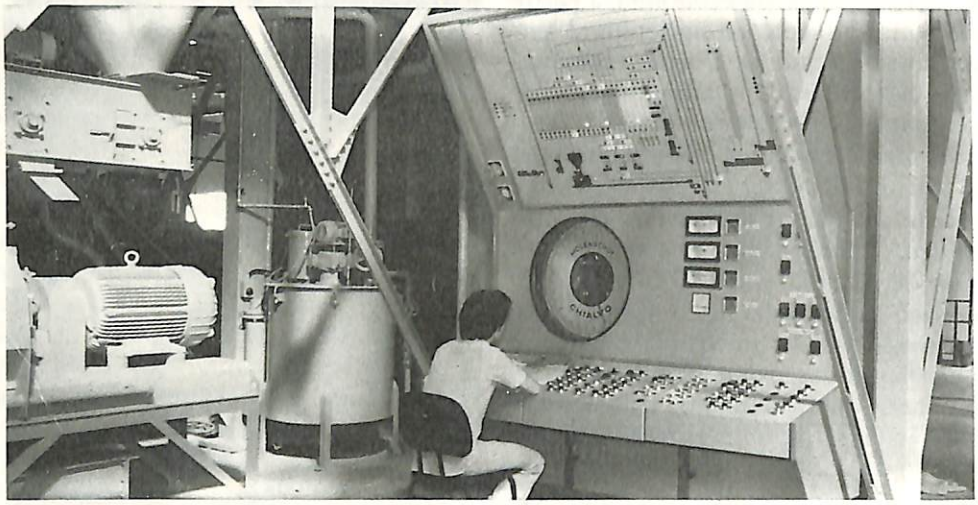
Por isso, o secretário indica como solução o aumento da produtividade dessas culturas, caso contrário corre-se o risco de inviabilizá-las no Brasil, e de perder toda a tecnologia desenvolvida para o cultivo da soja/trigo. "É preciso investir para melhorar a eficiência e reduzir o custo de produção", diz. Ele argumenta que as regiões Oeste e dos Campos Gerais têm grandes índices de produtividade de soja e trigo e devem ser estimuladas a manter bons resultados.

Defende o investimento do produtor rural na propriedade, citando, como exemplo, a aplicação de calcário.

Outro método para melhoria da produtividade, em execução no Paraná, são as práticas executadas pelo Programa de Manejo Integrado de Solos e Água — PMISA — que, segundo o secretário, custam pouco e melhoram rapidamente a produtividade. Para se ter uma idéia — justificou — o plantio em nível aumenta a produtividade nas lavouras em 30%.

Por outro lado, Osmar Dias identifica, na área do Mercosul, caminhos favoráveis à expansão de alguns setores da agricultura nacional, como, por exemplo, a cana-de-açúcar, a avicultura e a suinocultura. Mas ressalta que principalmente o algodão representa a grande oportunidade do Brasil e do Paraná, Estado que produz 50% da safra nacional. Segundo ele, a Argentina é importadora desse produto, e o Brasil está perdendo terreno para o Paraguai, que coloca o algodão de forma mais rápida naquele país. Ele defende uma mobilização, por parte das cooperativas brasileiras, para conquistar esse mercado, aproveitando a oportunidade para comercializar o excedente de algodão da safra nacional, estimado em 100 mil toneladas.

Argentina: grande produção de soja e girassol



A indústria processadora de oleaginosas na Argentina tem experimentado um desenvolvimento vertiginoso nas últimas décadas, passando a ocupar um lugar privilegiado, principalmente por sua participação nas exportações totais desse país. Levando em conta que as exportações argentinas em 1990 chegaram a US$ 12.340 milhões, e que a indústria de oleaginosas exportou um total de US$ 2.328 milhões, cerca de 19% do total, percebemos rapidamente essa referência.

Podemos desmembrar essas exportações da seguinte maneira: 7,28 milhões de toneladas de farelos, sendo 5,16 milhões de farelo de soja (US$ 929 milhões), 1,43 milhão de farelo de girassol (US$ 143 milhões), 334 mil de subprodutos de linho (US$ 60 milhões) e 356 mil toneladas de outros subprodutos (US$ 40 milhões). De óleos se exportaram 2,5 milhões de toneladas, correspondendo a óleo de girassol 1,18 milhão de toneladas (US$ 550 milhões), a óleo de soja, 1,05 milhão (US$ 443 milhões), a óleo de linho, 154 mil toneladas (US$ 103 milhões) e 120 mil toneladas de outros óleos (US$ 60 milhões). De grãos oleaginosos se exportaram 3,69 milhões de toneladas, sendo que de soja foram 3,26 milhões de toneladas (US$ 717 milhões), de girassol, 351 mil toneladas (US$ 88 milhões) e de outros grãos, 70 mil toneladas (US$ 14 milhões). Esse total de grãos correspondeu a US$ 819 milhões, o que significa 35% do que se exportou em subprodutos e óleos. O conjunto do complexo oleaginoso exportou US$ 3,147 milhões, cerca de 25% do total das exportações do país.

A capacidade instalada da indústria oleaginosa em funcionamento, em 1990, era constituída por 60 indústrias, que poderiam esmagar um total de 16,4 milhões de toneladas por ano. Em construção, em 1990, havia quatro indústrias, com um total de 4.250 toneladas diárias. Com atividade paralisada havia 12 indústrias, num total de 8.150 toneladas diárias.

A produção de oleaginosas durante a safra 90/91 foi a seguinte: soja - 10,90 milhões de toneladas, girassol - 3,80 milhões, amendoim - 0,30 milhão, linho - 0,47 milhão, algodão - 0,48 milhão, num total de 15,95 milhões de toneladas. Nas duas últimas safras, a produção de oleaginosas se manteve em torno dos 15,8 e 15,9 milhões de toneladas, sendo que a área plantada em 80/90 chegou a 9,0 milhões de hectares, e em 90/91, a 8,5 milhões de hectares.

As perspectivas para a safra 91/92 apontam dificuldades para que sejam superados os níveis da safra anterior. Segundo as primeiras projeções sobre a intenção de plantio da soja, haveria uma manutenção da área plantada no ano passado, ou talvez uma pequena redução. Isso ocorreria principalmente pelas desvantagens comparativas em relação às margens obtidas pelo milho, o que está trazendo muita prevenção por parte dos produtores quanto a incrementar o plantio da soja. Considerando uma intenção de plantio de 4,85 milhões de hectares, uma área a ser colhida de 97% e um rendimento médio ao redor de 2.150kg/ha, poderemos chegar a uma produção de cerca de 10,4 milhões de toneladas. Não obstante o fato de que o rendimento médio da safra 90/91 tenha ficado acima dos 2.300kg/ha e seja difícil alcançá-lo, devemos levar em conta que este ano será plantada uma proporção maior da soja de primeira, que normalmente alcança melhor produtividade.

A estimativa de plantio de girassol é de aproximadamente 2,8 a 3,0 milhões de hectares, bem acima dos 2,4 milhões plantados no ano passado. Caso essa área se confirme, chegaremos a uma produção de 4 milhões de toneladas. Somando o que se possa produzir nas outras oleaginosas, atingiríamos uma safra de cerca de 15 milhões de toneladas.

Examinando a conjuntura atual do mercado de oleaginosas na Argentina, a impressão que se tem é que a indústria desse setor estaria chegando a um teto de 15 a 16 milhões de toneladas de processamento anual. Apesar disso, a capacidade instalada está sendo incrementada, embora em menor ritmo, acompanhando, por exemplo, a boa rentabilidade no passado próximo. Com isso podemos jogar esse teto um pouco mais acima, perto de 18/19 milhões de toneladas. Como os compromissos de exportação de grãos dificilmente ficarão abaixo dos 3 a 4 milhões de toneladas, vai sobrar capacidade para esmagamento nos próximos anos, estimando-se que a indústria ocupará em torno de 65% da capacidade total ou menos, o que significará um aumento dos custos fixos, principalmente, mas também dos próprios custos variáveis.

Ainda devemos observar a relativa escassez de soja que se manifestará nestes últimos meses da safra 90/91, fenômeno que será acompanhado por um estoque também reduzido, no Brasil. Isso já está elevando os preços, dificultando a conquista de mercado no exterior. Essa situação deslocaria ainda mais a rentabilidade das indústrias processadoras, uma vez que muitas delas preferem pagar alto preço pelo seu principal insumo do que manter suas instalações inativas.

Silmar C. Müller

Leiloeiro Knorr gostou da pista ágil

Animais jovens, de qualidade e com bons preços

O II Remate da Granja Ceres (Varig Agropecuária), realizado no dia 30 de novembro, no Parque de Exposições Assis Brasil, em Esteio/RS, vendeu 49 ventres da raça holandês. O total apurado somou Cr$ 20,5 milhões, com a média de Cr$ 419 mil. O leiloeiro Jarbas Knorr considerou o pregão como uma oportunidade excelente para aquisição de ótimos ventres.

O agrônomo responsável pela pecuária leiteira da Ceres, Marcel Barros, afirmou que os animais que entraram em pista eram jovens, funcionais e com longa vida produtiva pela frente. Os destaques, para ele, eram os produtos inseminados de touros americanos, entre eles "Gold Dufter", "Oddewssey", "Fond Friend" e "Fast Future" (primeiro touro no ranking dos EUA).

Por outro lado, o técnico Gilberto Büllau, que selecionou a oferta comercializada, disse que procurou escolher ventres com características abrangendo vários tipos de criatórios. "Os compradores encontraram o prometido, isto é, animais rústicos, vacas em lactação para atender a demanda de leite na primavera-verão; boa performance e de pedigree. A qualidade do gado PC aproximou-os em valor ao pago pelos PO."

O maior comprador foi Luiz Dutra Knorr, arrematando 16 ventres para a Cabanha Santa Fé, de sua propriedade, na cidade de Jaguarão/RS. Ele está ampliando o tambo, para a formação da cota de inverno. Nos próximos três meses, pretende ter 50 vacas em ordenha, atingindo médias de 10kg/dia, em condições extensivas de criação.

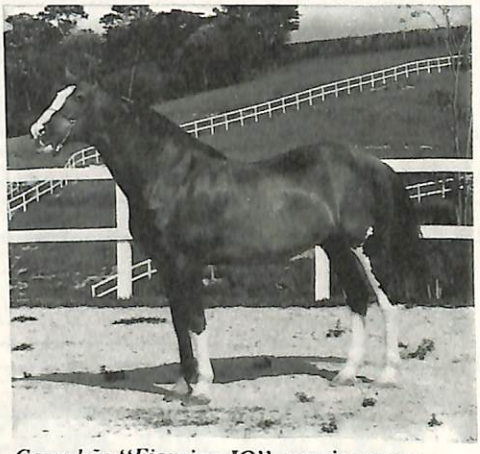
O dirigente da Varig Agropecuária no RS, Luís Odone Braga Neto, achou que os preços alcançados estavam dentro da realidade que atravessa o Brasil, tendo sido bom tanto para a empresa como para os compradores. "Fizemos o melhor leilão do holandês este ano, no Estado. Em 92, vamos alterar a data para o final de abril ou início de maio, período mais adequado para negociar gado leiteiro", acredita Odone.

Mangalarga bem cotado

O garanhão "Figurino JO", propriedade de Jorge Luiz Schimittel, foi vendido para a criadora Vânia Mara Castro, pela considerável soma de Cr$ 5,28 milhões. Este inclusive acabou sendo o maior preço do Leilão Tableau Mangalarga, ocorrido em 26 de novembro, em São Paulo. O total apurado registrou Cr$ 62,1 milhões, para a média geral de vendas por lote de Cr$ 1,68 milhão, com comercialização de dois machos, 23 fêmeas e 12 coberturas.

Os maiores vendedores foram Jorge Schimittel (Cr$ 9,96 milhões); Clodoaldo Antonângelo (Cr$ 4,68 milhões); e Nelson Franco Spielmann (Cr$ 5,76 milhões). A fêmea mais cara, "Emoção M.J.M.", foi adquirida por Cr$ 3,96 milhões, pela Fazenda Aliança, de São Paulo.

A média das coberturas ficou assim: 03 de "Leguisamo Mangalarga" — Cr$ 1,56 milhão (proprietário Clodoaldo Antonângelo); 03 de "Desfile J.O.P" — Cr$ 2,04 milhões (José de Oliveira Prado); 03 de "Cisne R.B." — Cr$ 1,52 milhão (Reginaldo Bertholino); e 03 do reprodutor "Luxo do J.E.K." — Cr$ 1,92 milhão, de Nelson Franco Spielmann.



Garanhão "Figurino JO", o maior preço: Cr$ 5,28 milhões

Appaloosa vende tudo

A liquidação do plantel appaloosa da Fazenda Jaguarundy, do comandante Rolim Adolfo Amaro, presidente da TAM — Linha Aérea Regional — em Ponta Porã, Mato Grosso do Sul, levou mais de 400 criadores de todo país, dia 2 de dezembro, ao Parque da Água Branca, em São Paulo. Numa promoção da Associação Paulista do Puro Sangue, 38 eqüinos desfilaram em pista, proporcionando uma arrecadação superior a Cr$ 63,0 milhões, com a média de Cr$ 1,7 milhão. O grande destaque da noite foi o reprodutor "Montie Man", vendido pela soma de Cr$ 6,15 milhões.

ESCOLHA SEU TRATOR

	MODELO	TIPO	RODAGEM	PREÇO
AGRALE	4300	HSE-24 ST		9.382.024
	4300	HSE-24		9.771.662
	4200	HSE-24		8.842.583
	4100	HSE-24		5.094.471
	4100	HSE-24 ST		5.238.530
AGRALE/DEUTZ	BX-90			19.670.933
	BX-4.90			26.585.042
	BX-100			23.391.837
	BX-4.110			30.035.986
	BX-130			28.180.629
	BX-4.130			36.338.890
CASE	580H AX			65.757.900
	W 18			75.921.300
	W 20B			94.332.875
	W 36B			171.758.600
	80 CR			151.320.000
	80 P			173.556.500
CATERPILAR				
	D4E-SR			78.674.867
	D6D-SR			148.349.732
	D6D-PS			192.946.770
CBT	8240			18.901.439
	8440			19.178.200
	2105	TMM/STD		23.085.020
	8060	4x4		25.746.468
	8450	4x4		29.870.886
	8060	4x4		35.084.874
	8260	4x4		34.968.304
	8240	CC		16.044.185
	8440	CC		15.335.818
	2105	CC		21.261.529
ENGESA	1128-CF			75.845.745
	1428-CF			90.279.280
	923-CF			78.102.969
	815-CA			54.130.654
FORD	4610		14.9/13x28	10.033.359
	5610		16.9/14x30	11,701.701
	5610	4x4	18.4/15x30	15.105.323
	6610		13.6/12x38	13.885.155
	6610	4x4	18.4/15x34	17.127.383
	7610		18.4/15x34	16.028.316
	7610	4x4	18.4/15x34	19.973.563
	7810	4x4	18.4/15x34	22.612.525
FIATALLIS	7D			87.701.174
	FD9C0			129.297.808
	FD9E0			126.311.069
	FA120			114.841.103
	14CTC0			188.405.179
	14CTE0			185.090.041

	MODELO	TIPO	RODAGEM	PREÇO
KOMATSU	D30E			64.809.701
	D50A			95.034.259
	D50P			112.188.762
	D60E			167.847.736
	D60F			181.373.758
	D6SE			178.110.632
	D73E			204.827.257
MAXION	MF 235			12.873.899
	MF 235 E			12.458.931
	MF 265			17.725.523
	MF 265 E			17.478.120
	MF 265/4			23.398.604
	MF 275			27.327.774
	MF 275/4			26.597.969
	MF 272 E			20.457.877
	MF 290			23.281.124
	MF 290/4			29.734.720
	MF 290/RA			20.881.362
	MF 290/MS			15.884.992
	MF 292			26.581.571
	MF 292/4			34.002.704
	MF 297			28.342.275
	MF 297/4			37.646.554
	MF 299			35.332.425
	MF 299/4			43.823.542
	MX 9150			45.392.505
	MX 9170			50.490.590
MÜLLER	TM 12	c/teto solar simples		42.847.862
	TM 12	c/teto solar duplo		46.341.252
	TM 14	c/teto solar simples		53.038.422
	TM 14	c/teto solar duplo		57.808.754
	TM 17	c/teto solar simples		64.985.682
	TM 17	c/teto solar duplo		68.462.721
	TM 25	c/teto solar duplo		75.569.420
	TM 25	cabine/duplo		78.391.142
	TM 31	c/teto solar duplo		102.876.964
	TM 31	cabine/duplo		106.717.406
SANTA MATILDE				
	SM 370	C		20.375.000
	SM 400	CR		10.380.859
	SM 500	CR		13.100.000
VALMET	68	ESP		14.347.375
	68	STD		15.501.818
	78	ESP		15.931.184
	78	STD		17.887.754
	885	MILT		23.763.142
	885	PCR		17.226.810
	885	4x4 MULT		30.615.891
	985	4x2 MULT		27.063.594
	985	4x4		35.237.352
	1180	4x4 MULT		38.765.534
	1280	4x2		30.061.112
	1280	4x4		43.370.536
	1580	4x4		53.819.822
	1780	4x4		59.733.283
YANMAR	TC 11			4.409.834
	1040 STD			11.783.575
	1050 DSTD			14.580.113

ESCOLHA SUA COLHEDEIRA

	MODELO	TIPO	RODAGEM	PREÇO
IDEAL	9075	grão		46.542.512
	9075	arrozeira		44.784.039
	9075	grão turbo		48.969.322
LAVRALE	L 300	arrozeira/direto		28.854.340
	L 300	p/cereais		23.400.835
	L 300	p/milho		25.103.098
LEILA	LEILA 2	esteira		14.650.000
	LEILA 2	roda		13.685.000
	LEIAL 1	esteira		12.700.000
	LEILA 1	roda		11.730.000
MASSEYFERGUSON	3640	arrozeira		31.980.864
	5650	grão		34.608.502
	5650	arrozeira		33.429.958
	5650	grão turbo		36.539.783
	5650	arroz turbo		35.396.597
	1134	plataforma de milho		6.227.686
	1144	plataforma de milho		7.648.512

	MODELO	TIPO	RODAGEM	PREÇO
NEW HOLAND	8040	arroz irrigado		35.453.037
	8040	trigo e soja		36.477.809
	8040	arroz sequeiro		35.931.171
	8055	arroz irrigado		40.398.704
	8055	trito e soja		41.374.567
	8055	arroz sequeiro		41.007.528
SANTA MATILDE				
	5105			28.155.200
	1200			25.991.125
SLC	6200	versão básica (S/PC)		21.655.557
	6200 turbo	c/motor turbo (S/PC)		23.581.318
	6200 H/4	transmissão hydro(S/PC)		25.895.835
	6200 H/4 T	turbo hidrostático (S/PC)		27.821.596
	6200	versão arrozeira (S/PC)		22.521.681
	6200 turbo	c/motor turbo (S/PC)		24.447.441
	6200 H/4	transmissão hydro(S/PC)		26.761.957
	6200 H/4 T	turbo hydro (S/PC)		28.687.717
	Série 200	plataformas		
	PC 213	corte 13 pés rígida		4.641.741
	PC 216	corte 16 pés rígida		4.690.495
	PC 273	corte 13 pés flexível		4.897.797
	PC 216	corte 16 pés flexível		4.954.752
		controle aut. p/flexível		866.273
	PM 3209	p/milho 3 linhas regul.		5.977.897
	PM 4209	p/milho 4 linhas regul.		8.130.211
	CE 6200	conjunto de esteiras 5R		6.104.305

OBSERVAÇÕES:

1) Os preços são posto-fábrica, fornecidos em novembro
2) Preços para região Sul/Sudeste
3) Todos os preços foram confirmados

CARRETA GRANELEIRA ARROZEIRA (M-LEVE)

Modelos 60 - 80 - 120 sacos.

Para transporte de cereais durante a colheita, a Graneleira (M-Leve) é a melhor solução.
Foi desenvolvida para facilitar o trabalho de manejo da produção, transitando com segurança em qualquer tipo de terreno.
Com características de construção leve e simples, mas robusta, transporta mais carga útil, proporcionando maior rendimento e economia para o agricultor.

***Este produto pode ser adquirido via Finame Agrícola Simplificado.**

MASAL
IND. DE MÁQUINAS AGRÍCOLAS

Rua Alfredo Caetano, 2
Fone: (051)6621066
Telex: (051)5419
Fax: (051)662.1378
CEP 95500
Santo Antônio da Patrulha-RS

NOVIDADES NO MERCADO

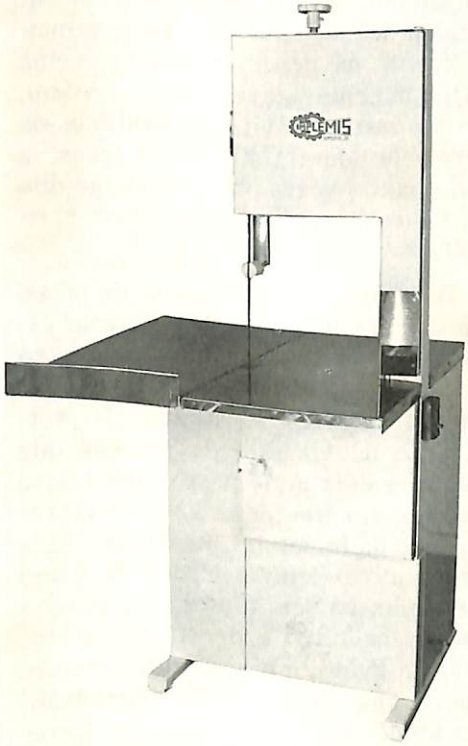
Vermífugo para eqüinos — A Purina lança um novo vermífugo em pasta, para eqüinos. Puriequi tem grande espectro de ação, combatendo todos os tipos de verminoses. Age inclusive sobre tênias dos eqüinos. Na versão composta, com Triclorfon, o vermífugo também controla habronemose e gasterofilose. **Purina Nutrimentos Ltda., av. Nações Unidas, 13.797, bloco III, 18º andar, São Paulo/SP, CEP 04794, fone (011) 531-7755.**

Informatização — Programa de computador para controlar os dados de produtividade, produção e reprodução do rebanho leiteiro. A versão 2.0 do programa Sysgen traz várias implementações, como a possibilidade de parametrizar a edição dos relatórios e a de utilização do software por várias empresas, compartilhando programa, equipamento e operador. Para utilizar o programa é necessário um microcomputador com o padrão IBM-PC, com mínimo de 640 KBytes de memória RAM, disco rígido e impressora. **Factu Assessoria Integrada, rua Nazaré Paulista, 261, CEP 05448, São Paulo/SP, fone (011) 262-9854.**

Antibiótico para aves — O Gentocin 10ml combate as infecções precoces que ocorrem nos incubatórios, tais como salmonelose, colibacilose e pseudomonas. O produto é de fácil aplicação. Um único frasco de 10ml trata 2.000 pintos ou 800 peruzinhos. **Indústria Química e Farmacêutica Schering Plough S.A., Estrada dos Bandeirantes, 3.091, Jacarepaguá, Rio de Janeiro/RJ, CEP 22775, fones (021) 342-8509 ou 342-7000.**

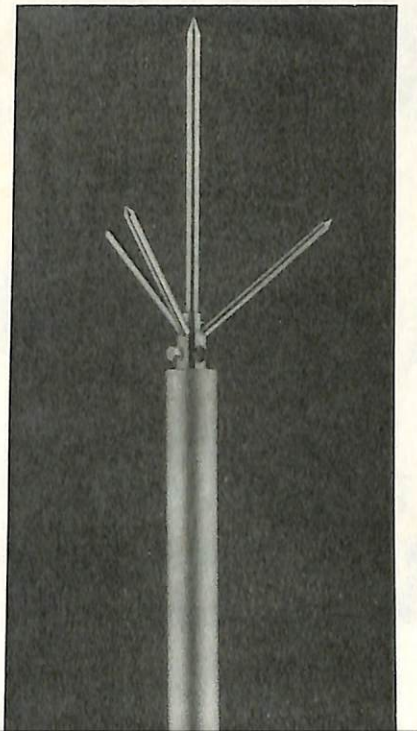
Vagão forrageiro — Dotado com o sistema rodante "Tanden", de um só eixo, com quatro pneus, o vagão VN-8 permite ao usuário desenvolver manobras com grande facilidade e com giro sobre rodas, reduzindo consideravelmente o tempo de manobra. Além disso, aumenta a segurança do transporte de carga, uma vez que o trator recebe parte do peso do vagão no engate. Tem capacidade de carga de 8m3. Dispõe de uma esteira metálica que permite a descarga automática, operação que pode ser realizada pela dianteira ou traseira do vagão, em duas velocidades, com duração máxima de quatro minutos. **Nogueira S.A. Máquinas Agrícolas, rua 15 de Novembro, 781, CEP 13970, Itapira/SP, fone (0192) 63-3000.**

Lançadora de esterco sólido — Carreta com capacidade de carga de sete toneladas (modelo LEC 7) e dez toneladas (modelo LEC 10). O sistema de lançamento do esterco é constituído por duas roscas dotadas de pequenas barras soldadas em seus corpos, que giram a 325 rpm. A distância de lançamento é de aproximadamente 4m. Opcionalmente, a máquina pode ser dotada de uma terceira rosca na parte inferior, com o objetivo de espalhar esterco mais fino ou muito úmido. O conjunto de roscas pode ser removido integralmente, permitindo o uso da máquina no transporte de forragem ou outro material que possa ser descarregado pela traseira, através da esteira. **Casale Equipamentos Ltda., rodovia Washington Luiz, km 237, São Carlos/SP, CEP 13560, fone (0162) 71-3099.**

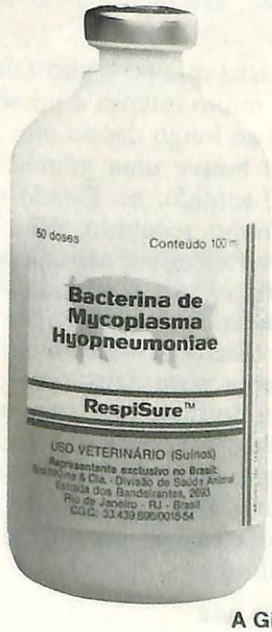


Serra-fita para carne — Estrutura principal construída em chapa de aço 3mm, que proporciona excelente rigidez e durabilidade, além de evitar vibrações. A parte móvel da mesa IP-22 possui suave deslocamento sobre esferas de aço, e seu curso é de 530mm. O peso total da peça é 140kg. O motor é monofásico, para 110 ou 220 volts. **Implemis Indústria de Máquinas e Implementos Agrícolas Ltda., av. Borges de Medeiros, 626, CEP 98900, Santa Rosa/RS, fone (055) 512-2090 ou 512-2433.**

Paraklin no campo — Especializada em projetos, fabricação, implantação e assistência técnica de pára-raios, a Paraklin criou o seu departamento rural. A empresa oferece gratuitamente um levantamento de dados para a instalação do equipamento em propriedades rurais. No Estado de São Paulo, o levantamento é feito no local. Nos outros estados, o interessado deve enviar uma planta do local a ser protegido. **Paraklin Indústria e Comércio Ltda., rua José de Campos Novais, 216, CEP 02834, São Paulo/SP, fone (011) 875-6677, fax (011) 875-7620.**



Vacina para suínos — Para evitar que a pneumonia micoplásmica dos suínos se transforme em pneumonia crônica, como costuma acontecer nos médios e grandes rebanhos. O novo produto, Respisure, praticamente elimina as reações inflamatórias típicas da aplicação de antibióticos. De acordo com o fabricante, as lesões pulmonares dos suínos vacinados com Respisure foram reduzidas em até 92%. É apresentado em frasco de 100ml, que deve ser totalmente utilizado depois de aberto. **Smithkline Beecham Saúde Animal, Av. das Américas, 4.790-s/527, Rio de Janeiro/RJ, CEP 22640, fone (021) 325-1516.**



O problema da agricultura é um problema político

O governador de São Paulo tem demonstrado grande sensibilidade ao dispensar à nossa agricultura um outro tratamento. O problema da agricultura é eminentemente político. É um problema de consciência, não por parte dos governantes apenas, mas da sociedade brasileira como um todo, da importância da agricultura. É absolutamente surpreendente o fato de que a agricultura tenha passado a ser considerada, em nosso país, algo primário. Tornou-se chique falar de indústrias, de problemas urbanos, e brega falar de problemas agrícolas. Quando vão ser demitidos 4.000 funcionários da Autolatina, todos os ministros se reúnem, e resolve-se o problema. Enquanto isso, milhares e milhares de produtores rurais são expulsos diariamente do campo, sem que haja nenhuma comoção maior. O problema é que o voto não está mais no campo. Está na cidade. O vereador não se elege mais no campo, e, sim, na cidade. O prefeito, da mesma forma. E os deputados estaduais, igualmente, são eleitos pelo voto urbano.

É por isso que eu tenho feito uma pregação muito intensa e posso constatar que, ao longo desses oito meses, realmente houve uma grande evolução nesse sentido, no Estado de São Paulo. Tenho recebido, com muita alegria, prefeitos que não apenas discutem o trator que eles querem receber da Secretaria, ou o botijão de sêmen, mas discutem efetivamente política agrícola para seus municípios. Acho que, de fato, esse engajamento dos prefeitos e vereadores, incluindo o problema da agricultura, é muito importante, porque até então o máximo que eles faziam era chorar junto aos agricultores.

José Antônio Barros Munhoz, deputado estadual, foi convidado pelo governador Fleury para ocupar a Secretaria de Agricultura de São Paulo

A Secretaria de Agricultura de São Paulo sofreu duas ordens de impacto. Primeiro, a desvalorização da própria agricultura. Ela perdeu importância política. Em segundo lugar, vale registrar a deterioração do serviço público. É algo absolutamente impressionante o ponto a que chegou o serviço público no Brasil. Choca até quem pertence a ele, ou pertenceu. Não é apenas inchaço, mas também uma desmotivação total, uma falta de métodos modernos de atuação, que façam com que os funcionários se engagem nas suas tarefas. Vejo, principalmente na pesquisa, um problema extremamente grave e sério. Assim, nossos institutos viraram institutos de produção de trabalhos de teses, a maioria das vezes profundamente dissociados da realidade da nossa agricultura.

> “Vale registrar a deterioração do serviço público. É algo impressionante. Choca até quem pertence a ele, ou pertenceu.”

Além disso, grande parte de nosso pessoal dos institutos de pesquisas está fora. Uns 400 pesquisadores estão viajando pelo mundo. Na minha mesa chegam papéis para assinar, de prorrogação de viagem, de pessoas que estão há dois anos passeando. Outro dia eu perguntei o que a fulana estava fazendo na Inglaterra. Resposta: “está estudando o leite”. “Mas eu estou querendo, há seis meses, um programa de incentivo à produção de leite em São Paulo, e ninguém me atende. Mande chamar essa moça. Quem sabe ela tem algum subsídio a me fornecer.” Não é uma crítica aos pesquisadores. É uma crítica ao serviço público. Também não sou daqueles que acham que temos que acabar com ele. O problema é realmente a eficiência. A gente não vê nenhuma técnica de recursos humanos válida, no funcionalismo. Quer dizer, não há o sistema do mérito. É um problema extremamente sério, um grande desafio que nós temos pela frente, mesmo porque o governador Fleury colocou como meta a modernização, a racionalização do serviço público.

Trabalhando sempre para merecer sua confiança.

Os empresários do campo sabem que o maior tesouro escondido na terra é a agricultura. Os que concentram esforços na atividade agrícola, reinvestem no próprio negócio, modernizam as técnicas, usam equipamentos adequados, planejam e administram seu negócio como toda atividade empresarial séria, sempre têm uma colheita a peso de ouro. A SLC acredita que seguir esses bons exemplos que vêm do campo é o melhor caminho para se chegar ao mapa da mina da produtividade. Empresário do campo, invista no seu negócio.

SLC

HORIZONTINA - RS - BRASIL - Fax (055) 537-1844 - Tel. (055) 537-1322

ESCALA